



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



ROBERTO SOUZA COSTA

HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA:
as memórias da paisagem do bairro Carananduba, na ilha de Mosqueiro, Belém-PA.

ANANINDEUA-PA
2023

ROBERTO SOUZA COSTA

HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA:

as memórias da paisagem do bairro Carananduba, na ilha de Mosqueiro, Belém-PA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/ Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos Chaves.

ANANINDEUA-PA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C837h Costa, Roberto Souza.
História local e ensino de história : as memórias da paisagem do
bairro Carananduba, na ilha de Mosqueiro, Belém-PA / Roberto
Souza Costa. — 2023.
143 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2023.


1. ensino fundamental. 2. ensino de história. 3. história
urbana. 4. história local. I. Título.


CDD 907

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE

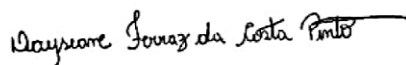
ROBERTO SOUZA COSTA

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Túlio Pinho de Vasconcelos Chaves e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos e Profa. Dra. Dayseane Ferraz da Costa Pinto, reuniu-se no dia 12 de junho de 2023, às 09:00 horas, nas dependências do Campus Ananindeua, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando ROBERTO SOUZA COSTA intitulada: "História Local e Ensino de História: as memórias da paisagem do Bairro do Carananduba, na ilha de Mosqueiro, Belém - PA." Após explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi **Aprovada**, com conceito **Excelente** pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.


Prof. Dr. Túlio Pinho de Vasconcelos Chaves
Orientador

 Documento assinado digitalmente
CARLOS AUGUSTO DE CASTRO BASTOS
Data: 21/06/2023 15:39:40-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos
Membro da Banca / PROFHISTÓRIA /UFPA



Profa. Dra. Dayseane Ferraz da Costa Pinto
Membro Externo da Banca / SECULT /PA

Este trabalho é dedicado aos amores que não passam: meu pai Ademar (*In memoriam*), minha mãe Osmarina e minha irmã Eliana, sem vocês eu não seria quem eu sou e nem teria alcançado mais essa vitória.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é a atitude mais justa de reconhecimento que eu encontrei, por todas as formas de ajuda e apoio que recebi de tantas pessoas queridas e que estiveram comigo, durante mais uma etapa de minha vida acadêmica que se encerra com este trabalho.

Meu sincero agradecimento à minha grande amiga Daniella Moura que sempre acredita em mim, quando eu não sou capaz de acreditar, a motivadora primeira de meu ingresso no programa de pós-graduação em ensino de História.

Aos amigos que o mestrado me deu, “Os Qualificados”: Fernanda, que com paciência e atenção, lia tudo aquilo que eu escrevia. Girsá que sempre me mostrou como meu trabalho poderia dialogar com tantos autores e Werner, o pensamento positivo do grupo que, mesmo nas dores, parecia nunca desanimar. Gratidão por esses amigos, ninguém soltou a mão de ninguém, ainda que por muito tempo fossemos apenas amigos virtuais, vozes em arquivos de áudio, palavras em caracteres, rostos reduzidos aos tamanhos de telas.

Ao amigo Leonardo (Leozinho), obrigado pelo olhar crítico que muito me ajudou no começo de nossos estudos.

Sou grato ao meu orientador, o professor Dr. Túlio Chaves, com quem aprendi como a História Urbana poderia dialogar com a história do lugar onde moro e como isso é necessário ao ensino da disciplina História. Em todos os momentos de orientação sempre recebi novos desafios, sugestões e críticas que despertavam, em mim, a certeza de que estávamos encontrando os melhores caminhos. Em meio a tantas limitações e dificuldades, provenientes de um contexto pandêmico, tive a alegria de contar com a serenidade, empatia e paciência de meu orientador.

Agradeço aos alunos e alunas que participaram das atividades por mim propostas, tenho a plena convicção de que tudo poderia ter sido melhor, se estivéssemos em condições de “normalidade”, e de quanto sofreram com as intempéries advindas de uma pandemia que deixou consequências gravíssimas à formação escolar de milhares de estudantes. Tentei ser leve com eles, porque todos nós carregamos nossas cruces naquele momento.

Às professoras que participaram da pesquisa, agradeço a disposição em responder um questionário on-line, pois sei o quanto é difícil reservar tempo para algo assim, depois de tantas reuniões virtuais, tanto tempo de trabalho em frente a tela de um computador ou celular, e tantas atividades e provas para corrigir ao final do dia.

Minha gratidão aos senhores e senhoras, moradores do bairro, que participaram das entrevistas, abriram os livros de memórias de suas vidas e compartilharam histórias tão belas e

inspiradoras, suas lutas, dores, amores e labores. Tão importante foi registrar essas histórias e preservar tantas memórias, fontes vivas de saber, historicidades de humanidades que merecem o devido reconhecimento.

Agradeço também à minha sempre professora e historiadora Adélia Valente, responsável por minha paixão pela História e que colaborou com minha pesquisa.

Meu especial “muito obrigado” a Marcelo Nunes, responsável pela concretização da dimensão propositiva desta dissertação, sempre disponível, atento e muito paciente, tendo que lidar muitas vezes com minha pressa, meu perfeccionismo exagerado, com minha terrível capacidade de querer me intrometer naquilo que eu não sabia fazer, acabou por perder horas de sono por minha culpa, mas sempre me incentivou a continuar, a concluir, a vencer.

Sou grato ao amigo bilíngue Rodrigo Lima por seu esforço em compreender minhas palavras e traduzi-las com excelência.

Gratidão à “Dona Maria” e ao “Seu Chico”, minha avó que coleciona tantas memórias e a meu avô que foi contar suas piadas e “causos” lá no céu. Esse amor nordestino que um dia registrei e que me despertou para a história do meu bairro.

Minha eterna gratidão às três pessoas mais importantes da minha vida, aos amores que não passam:

Ademar Costa, o pai mais apaixonado do mundo, o meu gigante mais gigantesco de todos, o carpinteiro habilidoso que fez os meus melhores brinquedos, o homem humilde que nunca esteve em uma sala de aula, mas sempre me quis lá, mesmo quando a criança birrenta que um dia eu fui tentava se recusar a isso.

Osmarina Costa, a melhor professora que eu tive e tenho, a mãe que, por minhas imperfeições, não sou merecedor, mas me declaro dela necessitado, que lidou com o mestrandando dentro de casa, com o meu estresse, com a minha inquietação, mas que nunca duvida de minhas capacidades, mesmo quando eu questiono todas elas.

Eliana Costa, minha irmã que ama cuidando e não falando, que torce por mim, como eu torço por ela e que, literalmente, dá sabor e tempero à família.

Agradeço, de modo especial, à coordenação e ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de História por todo conhecimento fomentado, construído e compartilhado, bem como à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento desta pesquisa.

E, por último, e nunca menos importante, sou grato a Deus, que me deu a vida, a família, os amigos e todas as demais bênçãos e forças para que eu chegasse até aqui.

Gratidão!

“Prefiro aquele tempo das noites em que ‘faltava luz’ e podia ver a dança dos vaga-lumes na frente de casa. Ah! Sinto saudade daquele tempo, quando nossos avós acendiam lamparinas e a chama, nascida do querosene, parecia um ser vivo que passava a noite a contrariar a escuridão, esta, por sua vez, não nos colocava medo algum, a não ser quando alguém falava de alguma visagem que aparecia por ali. Costumo dizer que as visagens foram embora da ilha para algum lugar mais seguro, infelizmente. [...]

Tudo isso acontecia nas noites ‘sem luz’, crianças brincavam de roda, avós faziam chás em fogões a lenha, pessoas conversavam ao som das melodias de grilos e sapos, janelas não eram fechadas e nossas casas não precisavam de grades, tampouco nossos quintais necessitavam de muros”.

Roberto Costa

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo promover um ensino de História, a partir de memórias sobre o bairro de Carananduba, na ilha de Mosqueiro, Belém-Pa., propiciador de aprendizagens significativas aos alunos e alunas do oitavo e nono anos do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Prof.º Abelardo Leão Condurú, que possibilite a construção e percepção de diferentes modos de ver, sentir e pensar o bairro, valendo-se de pressupostos teóricos da História Urbana, compreendendo a importância da construção e valorização da história local, ao mesmo tempo, em que esta última é utilizada como ponte necessária à compreensão de contextos mais amplos, realidades maiores nas quais o local está inserido. Para a execução do trabalho, foram propostos diferentes tipos de atividades, dentro e fora do espaço escolar, valendo-se da aplicação de questionários a discentes (público-alvo da pesquisa), utilização de fontes de natureza diversa e realização de entrevistas com moradores locais. Para entrevistar moradores, utilizou-se a metodologia da história oral, o que exigiu momentos de preparação e orientação, bem como de elaboração de roteiro de entrevistas. Com as atividades propostas, buscava-se estimular discentes a assumir uma atitude historiadora em relação à leitura e análise das fontes e o fomento ao reconhecimento da historicidade de si, dos outros e do local onde habitam. Aplicou-se também para professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental um questionário “on-line” com vistas a compreender como estes realizavam atividades voltadas ao estudo da história local. Todo o material obtido foi analisado tendo por base técnica de análise conteúdo categorial temática. A partir disso, foi possível perceber o que os discentes possuíam de conhecimentos sobre a história do local onde habitam e, além disso, visualizar os aspectos positivos e as limitações das práticas docentes destinadas ao estudo do local. A dimensão propositiva desta dissertação constitui-se num “site” direcionado a docentes, fundamentalmente, e espera-se que lhes sirva como norte para suas práticas de ensino voltadas ao estudo da história local, aliado a isso, que se constitua num espaço de compartilhamento de conhecimento em constante crescimento e de divulgação de outras experiências de ensino do gênero.

Palavras-Chaves: Ensino de História; História Local; História Urbana; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This dissertation has as purpose to promote history teaching through the memories of Carananduba neighborhood in Mosqueiro island, Belém – Pará, offering a significant learning to the eighth and ninth period students on elementary level from “Prof. Abelardo Leão Conduru School”, to support a construction and perception of seeing, feeling and think about the neighborhood, taking as a theoretical assumption the urban history, understanding the importance of building and valuing local history, this last one is used as a necessary connection to understand a broader context in which the neighborhood is inserted. Various activities were proposed to execute this work in and out of school, such as applying questionnaire to students using different sources and interviewing the local people. For the interviews the methodology of oral history was used, it demanded preparation and guidance, for instance an elaboration of an interviewing script. . The proposed activities search to encourage students to assume a historian attitude in relation to the reading and analysis of sources and promotion of the recognition of the historicity of themselves, others and the place where they live. An online questionnaire was also applied to teachers that teach to elementary school in order to understand how they establish activities focusing on local history. All the material obtained was analyzed based on the technique of thematic categorical content analysis. From this, it was possible to notice what knowledge the students had about the history of the place where they live and, in addition, to visualize the positive aspects and the limitations of teaching practices aimed at the local studies. The propositional dimension of this dissertation constitutes a website to teachers and it is expected that it will serve as a guide for their teaching practices focused on the study of local history, allied to this, that it constitutes a space for sharing of knowledge in constant growth and dissemination of other teaching experiences of the genre.

Keywords: History Teaching, Local History, Urban History, Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa distância entre Belém e Mosqueiro.....	33
Figura 2 -	Mapa da ilha de Mosqueiro.....	34
Figura 3 -	A praia de Carananduba.....	38
Figura 4 -	A capela de Nossa Senhora da Conceição.....	51
Figura 5 -	Foto "A Progressista".....	52
Figura 6 -	A Rodovia Engenheiro Augusto Meira Filho.....	54
Figura 7 -	Palmeiras de Caranã (fotografia)	56
Figura 8 -	A escola campo.....	58
Figura 9 -	Dados sobre matrícula e frequência de escolas.....	60
Figura 10 -	Certificado de conclusão de Ensino Primário.....	61
Figura 11 -	Certificado de conclusão de 1º Grau.....	62
Figura 12 -	Alunos em atividade inicial (foto)	68
Figura 13 -	Pessoas caminhando pela rua “Ramal do D.M.E.R”	99
Figura 14 -	Aluna Maria Entrevistando sua bisavó.....	122
Figura 15 -	Abas do site.....	145
Figura 16 -	Layout de apresentação das atividades desenvolvidas.....	146
Figura 17 -	Captura de tela (minutagem de entrevista)	148
Figura 18 -	Espaço para postagens do visitante.....	149
Figura 19 -	Área de compartilhamento de planos de aulas.....	151
Figura 20 -	Área do site destinado a divulgação de blogs.....	152
Figura 21 -	O Mural local.....	153
Figura 22 -	Mapa distância entre Belém e Mosqueiro.....	154

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de respostas à pergunta 01.....	72
Gráfico 2 - Percentual de respostas à pergunta 1 (turma A)	77
Gráfico 3 - Percentual de respostas obtidas com a pergunta 01 (turma B).....	79
Gráfico 4 - Percentual de resposta obtidas com a pergunta 02 (turma B).....	80
Gráfico 5 - Percentual total de respostas à pergunta 01.....	87
Gráfico 6 - Percentual total de respostas à pergunta 02.....	88
Gráfico 7 - Percentual de temas recorrentes nas produções textuais discentes.....	108
Gráfico 8 - Percentual de professoras que responderam o questionário on-line.....	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Análise de produção textual (discente João).....	101
Tabela 2 -	Análise de produção textual (discente Cláudio)	102
Tabela 3 -	Análise de produção textual (discente Carlos).....	103
Tabela 4 -	Análise de produção textual (discente Kayo)	104
Tabela 5 -	Análise de produção textual (discente Luna).....	105
Tabela 6 -	Análise de produção textual (discente Maria).....	106
Tabela 7 -	Análise de produção textual (Discente João).....	123
Tabela 8 -	Análise de produção textual (discente Maria)	124
Tabela 9 -	Análise de produção textual (discente Isaque)	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	120
------------------	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA LOCAL: A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, A HISTÓRIA URBANA NO ENSINO DE HISTÓRIA E PRÁTICA DOCENTE DE UM PROFESSOR DO LOCAL.....	19
1.1. A prática docente: o professor-pesquisador e sua relação com a memória do bairro..	28
1.2. O bairro Carananduba em paisagens de fontes e memórias.....	32
1.3. A Escola Abelardo Leão Condurú como elemento integrante da história do bairro...	57
2. EXPERIÊNCIAS SOBRE HISTÓRIA LOCAL: IMPORTÂNCIA, CONHECIMENTOS, MODOS DE COMPREENSÃO E CONSTRUÇÕES DA PAISAGEM E MEMÓRIA DO BAIRRO.....	65
2.1. Sobre intempéris advindas do contexto pandêmico: um prólogo necessário.....	65
2.2. Percepções discentes sobre história local.....	69
2.3. A multiplicidade do conceito de Paisagem.....	89
2.4. A paisagem em produções textuais.....	96
2.5. Trabalhando com fontes: o bairro em notas de Jornais.....	109
2.6. Trabalhando com fontes orais: a realização das entrevistas.....	118
2.7. História local nos anos iniciais: percepção e metodologias dos professores.....	129
3. A DIMENSÃO PROPOSITIVA: COMPARTILHANDO A EXPERIÊNCIA..	140
3.1. A ferramenta para construção do site e suas características.....	141
3.2. Descrevendo o site.....	142
3.2.1. Abas iniciais.....	143
3.2.2. Compartilhando atividades.....	145
3.2.3. Do local ao macro: planos de aulas, exemplificando.....	150
3.2.4. Memórias do local.....	152
3.2.5. Um espaço de divulgação em construção.....	152
3.2.6. O “Mural Local”.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
REFERÊNCIAS.....	157
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	164
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO.....	165
APÊNDICE C – TABELAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	167
APÊNDICE D – MODELO DE CARTA DE CESSÃO.....	176

INTRODUÇÃO

Quando a pesquisa, que gerou a presente dissertação, foi iniciada, mesmo em meio a tantas incertezas, algo estava bem definido para o professor-pesquisador, ou seja, independente de tudo o que poderia ser feito, a história local seria presença marcante naquilo que fosse passível de realização.

O ímpeto por parte do professor-pesquisador de decidir pela história local, antes mesmo de saber como construir o trabalho ou que caminho seguir para chegar aonde se deveria chegar, assim se explica pela condição na qual o docente se encontra. Isto é, antes de qualquer outra posição ou papel que este último possa ocupar ou desenvolver, o professor pesquisador é nativo do lugar.

Nascido e enraizado há 42 anos na ilha de Mosqueiro, distrito administrativo de Belém, o professor assume-se como um habitante local e como participante do local, mais especificamente, do bairro Carananduba, onde exerce seu magistério. Logo, o professor encontrou na pesquisa uma possibilidade de demarcar o espaço deste bairro na historiografia local e, fundamentalmente, reconhecendo sua responsabilidade em relação a “tutela” de memórias (PESAVENTO, 2004) que necessitam ser preservadas, aspirou utilizá-las, dando-lhes um sentido pedagógico, promovendo o ensino de sua disciplina.

Para a realização das atividades de pesquisa escolheu-se a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof^o Abelardo Leão Condurú, na qual o professor-pesquisador estudou por sete anos. Instituição cuja história se faz arraigada à história do bairro, nascida das necessidades de moradores locais que anos atrás viam-se obrigados a percorrer longas distâncias para concluírem seus estudos. O público-alvo, e ao mesmo tempo participante, da pesquisa foi constituído por alunos e alunas que cursavam oitavo e nono anos do Ensino Fundamental.

A pesquisa nasceu como reflexo de um conjunto de vivências do professor-pesquisador que foi um estudante no bairro e, por sua vez, não vivenciou experiências de estudos voltadas à história local nos anos finais do Ensino Fundamental. Aliado à isso, têm-se a constatação do docente, quando da época em que se tornou estudante do Curso de História da Universidade Federal do Pará, e realizou sua primeira pesquisa sobre o bairro (necessária a produção de seu trabalho de conclusão de curso), que no conjunto das produções historiográficas sobre a Ilha de Mosqueiro, Carananduba é pouco citado, logo a história do bairro mostrava-se carente de registros, considerando que há urgência em preservar a memória de uma história vivida por antigos moradores do bairro.

Considerando o exposto, fez-se o seguinte questionamento: por que, nos anos finais do Ensino Fundamental, não se estuda a história do local onde vivem os alunos e alunas? Tendo em vista que estes discentes já apresentariam maior capacidade de abstração e maturidade cognitiva para realizar atividades de pesquisa sobre a história de seu bairro e assim colaborar para o registro desta última conferindo-lhe também utilidade pedagógica.

Afinal, os programas de ensino da disciplina História, nos anos iniciais da referida etapa da Educação Básica, são compostos significativamente pelo estudo de questões ou elementos locais: a família, a comunidade, o bairro, a cidade, como previsto pela Base Nacional Comum Curricular. Entretanto, nos anos finais do Ensino Fundamental, vê-se o “local” diluir-se, dando vez, aos objetos do conhecimento que são próprios da História Geral, por exemplo.

Convém ressaltar que o estudo da história de Carananduba, foi compreendido não como marcado por um localismo limitante e ufanista, para além disso, determinou-se na pesquisa que estudar sobre bairro só poderia alcançar real justificativa se essa história servisse como “ponte” para que alunos e alunas pudessem, partindo do que lhes é próximo, compreender questões mais gerais.

Dessa forma, objetivou-se promover um ensino de História (a partir de memórias sobre o bairro de Carananduba), propiciador de aprendizagens significativas aos alunos e alunas, público-alvo da pesquisa, que possibilitasse a construção e percepção de diferentes modos de ver, sentir e pensar o bairro, a partir de pressupostos teóricos da História Urbana, compreendendo a importância da construção e valorização da história local, ao mesmo tempo, em que esta última é utilizada como ponte para compreensão de contextos mais amplos, realidades maiores nas quais o local está inserido.

Faz-se necessário afirmar que a utilização da História Urbana, no ensino de História, revelou-se como um elemento de grande contribuição para as atividades desenvolvidas. Pois, à primeira vista, pode parecer antitético recorrer a uma história que se ocupa em refletir sobre a cidade, os centros urbanos, os cidadãos e tudo o mais que se possa relacionar à História Urbana. Contudo, foram as reflexões de autores como BRESCIANI (2022), CERTEAU (1998), CORBIN (1998), BARROS (2007), PESAVENTO (2004), entre outros, que em muito foram utilizadas para melhor compreender as formas de lembrar o passado do bairro citado.

Nesse sentido, valer-se da História Urbana para o ensino de História, tendo como foco atividades voltadas ao estudo da história de Carananduba, permitiu aos participantes da pesquisa, discentes e docente, refletir sobre modos diferentes de vivenciar o local, bem como de lembrá-lo, ao mesmo tempo que favoreceu a compreensão das formas de apropriação e

as relações subjetivas que se estabelecem com um espaço que não é somente físico, mas também histórico.

A presente dissertação se encontra estruturada em três seções.

Na primeira, discute-se sobre a BNCC, compreendendo as limitações e críticas próprias do documento, ao mesmo tempo em que se destaca como neste documental se faz possível defender a realização de atividades voltadas para o estudo de questões locais em anos finais do Ensino Fundamental, valendo-se de fontes de natureza diversa, presentes no cotidiano dos alunos, como jornais, fotografias, documentos pessoais, entre outros. Concomitantemente, busca-se na História Urbana colaborações ao ensino de História a partir da perspectiva local.

Na seção em questão, Carananduba é apresentado e com isso um pouco de sua história é narrada, tendo como base para tanto, autores como MEIRA FILHO (1978), LUSTOSA (1932), por exemplo, aliado ao uso de notas de jornais onde o bairro é citado, algumas fotografias e transcrições de depoimentos de moradores locais. Ainda se reservou espaço para apresentar o professor-pesquisador e autoanalisar sua prática, compreendendo-o como morador do local e ao fim desta seção, a escola campo é apresentada.

A seguir, as atividades realizadas são apresentadas, partindo da necessidade de compreender e analisar aquilo que os discentes tinham de bagagens de experiências sobre o estudo da história local e se compreendiam ou não a importância de estudar a história do bairro Carananduba. Nesta seção, faz-se a análise das atividades, que se valeram de fontes de natureza diversa, propostas aos discentes e como estas colaboraram para o aprendizado dos alunos e alunas envolvidos.

As atividades envolveram elementos ligados às formas de recordar o bairro, a compreensão do conceito de paisagem e a relação de tal conceito com a apreensão sensorial do bairro pelos estudantes, bem como, a leitura de fontes (jornais) e a realização de entrevistas com moradores do bairro. Os procedimentos analíticos destinados a tudo o que foi produzido pelos discentes valeram-se da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

Finalizando a seção, têm-se a análise de um questionário aplicado às professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esta etapa da pesquisa foi feita após a constatação de que grande parte dos discentes afirmaram não ter vivenciado ou não recordava de experiências pretéritas relacionados ao estudo de questões locais. Buscou-se “ouvir” docentes, com o intuito de compreender como estes percebiam a história local como elemento integrante seus planos de ensino e quais estratégias e/ou metodologias desenvolvem nesse sentido.

A terceira e última seção se ocupa da dimensão propositiva da pesquisa que resultou na construção de um site, que se destina, fundamentalmente, a professores e professoras da Educação Básica, visando servir como um espaço, não somente de divulgação da pesquisa realizada, mas também como um recurso metodológico que ofereça a docentes atuantes na ilha de Mosqueiro, ou não, elementos que os ajudem a construir seus próprios modos de ensinar História partindo de seus “locais”.

Espera-se que toda a discussão proposta na presente dissertação sirva à reflexão de que a história local pode ser estudada e utilizada na Educação Básica, para além dos anos iniciais do Ensino Fundamental e que, apesar das limitações e críticas provenientes e atinentes à BNCC, respectivamente, perceba-se nela um caminho que revela justificativas, possibilidades e contribuições da história local para o ensino da disciplina História, para tanto professores dos anos iniciais e anos finais necessitam de “oportunidades” (espaços formativos, trabalhos que exemplificam a tarefa, ou os inspirem a iniciar uma “empreitada” local), de igual maneira, alunos e alunas devem vivenciar experiências de estudos nesse sentido, que os coloquem no centro do processo de construção de conhecimento histórico escolar. Isto é o que se pretende fomentar com este trabalho.

O endereço de acesso ao site é: www.ensinandohistorianolocal.com.br

1. REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA LOCAL: A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, A HISTÓRIA URBANA NO ENSINO DE HISTÓRIA E PRÁTICA DOCENTE DE UM PROFESSOR DO LOCAL

Atualmente, são inúmeras as críticas tecidas em relação à BNCC. No presente trabalho, também reservou-se espaço para tanto, contudo é importante destacar que o caminho apontado por tal documental, no que se refere ao ensino da disciplina História, favorece a construção de experiências de ensino e aprendizagem que podem ser significativas aos alunos e alunas do Ensino Fundamental anos finais, bem como, aos professores e professoras que desta etapa de ensino se ocupam, se forem observados os “passos” sugeridos na BNCC, não para tê-los como regra imutável, mas como elementos colaboradores, no que diz respeito, ao ensino e aprendizagem da disciplina em questão.

Na BNCC, o estudo da história local é fortemente fixado nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sobre isso serão tecidas críticas mais adiante, entretanto, pode-se dizer que o referido documental não descarta e tampouco sugere que, nos anos finais da etapa de ensino em citada, seja o estudo da história local impedido de se fazer presente, uma vez que a contextualização dos conhecimentos construídos, em todo os anos do Ensino Fundamental, revela-se como uma das premissas da “Base”. Nesse sentido, recorrer aos contextos de vivência de alunos e alunas configura-se como um elemento importante para que a aprendizagem seja significativa e geradora de sentido, o que permite afirmar que voltar-se àquilo que é local para os estudantes, permite-lhes a possibilidade de desenvolverem habilidades caras à aprendizagem da disciplina em questão.

Assim, ao lançar um olhar mais atento às competências específicas da área de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental, pode-se perceber que, na escolha dos verbos ali presentes, um caminho é traçado que parte de compreender (a si e ao outro), analisar (o mundo social), identificar, comparar, explicar (a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade), interpretar e, por fim, construir (argumentos e conhecimentos).

Dessa forma, ao compreender este caminho, torna-se mais simples e justificável defender a ideia de que a vivência de experiências de ensino e aprendizagem relacionadas à história local se fazem necessárias e importantes para o desenvolvimento das habilidades da área de Ciências Humanas, ou seja, o “local” pode e deve se fazer presente nos anos finais do Ensino Fundamental. Nesse sentido:

O Ensino Fundamental – Anos Finais tem o compromisso de dar continuidade à compreensão dessas noções [temporalidade, espacialidade e diversidade], aprofundando os questionamentos sobre as pessoas, os grupos humanos, as culturas e os modos de organizar a sociedade; as relações de produção e de poder; e a transformação de si mesmos e do mundo. O desenvolvimento das habilidades voltadas para identificação, classificação, organização e comparação, em contexto local ou global, é importante para a melhor compreensão de si, do outro, da escola, da comunidade, do Estado, do país e do mundo. Dá-se, assim, um passo importante para a responsabilização do cidadão para com o mundo em que vive (BRASIL, 2018, p. 356).

Em relação à pesquisa realizada, que gerou a presente dissertação, a opção pelo direcionamento de um trabalho voltado à história local se fez com o intuito de promover um ensino que motivasse discentes a se envolverem e se reconhecerem na história de seu bairro. Pois, compreende-se que ensinar partindo dos contextos de vivências possibilita aprendizagens mais significativas.

Em outras palavras, quanto mais o ensino de uma determinada disciplina parte daquilo que é conhecido pelos discentes, maiores as possibilidades de construir um processo de ensino-aprendizagem que se faça efetivamente e afetivamente colaborativo, participativo e significativo para os sujeitos nele envolvidos.

Conforme já dito, compreende-se que a BNCC, como um documento de caráter normativo, aponta um caminho para o ensino da disciplina História e, de igual maneira, percebe-se em tal documento que são nos anos iniciais do Ensino Fundamental que se encontram os estudos destinados à história local.

Nesse sentido, há uma justificativa para tanto que considera o nível de desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida escolar e aquilo que se pode ou deve ensinar em termos de conhecimentos próprios da disciplina em questão, ou o que deve ser ensinado, que, por sua vez, é pensado como subsídio para aprendizagens futuras de conceitos mais complexos e objetos do conhecimento que exijam maior capacidade de abstração, por exemplo, próprios da disciplina História.

Assim, a BNCC apresenta de forma sistemática uma organização sequencial, no que se refere ao ensino de História, bem como, em relação aos demais componentes curriculares que compõem o Ensino Fundamental, por exemplo.

Destarte, pode-se perceber que antes de serem apresentados aos discentes, objetos do conhecimento relacionados aos grandes eventos, fatos e fenômenos da História, bem como antes que dos primeiros se exijam competências e habilidades mais complexas, propõe-se que nos anos iniciais do Ensino Fundamental sejam tratadas questões mais próximas ou próprias dos contextos de vivências dos alunos e alunas.

Dessa forma, no primeiro ano do ensino fundamental, a BNCC aponta para o estímulo da autopercepção dos sujeitos, no que se refere à historicidade de si (as fases da vida, a ideia de temporalidade refletida na compreensão das noções de passado, presente e futuro), as distintas formas de organização familiar e comunitária, o mundo pessoal de discentes (crianças) e a compreensão de sua inserção em seus grupos sociais como, por exemplo, a família e a escola.

Gradativamente, tem-se no segundo ano do ensino fundamental a ampliação da compreensão do “eu” para que se perceba o “outro”, ambos em suas singularidades, nisso são destacadas as vivências em comunidade, o que implica na interação entre pessoas e nos modos de registros de experiências destas últimas. Desse modo, é proposto que sejam utilizadas, com discentes, fontes de distintas naturezas (objetos, pinturas, músicas, documentos, fontes orais etc.) e que estejam relacionadas aos ambientes por onde circulam os discentes, fomentando um olhar que seja capaz de perceber a história de grupos de sociabilidade, como escola, família e comunidade, por exemplo.

No terceiro ano do Ensino Fundamental, a discussão sobre história local instaura-se de forma mais clara e definida, tem-se a inserção de conceitos como “cidade”, “município”, não como conceitos estanques, propõe-se a percepção dos diferentes grupos sociais que compõem a cidade, bem como se destacam os desafios socioculturais e ambientais existentes no lugar em que se vive. Além disso, merecem destaque os lugares de memória, as diferenciações entre campo e cidade e as atividades que nesses espaços se desenvolvem relacionadas à cultura, trabalho e lazer.

No quarto ano, destacam-se as transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos, a circulação de pessoas e transformações no meio natural, aos poucos se parte do local para questões relacionadas ao surgimento da espécie humana no continente africano, aos movimentos de grupos indígenas, a presença portuguesa e a transposição forçada para o Brasil de africanos na formação do país.

Finalmente, no quinto ano do Ensino Fundamental, amplia-se a percepção do “eu”, no sentido de fomentar a compreensão discente em relação a seu lugar no mundo, discutem-se formas de organização social e política, noções de Estado, cidadania, diversidade, tradições orais e noções de patrimônio.

Todo esse trajeto a ser percorrido por discentes, juntamente com docentes da disciplina história, revela-se como uma base para os estudos subsequentes nos anos finais do Ensino Fundamental, quando são inseridas as grandes temáticas da história Antiga, Medieval, Moderna e da História do Brasil, bem como da contemporaneidade, e as inserções mais recentes na disciplina História, como história da África, das comunidades indígenas, e as discussões sobre

relações étnico-raciais, por exemplo. Assim, o estudo de questões locais é superado e tornado coisa pretérita.

Contudo, como a BNCC não se apresenta como um currículo e o direcionamento por ela proposto, aqui exposto, não deve ser tomado como um modelo obrigatório. Os critérios de organização do documento expressam, na verdade, um arranjo possível, o que nada impede de que sejam retomadas questões referentes ao estudo da história local nos anos finais do Ensino Fundamental, como já foi dito anteriormente.

Lima e Muniz (2020) criticam a delimitação do estudo da história regional que a BNCC apresenta (suas críticas aqui são aplicadas também à delimitação do estudo da história local, do cotidiano e do lugar, nos anos iniciais do Ensino Fundamental), para os autores, há uma preocupação fechada em ensinar elementos básicos da vivência histórica de alunos e alunas nas primeiras etapas da vida escolar.

Assim, quando discentes alcançam maior nível de maturidade e abstração, o estudo de questões locais, por exemplo, é substituído de maneira abrupta pelo ensino de uma história mais geral. Dessa forma, “o cotidiano do aluno foi posto como um ‘degrau’ mais simples de se compreender a realidade e no auge de sua criticidade apresenta-se a ele a tão discutida forma conteudista de ensino em círculo concêntrico” (LIMA; MUNIZ, 2020, p. 276).

Durante as atividades de pesquisa, cuja análise será apresentada mais adiante, constatou-se, no contato com os alunos e alunas público-alvo do trabalho, que poucos tiveram ou guardam bagagens de aprendizado acerca de estudos sobre história local e, além disso, o trabalho com fontes de natureza diversa é minimamente familiar aos discentes. Existe uma lacuna que acarreta prejuízos ao aprendizado da disciplina.

Dessa forma, quando questionados sobre como foram essas experiências de estudo acerca da história do local onde vivem, suas respostas, em grande parte, foram vagas ou pouco descritivas a respeito, relacionando o estudo da história local com a listagem do nome das ruas do bairro, com questões ligadas ao meio ambiente e à construção de árvores genealógicas, atribuindo algumas dessas experiências às atividades de outras áreas do conhecimento¹.

Para Lima e Muniz (2020), na BNCC enquanto o Ensino Fundamental (anos iniciais) manifesta um grande apelo numa perspectiva regional, o que permite aqui falar também de uma perspectiva local, no que se refere à possibilidade de estudar a história de um bairro, por exemplo, o inverso se percebe nos anos finais do Ensino Fundamental, uma vez que “tem-se

¹ Questões relacionadas às experiências de estudo da história local nos anos iniciais serão discutidas na seção 2 desta dissertação.

essa questão sendo afunilada até desaparecer no Ensino Médio, ou seja, a história regional é posta como uma espécie de trampolim construtivista” (LIMA; MUNIZ, 2020, p. 277).

Nesse sentido, voltar-se para um trabalho com história local nos anos finais do Ensino Fundamental, se fez importante, pois permitiu a alunos e alunas a possibilidade de construírem um conhecimento a partir de seu cotidiano, descobrirem o cotidiano dos outros em outras temporalidades, assumirem uma atitude historiadora de que trata a BNCC, aprenderem a se reconhecer como parte integrante de uma história, logo, seres dotados de historicidade, perceberem correlações entre a história que lhes é próxima e realidades e contextos macros e se posicionarem como sujeitos/agentes de processos históricos², uma vez que:

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual (BRASIL, 2018, p. 397).

A compreensão e reconhecimento da historicidade de si e de outros fomenta em alunos e alunas a autopercepção de sujeitos/agentes históricos, de igual maneira, a perceberem que o outro também possui a mesma condição e que, com isso, se pode aprender sobre História, pois o elemento humano ganha destaque e passa a ser visualizado como construtor de um conhecimento e de uma história, nos quais suas memórias expressam saberes, configurando-se como fontes de informações a serem pesquisados. Nas palavras de Bittencourt (2004, p. 168-169):

A história local geralmente se liga à história do cotidiano, ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelece relações entre grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado [...] é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperadas pela oralidade, existem os “lugares da memória” [...].

Dessa forma, cabe destacar que o retorno ao passado do bairro Carananduba, o trabalho com a memória e com a história do lugar não foi feito numa atitude memorialística, pois a história local não pode ser concebida como um esforço que se ocupa em enxergar somente “o local de ontem”, numa falsa esperança de encontrar uma “era de ouro”, de um retorno a tempos

² Nesse aspecto, o trabalho realizado aqui se relaciona com a competência específica de História para o Ensino Fundamental de número dois da BNCC: “Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica” (BRASIL, 2018. p. 7).

idílicos e bucólicos, ela se faz num exercício de olhar para o passado com os pés no presente. O que coaduna com que Freire (1996, p. 15) defende:

Porque não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?

Seffner afirma que a identificação com o local onde se vive e a colaboração na construção de uma identidade, em relação ao pertencimento social, são aspectos que valorizam e qualificam uma atividade, ajudando na construção de aprendizagens mais significativas, além disso, o autor reconhece que o ensino de História, discorrendo daí a relevância de estudar a história local: “[...] será sempre em grande medida exterior aos alunos, vai falar de tempos e lugares distantes. Mas ele precisa, em vários outros momentos, ser mobilizado para o estudo e compreensão das redes sociais em que os alunos estão incluídos” (SEFFNER 2018b, p. 26).

A utilização de fontes de diversas naturezas no ensino de História pode ser feita, independente do que se propõe ensinar e aprender ou da abordagem escolhida para tanto, mas a opção pelo trabalho com a história local assim foi feita por se mostrar rica, plural e contextual, pois permite que sejam encontradas fontes de pesquisa que podem estar ao alcance das mãos de alunos e alunas ou dos ouvidos (referindo-se às fontes orais). Assim, dar importância e valor histórico para aquilo que, inicialmente, poderia passar despercebido como tal, os arquivos familiares, por exemplo, uma vez que: “[...] Os melhores documentos locais, em poucas palavras, serão frequentemente encontrados não nas bibliotecas ou no arquivo, mas nas casas” (SAMUEL, 1989, p. 232). O que corrobora com um dos procedimentos apontados pela BNCC, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental, tal procedimento se faz:

Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens (BRASIL, 2021, p. 416).

No que concerne aos arquivos familiares, Germinari (2014) os compreende como documentos que não integram a vida de personagens políticos, por exemplo. O *locus* desses documentos é o interior das casas de famílias comuns, muitas vezes armazenados e esquecidos em gavetas ou caixas: “velhas fotografias amareladas, certidões de nascimento, escrituras de

terreno, agendas, cartas, bilhetes confidenciais, carteiras de trabalho” (GERMINARI, 2014, p. 812).

A utilização de arquivos familiares, ainda segundo o autor, faz-se pela compreensão de que todas as pessoas, independente da classe social ou posição que ocupam na sociedade, constituem-se como sujeitos do processo histórico e, em virtude dessa condição, é necessário ampliar a concepção de documentos históricos, reconhecendo a historicidade destes e de quem os produz. Assim, o autor “propõe uma metodologia que valoriza aspectos do cotidiano e a experiência da vida dos alunos e da comunidade” (GERMINARI, 2014, p. 54).

Tomar arquivos familiares como fontes de estudo amplia a concepção acerca destas, confere-lhes valor e significados, para além daqueles que tais arquivos possam ter para seus donos, converte objetos em documentos, o que só é possível quando um narrador deles se apropria e lhes confere sentido tornando-os capazes de expressar os movimentos da vida em sociedade (BRASIL, 2021, p. 397).

Caimi (2015) afirma ao verificar que, sobre propostas metodológicas voltadas à história escolar, inúmeros autores têm recomendado o emprego de fontes históricas nas aulas da disciplina citada, visando à construção de uma “bagagem conceitual” e compreensão metodológica própria, a fim de que alunos e alunas possam fazer uso de instrumentos, técnicas e procedimentos inerentes à produção do conhecimento histórico, peculiares ao trabalho do historiador.

Nesse sentido, como será apresentado na seção 2 desta dissertação, a utilização de jornais, como fontes de pesquisa à história do bairro, assim foi feita, com o intuito de apresentar aos discentes, não somente um registro sobre o lugar, mas o modo como foi construído um olhar sobre esse lugar, fomentando em alunos e alunas a capacidade de analisar tais fontes, fazer perguntas a elas e a partir delas encontrar possíveis respostas.

A BNCC propõe, para o Ensino Fundamental – anos finais, que o processo de ensino e aprendizagem seja pautado em certos procedimentos. Nesse sentido, o emprego de fontes, caras ao ensino de História, é apontado, na competência específica de número seis da referida disciplina para o Ensino Fundamental: “Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica” (BRASIL, 2018, p. 7).

O trabalho com fontes, implica no conhecimento, mesmo que não aprofundado e rigoroso, do método do historiador, conhecimento este que pode ser aplicado em estudos subsequentes, ou na compreensão dos diversos objetos do conhecimento, próprios da etapa de ensino da educação básica em que se encontram os discentes. Dessa forma, compreende-se que: “A utilização de objetos materiais pode auxiliar o professor e os alunos a colocar em questão o

significado das coisas do mundo, estimulando a produção do conhecimento histórico em âmbito escolar” (BRASIL, 2021, p. 398).

Como dito anteriormente, não houve com a pesquisa um intuito memorialístico de produção de um trabalho sobre história local diletante, passional, isolado e limitado ao lugar, aqui este último serve de referência ao movimento de ir ao passado a partir do presente, bem como de tentar ir além do espaço da localidade para perceber como problemas de um bairro, por exemplo, estão ligados a questões mais amplas e com isso construir um ensino de História contextualizado e compartilhado.

Para tanto, se recorreu à História Urbana, compreendendo que ambas as histórias “local” e “urbana” podem dialogar e, além disso, que utilização de pressupostos teóricos da História Urbana, são válidos ao ensino da disciplina em questão, pois trazem o sujeito (discente) para o centro das análises e das discussões, afinal, ora este sujeito assume condição de agente e pode interferir, modificar e transformar o espaço, ora sofre com as transformações ocorridas no lugar que habita.

Assim, a leitura que um sujeito pode fazer de seu bairro (no caso da História Urbana, de sua cidade) se faz pela apreensão do que é perceptível aos sentidos e pela memória com a qual entra em contato. Logo, se o bairro pode ser lido como um texto por quem nele habita, consecutivamente é escrito também por esse habitante, ou seja, no trabalho com a história e com a memória do lugar, estudantes entram em contato com as diversas formas de escrita desse texto e o decifram, pois são vários aqueles que habitam o lugar, são inúmeras as formas de se relacionar com o bairro e múltiplos são os olhares a respeito deste.

Nesse sentido, alunos e alunas também se descobrem “caminhantes” (CERTEAU, 1998) e escritores, o que implica dizer que as leituras que fazem (seus textos) são valiosas e expressam modos de ver e viver o bairro.

[...] A cidade [leia-se o bairro] pode ser também encarada como um “texto”, e o seu leitor privilegiado seria o habitante (ou o visitante) que se desloca através da cidade – seja nas suas atividades cotidianas para o caso do habitante já estabelecido, seja nas atividades excepcionais, para o caso do turista e também do habitante que se desloca de sua própria cidade. Em seu deslocamento, em sua assimilação da paisagem urbana através de um olhar específico, este cidadão estaria permanentemente sintonizado com gesto de decifrar a cidade, como leitor que decifra um texto ou uma escrita (BARROS, 2007, p. 40).

Apoiando-se na História Urbana, a história de um bairro como Carananduba, que não dispõe de um conjunto arquitetônico em moldes europeus e que não sedia o patrimônio histórico

material tradicionalmente considerado como outros bairros da ilha de Mosqueiro³, pode ser pensada e valorizada, ultrapassando as convenções que segregam ou relegam a muitas localidades à condição de pouco atrativas, ou despossuídas de patrimônio, logo, sem valor histórico, uma vez que, não se pode pensar a história de um bairro, usando parâmetros homogêneos de análise aplicadas a realidades distintas, pois:

A apreciação sensorial da cidade não poderia, como se sabe, reduzir-se a uma arquitetura de pedra, isto é, a uma natureza morta. Ultrapassa em muito essa materialidade. Os seus ruídos, os seus odores e o seu movimento constituem a identidade da cidade, tanto quanto o seu desenho e as suas perspectivas (CORBIN, 1998, p. 107).

Dessa forma, o bairro pode ser pensado, não somente em sua estrutura física, mas em sua relação com o elemento humano, ou seja, a construção e as transformações contínuas de um espaço que refletem percepções e relações singulares e diferentes, que são estabelecidas entre os moradores e o local, onde estes edificaram e estabeleceram suas moradias e laços de sociabilidade. Assim, “[...] a cidade [bairro] é usada, instrumentalizada; espaço onde se ensaia a sobrevivência cotidiana; no lugar do trabalho, do estudo, do lazer, das trocas. Sua existência escapa a simples fruição ou contemplação” (POSSAMAI, 2010, p. 209).

Destarte, nesse exercício de leitura do bairro, quando se pensa no ensino de História, o olhar e a compreensão discente se ampliam, consecutivamente, o estudo do local serve como ponto de referência para a compreensão de questões mais amplas e atuais, ou seja, o conhecimento histórico escolar produzido instiga discentes à criticidade e à capacidade de perceber problemas e questões do tempo presente no bairro onde moram e além dele, uma vez que: “[...] uma pessoa que aprendeu alguma história [...] estará melhor equipada para lidar com o mundo do que ela estaria se não tivesse aprendido” (LEE, 2011, p. 40).

Em suma, ensinar História, a partir da história local é também fomentar nos discentes a capacidade de pensar o bairro, refletir sobre qual lugar ocupam neste bairro e como o cotidiano habitado e conhecido por alunos e alunas foi modificado ao longo dos anos, como essas mudanças impactam na vida de quem habita o local que permanece em constante mudança.

Ensinar História, a partir da história local, é fomentar em alunos e alunas a autopercepção, numa postura de reconhecerem-se como responsáveis por uma história que precisa continuar sendo narrada e vivida, pois, nas palavras de Freire: “[...] minha presença no

³ A subseção 1.2 desta dissertação se ocupa em apresentar o bairro e traçar um breve panorama histórico do bairro Carananduba.

mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História. [...]” (FREIRE, 1996, p. 22).

1.1. A prática docente: o professor-pesquisador e sua relação com a memória do bairro⁴

Um das primeiras ideias que tive, enquanto professor-pesquisador e responsável por este trabalho, quando ainda não tinha a certa noção daquilo que poderia ser escolhido e traçado, foi pensar em relacionar o ensino de História com a história local.

Havia, para mim, uma necessidade e uma inquietação: contribuir com a historiografia de um bairro pouco lembrado nas pesquisas acerca da história da ilha de Mosqueiro, ao mesmo tempo, promover um ensino que motivasse alunos e alunas a se envolver e se reconhecer nesta história.

Esta percepção em relação à pequena produção historiográfica acerca do bairro Carananduba, nasceu quando da época em que eu ainda era um estudante de graduação, do curso de bacharelado e licenciatura da Universidade Federal do Pará.

Assim, na condição de graduando, decidi empreender uma pesquisa voltada à memória do bairro, que adveio de uma conversa com minha avó materna, esta relatou-me, por sua vez, acerca de uma fábrica de redes de dormir que existiu no lugar em questão e foi a curiosidade em relação a este fato que impulsionou todo o trabalho subsequente. O que coaduna com as palavras de Samuel (1989), quando este sugere ao historiador como proceder nas etapas iniciais de uma pesquisa que se debruça sobre história local. “[...] ao invés de considerar a localidade por si mesma como objeto de pesquisa, o historiador poderá escolher como ponto de partida algum elemento da vida que seja, por si só, limitado tanto em tempo como em espaço, mas usado como uma janela para o mundo” (SAMUEL, 1989, p. 229).

O trabalho foi concluído, a pesquisa encerrada e o conhecimento produzido circunscrito a mim, aos meus familiares e alguns amigos, aquela pesquisa não se tornaria, nas palavras do autor citado, “uma janela para o mundo”, tampouco chegaria a outras janelas.

Contudo, com meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Ensino de História, outra oportunidade surgiria e, agora, com a possibilidade de realizar um trabalho sobre história local, não mais individualizado, não mais como um esforço e empreendimento solitário, e sim compartilhado, voltado a outro público e construído por esse público, ou seja, alunos e alunas

⁴ Diferente das demais subseções que compõem este capítulo, esta foi escrita em primeira pessoa, pois se trata de uma reflexão feita pelo professor-pesquisador e sobre si mesmo, a partir de sua vivência como docente e também morador do bairro em questão.

de turmas do “Ensino Fundamental- Anos finais” da Escola Estadual Prof. Abelardo Leão Condurú⁵.

Porém, além das questões e limitações advindas de um contexto pandêmico, no qual se deu a maior parte da pesquisa, outras situações também se mostraram como delicadas e complexas ao trabalho que me propus executar: Como eu realizaria um trabalho de história local com discentes sem “impor” a minha visão acerca do bairro e sem influenciar o olhar discente com minhas memórias? Como eu poderia assumir uma atitude de estranhamento frente ao bairro? Como não fazer de todas as minhas predisposições de pesquisa uma avalanche a desabar sobre os alunos e alunas que estariam envolvidos nas atividades futuras?

Anterior ao esforço de tentar responder algumas dessas questões, vale dizer que antes de ser o professor-pesquisador, sou também um nativo do bairro, que nasci, cresci e continuo vivendo há quarenta e dois anos no lugar, testemunhei mudanças no bairro, vi espaços e lugares (marcados pela afetividade) se modificarem ou desaparecerem, caminhei pelos caminhos do bairro, tenho laços familiares e de amizade nesse espaço, cursei parte de meu Ensino Fundamental e o Ensino Médio na Escola Prof. Abelardo Leão Condurú, onde atuo como professor desde o ano de 2008, ou seja, vivo a concretude e a subjetividade do que Assmann (2011) chamou de “local de gerações”. O que corrobora, de forma tácita, com a afirmação de que: “O historiador local em princípio enraizou-se numa terra determinada, exerce ou exerceu aí determinada profissão, apercebeu-se de determinadas características e problemas e é daí que parte o trabalho de reconstituição histórica” (SILVA, 1998, p. 388).

Sobre minha trajetória profissional no referido espaço escolar, posso afirmar que a motivação para me tornar um professor de História encontrei nessa escola, foi nela que percebi que uma disciplina, em especial, fazia muito sentido à minha vida e que fui cativado pelo modo com o qual uma professora ministrava suas aulas, mesmo com todas as limitações de uma escola pública.

Foi nessa escola, também, que conclui o curso de magistério, onde recebi as primeiras orientações sobre como ser professor, aprendizado que muito me foi válido, considerando que me tornei docente efetivo da rede municipal de ensino de Belém no ano de 2000 (onde atuo hoje como professor de educação especial) e em 2008 ingressei na rede estadual de ensino, como docente da disciplina História.

Dessa forma, foi para a escola em questão que desejei retornar, por acreditar na possibilidade de ser para os jovens de minha comunidade um elemento motivador em suas

⁵ A escola-campo será abordada na subseção 1.3 desta dissertação.

vidas, tal qual aquela professora que me apresentou e me despertou para o aprendizado da disciplina História como sendo dotado de vida e significado. Além disso, há, ainda hoje, em mim um sentimento de gratidão, de responsabilidade e de resistência com o ensino público tão sucateado e desvalorizado atualmente.

Assim, retomando a ideia de viver concretude e subjetividade de um “lugar de geração” ao mesmo tempo, que a condição de morador que habita e é habitado pelo lugar poderia ser um entrave ao desenvolvimento do trabalho, pois de acordo com Correa (2002) um dos problemas da escrita da história local seria a subjetividade passional com que ela é escrita, o que, consecutivamente, pode gerar uma produção historiográfica diletante, entretanto, contrariando a afirmação do autor, creio que a condição de ser habitante do bairro revelou-se, para mim, como um fator positivo à escrita da história local.

Não descartei com isso a necessidade expressiva de que, enquanto o professor-pesquisador, devesse assumir uma postura de estranhamento frente ao objeto de pesquisa que é o bairro.

Albuquerque Júnior (2008), tratando de aspectos ligados ao conceito de região e a produção de história regional, aponta questões importantes que me serviram de norte. O referido autor sugere e defende uma prática historiográfica que seja capaz de produzir o distanciamento daquilo que se encontra muito próximo do pesquisador, num movimento em que seja o objeto de pesquisa tornado estrangeiro.

De modo inverso, Silva (1998) compreende a história local como uma história concreta que intenta atingir aquilo que o autor chamou de “invisível cotidiano” o que, por sua vez, só seria percebido “por quem conhece bem as gentes e as pessoas que um estranho não é capaz de captar” (SILVA, 1998, p. 389). Aqui, pode-se supor que eu, professor-pesquisador, na condição de nativo do bairro, posso ser visto como aquele que conhece bem “as gentes” e, por conseguinte, habilitado para enxergar o “invisível cotidiano” de que fala o autor.

A questão que se colocava não seria sobre quais das posturas indicadas pelos autores citados eu deveria assumir, mas sim, como, diante desses nortes, eu construiria minha postura, assumiria minha própria atitude historiadora, sem pender demais para um lado ou para outro?

A solução: encontrar um ponto de equilíbrio e constantemente auto avaliar-me no desenvolvimento de um trabalho que abarcou tantas subjetividades, afetividades e, ao mesmo tempo, exigiu seriedade e objetividade frente ao objeto de pesquisa e ao público-alvo envolvido para quem o trabalho se destinou.

Em Pesavento (2004), encontra-se a percepção de que o historiador atribui a si a responsabilidade narrativa sobre o passado, o que o leva assumir a postura de administrador ou

construtor da memória coletiva, que por sua vez, nasce como fruto de um processo social e histórico “[...] de armazenamento de lembranças partilhados por uma comunidade, [...] como detentor da fala autorizada sobre o passado, o historiador passar tutelar a memória [...]” (PESAVENTO, 2004, p. 6).

Contudo, como uma das intencionalidades do trabalho voltava-se à realização de um empreendimento compartilhado, no que se refere à história local, logo, não poderia assumir sozinho a tutela da memória evocada, tampouco o monopólio da responsabilidade sobre a narrativa do passado. Nas palavras de Pacheco (2017):

No projeto de ensino-aprendizagem interagem o educador-orientador e os educandos pesquisadores que compartilham entre si responsabilidades e possibilidades na proposição de desafios e execução de ações que possibilitem a construção coletiva do conhecimento. Pacheco (2017, p. 37)

Assim, professor e discentes são vistos como pesquisadores, construtores e administradores do conhecimento histórico escolar produzido, sem diminuir o papel e a responsabilidade de quem orienta alunos e alunas nessa ação compartilhada de ensinar e aprender mutuamente. Afinal, “[...] ensinar não é transferir conhecimentos [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 12).

Nesse sentido, recorreu-se a Seffner (2018a), quanto este autor reconhece, no processo ensino-aprendizagem, aquilo que é “tarefa do professor”, no que concerne à seleção e estabelecimento de procedimentos de pesquisa (metodologia) para cada contexto e/ou situação de estudo, nos quais alunos e alunas estejam inseridos, orientando estes a realizarem recortes em temas estudados, fomentando que sejam suscitadas as principais questões de pesquisa, ou seja, aquelas que são mais propícias em termos de debates, por exemplo.

Dessa forma, considerando que “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 13).

Destarte, ao compreender o papel de cada agente/sujeito desse processo, incluindo a mim mesmo, ao assumir-me nativo e estrangeiro na construção de um conhecimento histórico, que parte da história do lugar, reconheço a importância da subjetividade de meus alunos e de minha subjetividade, não nego as marcas dessas subjetividades no trabalho realizado, ao mesmo tempo, que evito a passionalidade na produção de uma história local que não seja diletante tampouco ufanista.

Considero assim que, na condição de professor-pesquisador, devo continuamente reconhecer e colaborar para que meus alunos e alunas também compreendam e reconheçam:

Portanto, que uma das tarefas contemporâneas da história é ensinar [...] a construção de maneiras de olhar o mundo, de perceber o social, de entender a temporalidade e a vida humana. A história nos ensina a desnaturalizar, a ter um olhar perspectivo e atentar para as diferenças, relativizando nossos valores e pontos de vista. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 31).

Dessa forma, reconhecendo-me como “um caminhante”, um “praticante ordinário”, (CERTEAU, 1998), lanço-me à tarefa de estimular outros caminhantes a se reconhecerem como tal. Nesse percurso, repenso minha prática e a refaço no contato com as subjetividades de meus alunos e alunas que trazem para a escola o bairro em suas histórias de vida, em suas inquietações expressas ou não, quando se notam inseridos num espaço que não se encontra dissociado de problemas que afetam realidades mais amplas.

Em suma, ao voltarmos-nos ao passado do bairro, encontramos, nesse tempo, as intempéries socioeconômicas da época, a dinâmica da vida de ontem, nos deparamos com as mudanças e transformações sofridas outrora. Ao mesmo tempo, em que nos mostramos capazes de perceber rupturas e permanências na história do bairro, refletindo sobre os problemas do tempo presente e como pode ser possível (se não se encontram as soluções necessárias), analisar, interferir e descobrir caminhos que possibilitem saídas, respostas, ou, como nas palavras de Samuel (1989), “janelas para o mundo”.

1.2. O bairro Carananduba em paisagens de fontes e memórias

O Bairro Carananduba corresponde a um dos bairros que compõem a Ilha de Mosqueiro⁶, distrito administrativo de Belém que, por sua vez, fica localizada a setenta e sete quilômetros da capital, o acesso à ilha se faz por via terrestre.

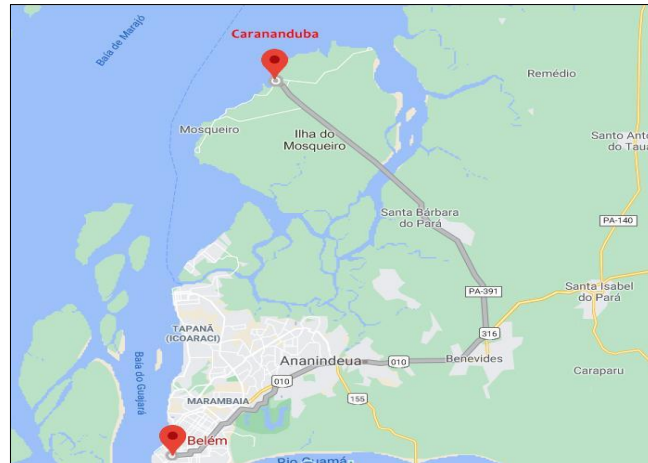
A Ilha de Mosqueiro é conhecida por suas dezessete praias de água doce, em algumas delas, a formação de ondas favorece práticas esportivas e por sua proximidade com a capital é destino procurado por veranistas e turistas.

Segundo Meira Filho (1979), a ilha de Mosqueiro foi, inicialmente, em 1868, freguesia de Benfica (hoje um dos municípios do Estado do Pará), ascendeu à condição de vila em 1895

⁶ Mosqueiro é um arquipélago constituído por trinta e cinco ilhas, contudo, no presente trabalho, optou-se pela denominação popularmente conhecida, entre a população nativa e seus visitantes, “ilha de Mosqueiro”.

e se tornou um distrito da capital Belém em 1901⁷. A Figura 1 apresenta mapa mostrando a distância entre a ilha de Mosqueiro e a capital Belém.

Figura 1- Mapa distância entre Belém e Mosqueiro



Fonte: www.google.maps.com. Acesso em: 12 dez. 2020.

De modo geral, a produção historiográfica sobre a ilha se revela como pouco numerosa e seus pesquisadores não se ocuparam em estudar mais profundamente o bairro em questão. Assim, destacam-se as obras de MEIRA FILHO (1978) e AMANAJÁS (1976), nas quais os autores fazem poucas referências a respeito do bairro Carananduba. Mais recentemente, tem-se a dissertação de TAVARES (2019) que foi apresentada ao Programa de pós-graduação em ensino de História (UFPA-Campus Ananindeua), intitulada “O ensino de história por meio da educação patrimonial na ilha de Mosqueiro”, na qual o autor se ocupa com questões relacionadas ao patrimônio material da ilha, em especial a casarões, localizados majoritariamente na orla de Mosqueiro, construídos quando da época do ciclo da borracha na Amazônia, no referido trabalho o bairro Carananduba é citado duas vezes de forma pontual.

O trabalho de SILVA JUNIOR (2007) é um dos poucos trabalhos sobre a ilha de Mosqueiro, no qual se percebe um olhar mais “demorado” em relação ao bairro de Carananduba, trata-se uma dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Geografia da UFPA, onde o autor realizou um estudo do espaço urbano da ilha,

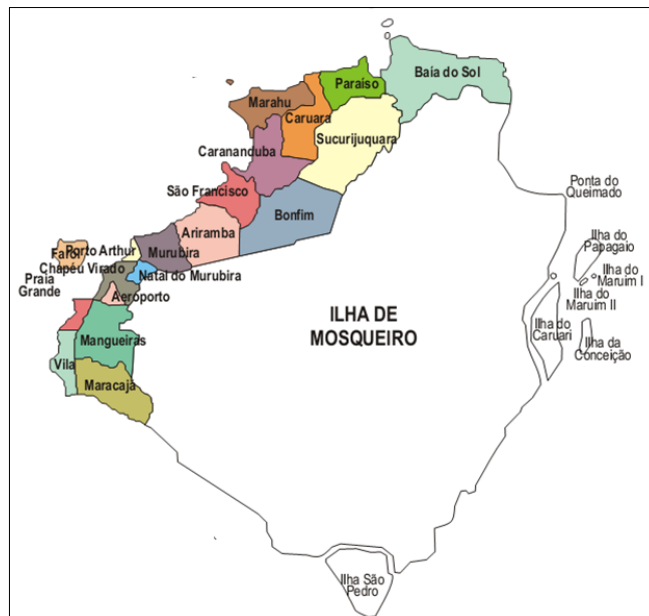
⁷ Augusto Meira Filho (1905-1980), nascido no Estado do Pará, foi engenheiro, atuou na direção do Serviço de Águas do Pará, foi poeta, jornalista e historiador, publicou vinte livros, dentre eles a obra “Mosqueiro, ilhas, vilas” (1978), uma obra de referência no que se refere a história da ilha, tal obra se ocupa em grande parte em apresentar o processo de construção da rodovia que liga Mosqueiro à Belém, construção esta da qual o autor em questão foi engenheiro. Hoje, a rodovia recebe o seu nome.

apresentando uma análise de correlações entre a introdução de redes de infraestrutura, ampliação do turismo e o desenvolvimento socioespacial.

Neste trabalho quatro bairros da ilha serviram como objetos de estudo, dentre eles Carananduba que assim foi escolhido pelo fato de que se apresenta como um dos bairros de Mosqueiro cuja extensão territorial é uma das maiores, bem como, quando da época da pesquisa, por possuir uma população numerosa e em crescimento contínuo.

Especificamente, sobre o Bairro Carananduba, tem-se a monografia de Costa (2007), intitulada “Tecendo redes em Carananduba: Memórias de Nordestinos e Mosqueirenses (1960-1968)”, apresentada à faculdade de História, UFPA- Campus Belém”, na qual o autor, a partir de histórias de vida de moradores do bairro, trata de questões relacionadas à comunidade e os impactos gerados à localidade a partir da instalação de uma fábrica de redes de dormir⁸. A Figura 2 apresenta o mapa da ilha de Mosqueiro e os bairros que a constituem.

Figura 2 - Mapa da ilha de Mosqueiro.



Fonte: <http://mosqueirosustentavel.blogspot.com/>. Acesso em: 18 jan. 2020.

Como se pode ver; no mapa, cada bairro, que se encontra próximo à faixa de rio⁹, dá nome a uma praia. Os bairros que seguem a partir do “Areião” ao “São Francisco” correspondem a uma faixa de praia que, tradicionalmente, recebe grande número de visitantes;

⁸ O trabalho é de autoria do professor-pesquisador.

⁹ A orla da ilha de Mosqueiro é banhada pelo rio Pará (braço do rio Amazonas), formador das Baías do Guajará, Santo Antônio e Marajó.

os bairros Marahu e Paraíso apresentam praias que chamam atenção de muitos visitantes na atualidade, permanecendo, assim, o bairro Carananduba entre essas duas “regiões”, como um local que convencionalmente não atrai tantos turistas, as razões para tanto serão tratadas mais adiante.

O bairro do Carananduba está relativamente distante dos fluxos turísticos e tem assumido a função de um sub-centro comercial, com destaque para os gêneros alimentícios, dentre eles, frutas, peixe, etc. Fato que ainda não tem se mostrado suficiente para ampliar o nível de renda de sua população [...] (SILVA JUNIOR, 2007, p. 88).

A população de Carananduba, segundo dados do IBGE, relativos ao Censo de 2010, alcançou no ano em questão o total de cinco mil quinhentos e quarenta e cinco habitantes (5.545), dos quais dois mil setecentos e trinta (2.730) eram homens e dois mil setecentos e quinze (2.715) eram mulheres¹⁰.

Na presente subseção, serão apresentados alguns testemunhos de moradores do bairro, cabe informar que tais fontes fazem parte da monografia de COSTA (2007) anteriormente citada e que, pelas limitações do período pandêmico, o contato com antigos moradores para coletar mais informações e realizar mais entrevista, visando à construção de fontes orais sobre o bairro foi inviabilizado, por isso, a opção pela utilização das fontes já existentes.

Entretanto, compreende-se que tais fontes oferecem valioso acervo de informações acerca do bairro, pois apresentam lampejos de histórias de vidas da população nativa e falam de modos peculiares de percepção do lugar, das gentes que o viveram e o reviveram quando da época em que abriram as portas de suas memórias para que os registros destas fossem feitos. Uma vez que: “há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar, eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar” (SAMUEL, 1989, p. 230).

Ao mesmo tempo, a utilização de tais testemunhos foi feita observando certos cuidados, oriundos, por exemplo, das reflexões de BOSI (1987) que compreende, por sua vez, que a memória não apresenta um caráter enciclopédico, pois o ato de lembrar não garante o reviver, mas leva ao refazer, a partir da utilização de imagens e ideias do hoje.

Nesse sentido, para a autora, a memória não possibilita a sobrevivência do passado tal como se deram os fatos ocorridos outrora, pois: “A lembrança é uma imagem construída pelos

¹⁰ Informações mais recentes sobre a demografia do bairro não puderam ser apresentadas, pois até o final de 2022 o IBGE ainda não havia divulgado os dados do Censo do referido ano. Esta informação foi coletada junto a um técnico em informações geográficas e estatísticas do órgão em questão.

materiais que estão agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 1987, p. 17).

Assim, se hoje fosse possível entrevistar os mesmos depoentes que no passado foram entrevistados, certamente, seus relatos sofreriam alterações, adições, subtrações, substituições e omissões, por exemplo, influenciados pela relação que as pessoas mantêm com o seu tempo presente.

Logo, o retorno ao passado que se tem com a memória, na verdade, pode ser visto como um movimento inverso, não é a memória que vai ao passado, mas pela memória o passado é trazido ao presente. Destarte, “a elaboração da memória se dá no presente para responder às solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto condições para se efetivar” (MENEZES, 1992, p. 11).

Retoma-se, assim, a situação incipiente da produção historiográfica sobre o bairro, para afirmar que aquilo que poderia ser considerado como uma dificuldade ao estudo da história de Carananduba revelou-se como um elemento motivador para tanto, ou seja, acredita-se na necessidade de colaborar com a historiografia local e na urgência de registrar a memória e a história do lugar, uma vez que a carência de fontes documentais é uma constante, e que são os moradores do bairro os guardiões de uma memória pouco conhecida, pouco divulgada e que precisa ser preservada¹¹. Assim: “Esta acumulação de marcas de historicidade deixadas no tempo se amplia para além dos traços materiais ou de escrita, pois se estende ao plano das recordações, onde muitas lembranças jazem na esfera do inconsciente, podendo ser recuperadas [...]” (PESAVENTO, 2004, p. 26).

Dessa forma, compreende-se o bairro, tal qual Pesavento (2004) concebeu a cidade, como um palimpsesto, dotado de camadas de memória, de escritas que se sobrepõem e que se misturam, se mesclam, em superposições de camadas de experiências.

Considerando que essas camadas de memória não se apresentam de forma sistematizada numa organização perfeitamente cronológica, ao serem descobertas pelo historiador, de igual maneira, no intuito de visualizar o palimpsesto do bairro, ou de construí-lo, o presente texto, a partir desse ponto, navegará em diferentes temporalidades, pois acredita-se que nas idas e vindas da memória, refletida nas fontes que serão apresentadas, é que se encontra uma possibilidade de entre cruzá-las e dar-lhes um sentido e um significado à representação da memória humana particular e subjetiva usada para tornar mais vivo e evidente aquilo que determinados documentos escritos apresentam, por exemplo.

¹¹ Na segunda seção da presente dissertação, serão apresentadas atividades realizadas com alunos e alunas tendo por base o uso de memórias e outras fontes: jornais e testemunhos orais, por exemplo.

Ao longo dos anos, o bairro em questão foi percebido e retratado de diferentes maneiras. Ora visto como uma localidade bela e atraente, com uma população de maioria nativa e de baixa renda, ora como uma parte da ilha afastada de bairros mais centrais, carente de serviços públicos e de infraestrutura.

Sobre percepções acerca do bairro, tem-se o modo pelo qual Carananduba foi percebido e registrado por Dom Antônio de Almeida Lustosa, nomeado arcebispo de Belém em 1932, onde permaneceu até 1941. Sua obra “À margem da visita pastoral” foi publicada no ano de sua chegada à capital, trata-se de um conjunto de registros, e observações, feitos pelo referido bispo, sobre diversos lugares mais afastados da capital que compunham a arquidiocese de Belém, um raro registro sobre o bairro e toponímia deste último.

Carananduba é uma povoação a pequena distância do Chapéu-Virado. A enseada que lhe deu o nome é um belo semicírculo entre as duas pontas do São Francisco e Maraú. Na preamar oferece bom abrigo às embarcações; na baixa-mar fica com pouquíssima água. Nessa enseada desembocam os igarapés Cajueiro e Carananduba. O vocábulo carananduba significa muita caranan. Caranan ou caraná designa uma palmeira elegante [...] semelhante ao assaieiro, de cujos frutos se prepara uma bebida como se faz como assai. A população de Carananduba é humilde, mas educada e de ótimos sentimentos (LUSTOSA, 1932, p. 112-113).

D. Lustosa ao se ocupar em descrever o bairro em alguns aspetos, revela sua visão acerca dos moradores daquela localidade, apresenta-os como humildes (pobres) e, em oposição a essa condição, destaca os seus “ótimos sentimentos”, o que parece ser uma compreensão preconceituosa acerca dos habitantes locais e sua condição socioeconômica, uma vez que deixa implícito que a “humildade” daquela população é compensada pela gentileza com a qual, provavelmente foi tratado quando passou pelo bairro em questão, como se a pobreza implicasse necessariamente na ausência de “ótimos sentimentos” e seria então a população local uma exceção, em contrapartida, o religioso destaca a beleza natural do bairro. A figura 3 apresenta a praia de Carananduba na atualidade, parte da enseada de que fala D. Lustosa em sua carta pastoral.

Figura 3 - A praia de Carananduba



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022). Arquivo pessoal de fotos.

Em sua “visita pastoral” àquela comunidade, o bispo também destaca um triste fato, o local teria sido palco de um surto de “impaludismo” (malária), no relato do religioso nota-se a carga de pesar por ter testemunhado tal situação:

Carananduba foi do número das populações fortemente flageladas pelo impaludismo. Ainda não cessou o mal; a quadra, porém, de maior virulência passou. Os vestígios do mal ainda são bem-marcados. Quantos organismos combalidos! Quanto luto! A casa em que nos albergamos era modesta. Situada no centro do arco do semicírculo da enseada (diríamos melhor, mas em linguagem destoante da simplicidade a que nos cingimos no ponto inicial do apóstema tirado da praia como corda do semicírculo da enseada), a humilde casa tinha, diante de si, um panorama esplêndido nas suas grandes linhas e gracioso nos pormenores próximos. Em frente a casa há um pé de abio inteiramente dominado por parasitas [...]. Pouco além, um pé de uxi (dizem outros uixi) e mais algumas árvores frutíferas. À sombra do pomar um poço é meta de muitos moradores que aí vão haurir água potável, pois a da enseada é salgada. Não fosse o flagelo do impaludismo e mui aprazível seria Carananduba cujos filhos se distinguem pelo espírito religioso (LUSTOSA, 1932, p. 113).

No relato do bispo, percebe-se a condição de atraso em relação à obtenção de água potável no bairro¹², pode-se supor que, quando da época da visita pastoral, poucas eram as residências que contavam com um poço em seus quintais, o que denota a situação de pobreza da população local.

¹² Segundo dados mais recentes, provenientes do último censo realizado pelo IBGE, na ilha, no ano de 2010, havia no bairro mil trezentas e sessenta e duas (1.362) residências, das quais quinhentas e vinte e uma (521) eram alcançadas pelo serviço de fornecimento de água, setecentas e noventa e duas (792) contavam com poço ou nascentes em suas propriedades, em quarenta e seis (46) residências, seus moradores recorriam a poços ou nascentes fora de suas propriedades, uma (1) residência era abastecida pelo uso das águas de rio ou igarapé e duas (2) são indicadas como usuárias de “outra” fonte. O que permite afirmar que, embora tais dados tenham sido coletados há mais de dez anos, a população do bairro ainda sofre com um serviço de fornecimento de água que não contempla todas as residências e que decorrem dessa situação questões ligadas ao tratamento da água, saneamento e saúde dos moradores do local.

No que concerne ao contingente populacional de Carananduba, em especial no que se refere às atividades desenvolvidas por seus moradores, pode-se dizer que boa parte deles se ocupou basicamente, durante muito tempo, com a pesca, o trabalho em roças e o extrativismo vegetal. Tais atividades estão intimamente ligadas às práticas desenvolvidas pela população original e inicial da ilha de Mosqueiro, uma vez que: “No princípio, sua gente era toda formada de pescadores. Índios ou seus naturais descendentes, [...]” (MEIRA FILHO, 1978, p. 51).

Porém, entre os anos de 1962 e 1968, foi instalada em Carananduba uma fábrica de redes de dormir, oferecendo às pessoas daquela localidade alternativas de trabalho.

Tratava-se de um bairro afastado da Vila de Mosqueiro¹³, onde seus moradores passavam o dia na labuta das roças ou se lançavam ao rio para a pesca, alguns outros ainda encontravam tempo para extraírem das várzeas o açaí para venda, como é o caso da família da senhora Tereza Pereira, 59 (cinquenta e nove) anos. O fato é que quando da época em que a Fábrica de Redes São Jorge iniciou suas atividades a vida de muitos, direta ou indiretamente, envolvidos com a tecelagem, ali mudou (COSTA, 2008, p. 42).

Assim, é possível dizer que os moradores do bairro faziam uso dos recursos naturais ali disponíveis para subsistência, uma vez que estes viviam, de certo modo, uma situação de isolamento, o que será abordado posteriormente, em relação a outras partes da ilha, nas quais atividades econômicas se desenvolviam mais efetivamente, como o comércio, por exemplo. Sobre as práticas de subsistência desenvolvidas por moradores do bairro, têm-se o seguinte testemunho: “A gente ia para roça, [...] depois ia tirar a mandioca para fazer a farinha e vender para Vila, enquanto isso, a mandioca estava amadurecendo [...] a gente estava se virando, ia para o igarapé apanhar açaí, era isso que a gente fazia. Eu pesquei [...] mas foi pouco tempo” (ALUÍZIO, 60 anos. *In*: COSTA, 2007, p. 222).

No depoimento, percebe-se que havia uma atividade de comercialização com a “Vila”. Dessa forma, é possível supor que Carananduba parecia ocupar o papel de fornecedor de certos gêneros e/ou produtos agrícolas, como a farinha, por exemplo, considerando que boa parte de seus moradores desenvolviam atividades ligadas ao trabalho em roças, o que indica a

¹³ A expressão “Vila de Mosqueiro” refere-se a um bairro da ilha comumente chamado “Vila” (ver figura 02). Este bairro não é um dos mais antigos que compõem a ilha, mas corresponde ao centro urbano do lugar. No final do século XIX, com os frutos da economia gomífera, em Belém, a ilha passou a ser um local procurado por visitantes que buscavam repouso em seus finais de semana, o bairro Vila passou a ser a porta de entrada de muitos que se deslocavam da capital até Mosqueiro, logo, foi construído no local um trapiche, para ancorarem embarcações, não demorou para que as benesses da urbanização ali fossem instaladas, convertendo o bairro, no que podemos chamar de “centro urbano”. Os bairros que se seguem próximos ao centro, por suas praias, tornaram-se destino de muitos visitantes, o que levou também a um processo de urbanização de parte da ilha, da qual o bairro de Carananduba não fazia parte, o que será tratado mais adiante.

possibilidade de uma divisão territorial do trabalho em Mosqueiro, não estabelecida formalmente, mas que se dava de forma incipiente e pela ação de famílias de moradores locais.

Nota-se que a comunidade estabelece uma relação com a terra, que movia famílias ao trabalho de cultivo das roças, por exemplo. Nesse sentido, vivia-se no bairro não somente uma atividade ligada a uma necessidade de subsistência, mas a prática de trabalhar a terra para o cultivo perpassava por relações familiares, por aprendizagens de saberes que se transmitiam entre gerações, as pessoas dependiam dos frutos que a terra gerava e se dedicavam a estes cultivos crianças, jovens e adultos. Assim, se construía uma territorialidade, o espaço não somente era habitado, mas vivido e seu uso pela comunidade o marcava e o definia, pois:

Somos seres territoriais desde as mais recuadas formas de organização social humana. O espaço, a habitação de um lugar, a prática de um lugar, a defesa de um espaço, a implantação espacial vem sendo uma característica da espécie humana. Vivemos espaços e sonhamos com espaços (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 62).

Destarte, a partir das vivências dos moradores no bairro, considera-se Carananduba como aquilo que Assmann (2011) denominou de “local das gerações”, que, por sua vez, nasce dos vínculos duradouros que grupos estabelecem como um determinado espaço, o que, por conseguinte, faz brotar estreitas relações entre as pessoas e o local geográfico, este último determinaria as formas de viver e as experiências das pessoas que preencheram o local com suas tradições e histórias.

Para Bresciani (2002), há uma relação subjetiva entre o sujeito e a cidade (aqui, leia-se bairro), a posse da segunda se dá pelo corpo do primeiro. Assim, o homem vivencia a elucidação de si e o conhecer do espaço no qual habita. Dessa forma, pode-se considerar o bairro como o local onde gerações construíram suas experiências e deram-lhe significados que se relacionam com aspectos humanos e naturais do lugar, por exemplo.

Carananduba era um bairro de muitas áreas verdes, a toponímia do lugar expressa essa relação com a natureza, uma vez que o nome do bairro advém da grande quantidade de palmeiras de caranã, conforme dito anteriormente, que eram encontradas por toda extensão do lugar.

Sobre aspectos naturais, em especial, no que diz respeito à fauna que ali se encontrava um jornal local publicou a seguinte nota:

Mosqueiro – Uma determinada parte da ilha do Mosqueiro, entre Carananduba e Baía do Sol, presta-se esplendidamente para a caça; até veados tem sido abatido ali. A abundância, porém, é de paca e cotia. Uma turma de Belém periodicamente leva a efeito caçadas no balneário (BELÉM, 1989, p. 4).

A data de publicação da nota acima corresponde a 1989, uma época que o bairro, possivelmente, já havia sofrido muitas modificações em sua paisagem natural, entretanto ainda assim contava com uma fauna diversificada. Chama atenção o fato de que “caçadas” eram empreendidas na ilha e até mesmo, de certa forma, divulgadas em notas de jornal, o que hoje seria inconcebível, dado ao cabedal de leis de proteção ambiental da atualidade.

Entre a população local, a prática da caça era uma necessidade vivenciada por muitos moradores. Assim, homens, em especial, se embrenhavam nas matas próximas ao bairro para obtenção de proteína animal que serviria à alimentação de famílias desprovidas de maiores condições financeiras para custeio de suas necessidades alimentares básicas¹⁴.

Contudo, as matas não eram espaços eminentemente masculinos, mulheres acompanhadas de seus filhos adentravam áreas de várzeas, em atividades de extrativismo vegetal, buscando alimento para suas famílias, tal qual nota-se no depoimento a seguir:

Andei muito no mato com os meus filhos atrás de apanhar açaí. Eu os acompanhava porque eu tinha medo de deixar eles a sós, de subirem numa árvore, de repente a árvore não aguentar [...]. Eles apanharam muito açaí, [...] não tinha geladeira, não tinha luz para cá para esse pedaço onde a gente morava, não tinha nada, amassava aquele açaí na mão mesmo, coava na peneira, botava dentro do alguidar e tomava até o tanto que não dava mais [...]. No outro dia, não prestava mais, jogava fora, não tinha onde guardar [...] azedava. A maior parte do povo apanhava açaí, às vezes, a gente trocava com farinha, não tinha como vender, a gente trocava (MARIA, 68 anos. *In*: COSTA, 2007, p. 160).

No depoimento, a impossibilidade da venda do açaí se justifica pelo fato de que a comunidade local, em grande parte, recorria à extração de tal fruto como uma alternativa à sua alimentação, contudo, para além dessa situação, percebe-se que trocas eram feitas entre os moradores do bairro, o que também reforça a ideia de uma população de baixa renda existente no local e que não dispunha de meios necessários, até mesmo, para a o armazenamento e conservação do produto.

A presença de áreas verdes, que se estendiam por Carananduba e demais bairros subsequentes, foi expressa por MEIRA FILHO (1978), que ao falar sobre a parte oriental da ilha de Mosqueiro destacou o caráter de isolamento que tal região vivia em relação à Vila e que teria sido, aquela região, a última a receber “favores das administrações”. Nas palavras do autor:

[...] Dificil acesso depois do "Ariramba", o que não seria uma avançada mato-a-dentro, desde o “Carananduba” até a fazenda, na ponta leste da Ilha do Mosqueiro?

¹⁴ A atividade de caça nas matas próximas ao bairro era prática comum entre muitos familiares e vizinhos do professor-pesquisador, este em sua infância presenciou muitas vezes seu pai chegar em casa trazendo consigo algum animal abatido.

Passou essa região, durante muitos anos, completamente divorciada dos interesses da ínsula, em termos de desenvolvimento, sobre as rédeas do primitivo Grão-Pará, depois da Província, no Império e na República, após 1989 (MEIRA FILHO, 1978, p. 68).

Carananduba carecia de infraestrutura e de serviços públicos, a situação de isolamento geográfico, a qual era submetido, expressa por Meira Filho, corrobora para a compreensão de que a localidade em si, realmente, sofria pela ausência de um olhar mais atento por parte da administração local. Assim, conforme será exposto mais adiante, o processo de urbanização da ilha ocorreu de forma circunscrita e limitada a algumas áreas em detrimento de outras mais periféricas e de difícil acesso.

A inserção de serviços públicos, na realidade do bairro, se deu de forma lenta, faltava-lhe infraestrutura básica, o que é evidenciado, por exemplo, pelo fato de que, em 1951, o bairro não dispunha de fornecimento de energia elétrica, o que só foi minimamente sanado quando disponibilizado um gerador de energia para tanto. Sobre o processo de aquisição do referido equipamento encontrou-se a seguinte nota em jornal local:

O Sr. Felinto, Lobato da bancada do P.S.D., apresentou cinco requerimentos, todos visando a melhoria para as condições das populações dos nossos subúrbios distantes. O primeiro solicita ao s.r. prefeito de Belém, a compra de um gerador de energia elétrica para a vila de Carananduba, no distrito de Mosqueiro (BELÉM, 1951, p. 4).

Assim, três meses após a apresentação do requerimento em questão, a compra do referido equipamento foi aprovada: “Em 30-05-51 - Requerimento pedindo ao Sr. Dr. Prefeito à compra de gerador elétrico para povoação de Carananduba, na Vila do Mosqueiro. Aprovado” (Belém, “O liberal”, 24/09/1951, p. 4, Política)¹⁵.

A situação em que o bairro se encontrava, no que concerne aos problemas relacionados ao fornecimento de energia elétrica à comunidade local é percebida no seguinte depoimento: “Carananduba não tinha estrada, não tinha luz, aqui a luz era coisa de usina, ela virava [...] sete horas da noite quando era dez horas da noite apagava” (Francisco, 72 anos, Julho/2006. In COSTA, 2007, p. 134).

Percebe-se que, nesse caso, o bairro é lembrado pela “falta”, pela ausência, ou seja, por aquilo que não se tinha em Carananduba, a ausência de vias públicas (“estradas”) é algo recorrente nas lembranças de quem viveu tempos em que o lugar ainda era marcado pela presença de muitas áreas verdes, uma localidade povoada e não populosa, um “lugar pequeno”, onde se contavam as gentes e seus lares, tal qual é rememorado no testemunho de um de seus

¹⁵ Sobre o início do fornecimento de energia no bairro por meio de gerador não foram encontrados registros oficiais em jornais da época que atestem a data de instalação do aparelho.

moradores: “[...] Carananduba, era muito pequeno, não era grande como é hoje, pouca rua e pouca casa, era uma casa aqui, outra lá, outra lá, a gente contava as pessoas, contava as casas que tinham aqui” (Maria, 68 anos, julho/2006, *In*: COSTA, 2007, 161).

Interessante notar que a compreensão entre o que era Carananduba (pequeno) e o que é hoje (grande) se faz pela comparação, a partir da percepção daquilo que o bairro se tornou com o passar dos anos. Dessa forma, percebe-se o lugar como sendo pequeno, com poucas casas e ruas, por exemplo, considerando as mudanças que a paisagem sofreu, assim, pode-se sugerir que, muito possivelmente, as mesmas pessoas que hoje rememoram o bairro e o percebem em sua pequenez, talvez assim não o fizessem quando este ainda não fosse para seus moradores tão pequeno.

Na falta de vias de acessos pavimentadas, seus moradores se deslocavam por caminhos para chegar a muitos pontos do bairro: “aqui tinha só a rua principal, [...] e as travessazinhas, mas o resto era só caminho, era só caminho” (Regina, 62 anos, Julho/2006, *In*: COSTA, 2007, p. 72).

Assim, o bairro é rememorado por aqueles que o habitavam, quando da época de tantas limitações vivenciadas, o que corrobora para a compreensão de que o isolamento proveniente da distância em relação ao núcleo urbano da ilha e bairros mais centrais, de certa forma, em muito contribuiu para que faltassem em Carananduba inúmeros elementos próprios da urbanização.

Contudo, apesar das dificuldades e daquilo que não se tinha no lugar, havia uma dinâmica, um modo de viver no bairro e viver o bairro, talvez para aqueles que o habitavam, o lugar ainda assim lhes oferecesse coisas boas. A rememoração se faz por aquilo que se vivenciou, pelo deslocar-se pela mata em caminhos, por exemplo, pela capacidade de contar as casas e pessoas, pelo poder de recordar o lugar em uma totalidade que só é possível pela pequenez de Carananduba (em termos demográficos na época), o que permite, a quem o recorda, até mesmo ainda enxergá-lo em tempos que lhe faltava luz.

Compreende-se que a rememoração que se faz no ato de recordar, o deslocar-se pelos caminhos do bairro, em muito se relaciona com as reflexões de Certeau (1998), quando este trata dos praticantes ordinários, ou seja, os caminhantes. Assim, pode-se afirmar que os moradores de Carananduba ao rememorar seus modos de viver o bairro, revelam como por ele caminhavam e como o enxergavam. Nesse sentido, o ato de caminhar apresenta tríplice função:

[...] “enunciativa” é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre, [...] é uma realização espacial do lugar [...]; enfim implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, contratos pragmáticos sob a forma de movimentos. [...] O ato

de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação (CERTEAU, 1998, p. 177).

Soma-se a essa percepção da relação que se constrói entre o espaço habitado, nesse caso o bairro e o habitante, a compreensão de Corbin (1998, p. 107), quando o autor destaca a dificuldade de se construir uma história da cidade (leia-se, novamente, o bairro), uma vez que cada um dos sujeitos que manifestam seus modos de viver a cidade “realiza com essa cena cotidiana uma montagem que lhe é própria”.

Assim, se estabelece com o lugar uma relação de pertencimento que situa o habitante no espaço, habitá-lo implica também em se deixar habitar por ele. No caso do bairro Carananduba, seus moradores o habitaram e foram habitados quando vivenciaram suas dificuldades, quando trafegavam por seus caminhos e também, quando o rememoraram, visitaram-no, uma vez que “o verbo *habeo* em latim significa possuir, manter relações com alguma coisa. Com o acréscimo da partícula *it*, que indica reforço, o verbo *habito* acrescenta intensidade e permanência a essas relações” (MENEZES, 2010, p. 26).

Considerando a memória nos testemunhos expostos, bem como a visão de Meira Filho (1978) sobre o bairro, evidencia-se a noção de que seria Carananduba um local pouco atraente aos olhos daqueles que visitavam a ilha de Mosqueiro. Contudo, em oposição a essa visão, em 1902, o intendente Antônio Lemos apresentou um relatório ao Conselho Municipal de Belém, onde destacava o bairro como um lugar belo e atraente, nas palavras do intendente:

[...] Tenho a satisfação de salientar, entre todos os pontos do interior do município, os trabalhos effectuados na povoação Carananduba, districto do Mosqueiro. Recebi uma planta geral d’aquella povoação, planta por mim mandada levantar e que, uma vez executada, transformará a localidade em todas as suas condições materiaes e higiênicas, desde já bastante apreciáveis. Com effeito, Carananduba é um bello, saudável e attrahente logar (BELÉM, 1902, p. 459).

A transformação da localidade, prevista por Lemos, não ocorreu. Diferente de muitos bairros da ilha de Mosqueiro (que são marcados pela presença de praias relativamente extensas), Carananduba não é um bairro de grande balneabilidade, a praia ali encontrada é pequena e com pouca infraestrutura, logo não chama atenção de muitos turistas e veranistas que, nos dias atuais, se deslocam para a ilha.

Essa condição foi expressa por Meira Filho (1978) quando o autor destacou o pouco interesse de pessoas advindas da capital em edificar suas casas de veraneio naquela região. As razões para tanto, segundo o autor, seriam a inexistência de serviços públicos, a falta de estrutura viária, de abastecimento de água e energia e a carência de transportes que permitissem

o acesso à Vila. Assim: “Durante muito tempo, Mosqueiro era a Vila, depois se estendeu. Passou a incorporar [outros bairros] o Chapéu Virado e mais tarde, Murubira e Ariramba” (MEIRA FILHO, 1978, p. 75).

Se havia carência em relação aos transportes, já os veículos não chegavam até o bairro Carananduba, questiona-se como faziam seus moradores do bairro para chegarem à vila? A resposta a esta indagação é apresentada no depoimento de uma de suas moradoras:

[...] aqui não tinha ônibus, era até no “Ponto Certo”, lá onde agora é Murubira, lá que era a parada do ônibus, chegava quem vinha de Belém, saltava [...] Para cá, nesse tempo, não existia esse negócio de bicicleta, para pegar esse ônibus a gente tinha que ir de madrugada para pegar lá, para chegar seis horas no navio (Maria de Nazaré, 68 anos, *In*: COSTA, 2007).

Em seu relato, a depoente fala de uma época em que os moradores do bairro Carananduba não contavam com um serviço de transporte público, como dito por Meira Filho anteriormente, o processo de urbanização em Mosqueiro passou a incorporar outros bairros e esse processo de incorporação não foi imediato e tampouco chegava a todos os lugares da ilha. A distância entre o bairro Murubira e Carananduba é de 5,5 quilômetros, numa época em que inexistiam vias pavimentadas, os moradores do bairro poderiam demandar de um espaço de tempo demorado, em demasia, para realizar tal deslocamento.

A carência de serviços públicos foi uma constante na vida da população de Carananduba, uma vez que as transformações e melhorias urbanas que Mosqueiro vivenciou aconteceram, inicialmente, em partes da ilha, áreas nas quais o potencial de balneabilidade se tornava mais visível e o acesso facilitado o que, por sua vez, revelou-se como um fator de atração ao processo de urbanização limitado a tais áreas, em fins do século XIX e início do século XX. Dessa forma:

Os visitantes que chegaram a Mosqueiro, no final do século XIX, trouxeram consigo o apelo cultural da *Belle Époque*. Passaram a estabelecer a segunda moradia no local. A Ilha passou então por um processo de transformação semelhante ao que ocorreu em Belém, guardadas as devidas proporções, obviamente (TAVARES, 2019, p. 154).

Em contrapartida, bairros como Carananduba, continuaram a não receber as “melhorias” da urbanização iniciada na ilha.

Sobre esse processo de transformação de uma parte do espaço da ilha, Cardoso (2020) afirma que, no início do século XX, a ilha de Mosqueiro se consolidou como local preferido para o “desfrute e lazer” dos belenenses. Essa ocupação se estenderia até bairro Chapéu Virado e proximidades, correspondendo a uma faixa de quatro quilômetros da Vila até o bairro citado,

nas palavras da autora, neste último: “[...] pontilhavam os chalets (casas afrancesadas) e os casarões de madeira avaranados e suspensos do solo [...] num estilo tropicalizado, influenciados por obras congêneres executas em Cayenne e em Paramaribo” (CARDOSO, 2020, p. 79).

Dessa forma, pode-se dizer que, no processo de parte de urbanização da ilha, diferenças foram estabelecidas entre determinadas áreas. Assim, Carananduba e demais bairros que se seguem após este, configuraram-se como bairros periféricos, de população nativa em maioria, locais não escolhidos pelos turistas, veranistas e por aqueles que construíram seus casarões na ilha. Nas palavras de Amanajás:

Cada uma dessas reentrâncias é uma praia e muitas delas formam bairros. Assim a praia do Areião, Bispo, Prainha, Praia Grande, Praia do Farol, Chapéu Virado, Porto Artur, Murubira, São Francisco, Ariramba, Caranandububa, todas exceto o bairro de Carananduba exibem belíssimas vivendas (AMANAJÁS, 1976, p. 8).

Logo, o bairro não foi marcado pela presença das construções arquitetônicas inspiradas em moldes europeus, não carrega em sua trajetória a marca do patrimônio histórico material convencionalmente aceito e presente em outros bairros da ilha, o que não implica dizer que não há no bairro história e memória. Uma vez que:

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas por que solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos (ASSMANN, 2011, p. 318).

Nesse sentido, como qualquer outro bairro, como um espaço construído pela ação humana, independentemente de quais vestígios, legado ou marcas essa ação tenha deixado, mesmo que Carananduba não tenha se revelado, aos olhos de muitos visitantes da ilha, como uma localidade atraente, mesmo que ali não tenham sido erigidos casarões aos moldes de uma arquitetura europeia, existem no local histórias, memórias, que se revelam parte integrante da história da ilha, e como tal deve ser vista.

Além disso, o bairro, considerando seus moradores que o rememoram, pode ser compreendido como dotado de espaços de recordação significativos, pois nesses espaços, que não precisam necessariamente de materialidade, a história do bairro é vivida e sentida.

Assim, nos bairros mais centrais, casarões inspirados na arquitetura europeia da época eram erigidos, serviços públicos passaram a ser oferecidos, melhorias, a urbanização e o embelezamento de parte da ilha tomava forma. Nesse sentido:

Houve época em que os ricos industriais e comerciantes davam-se ao luxo, até certo ponto justos, de construir *trapiches* em frente às suas mansões e, disso, guarda historicamente, o Mosqueiro, aquilo que denominavam “porto”, próprio e especial para a atracação de lanchas velozes, então, surgindo na cidade e que se destinavam a levar nossos primeiros *veranistas*, às praias da Vila e às do Chapéu Virado, preferencialmente (MEIRA FILHO, 1978, p. 45).

Nota-se que os primeiros veranistas não frequentavam praias mais distantes, a ausência de transportes e, até mesmo de vias que ligassem diversos pontos da ilha, foi algo que por muito tempo colaborou para a não interligação dos bairros de Mosqueiro. Nesse sentido, Meira Filho (1978), ao apresentar as dificuldades de transporte vivenciadas, relata que os ônibus disponibilizados pela prefeitura de Belém eram em número reduzido e velhos e, aliado a isso, o itinerário por eles cumprido se limitava inicialmente à Praia Grande ou ao Farol e desse ponto retornavam à Vila, posteriormente o itinerário ampliou-se até as praias do Murubira, Ariramba e mais tarde chegaria ao bairro Carananduba.

Em 1985, a situação dos transportes na ilha ainda parecia não ter sofrido grandes transformações, assim um jornal local publicou a seguinte nota:

O Deputado José Guilherme reivindicou, ontem, a colocação de maior número de coletivos em circulação para a Ilha de Mosqueiro, de forma a atender o grande fluxo de pessoas que deverão dirigir-se à Vila balneária no mês de julho. O parlamentar do PMDB argumentou que se aproxima o mês das férias e nesse período milhares de belenenses deixam a cidade e se deslocam para o interior, sendo um dos pontos preferidos para o Veraneio a Ilha do Mosqueiro [...] Segundo José Guilherme, aquele distrito infelizmente não possui uma infraestrutura em matéria de transporte coletivo capaz de atender o grande contingente humano que o procura durante as férias escolares. Estimou o deputado que cerca de 80 mil pessoas dirigem-se para o Mosqueiro no mês de julho. Observou, por outro lado, que existem praias famosas no Mosqueiro, como Marahu., Paraíso, Carananduba, Grande e outras, completamente desconhecidas da maioria dos que visitam a ilha, porque não existe uma linha regular de ônibus na localidade. Os poucos coletivos que circulam na ilha são insuficientes até para o transporte dos próprios moradores (BELÉM, 1985, p. 5).

Interessante perceber que, na nota publicada, a preocupação em ampliar o número de transportes coletivos se faz basicamente como uma resposta, em primeiro lugar, a uma necessidade externa à situação dos moradores da ilha, ou seja, buscava-se oferecer transporte para aqueles que se deslocavam até Mosqueiro no período das férias escolares. Em seguida, há a necessidade de garantir o acesso dos veranistas às praias.

Curiosamente, a praia de Carananduba é apresentada como uma “famosa praia” (contrariando a imagem de um lugar pouco atrativo), por fim a nota conclui com a constatação de que não havia regularidade em termos de linhas de ônibus que conduziam veranistas até o Carananduba e bairros subsequentes. Além disso, o reduzido número de veículos disponíveis na ilha não atendia às necessidades de seus moradores, algo que infelizmente ainda se mantém nos dias atuais, uma vez que, a população, tem sofrido com os poucos veículos, destinados ao transporte coletivo e horários irregulares.

Nas notas dos jornais locais, que se ocupavam em tratar de questões relacionadas ao bairro, percebe-se a recorrência pela qual Carananduba é apresentado como uma localidade distante, isolada e, de certa forma, apartada de outras áreas da ilha. Além disso, a população do bairro, repetidamente, é retratada como “humilde”. Vale destacar que não foram encontradas notas sobre o lugar, onde fosse possível perceber ações de insatisfação e manifestações por parte de seus moradores em busca de melhorias para a comunidade, o que não significa que isto não tenha ocorrido¹⁶. Na verdade, o que se percebe são requerimentos e solicitações feitos por políticos locais em prol do bairro, no que se refere à necessidade de serviços públicos que ali precisavam ser oferecidos.

Assim, uma nota de um jornal local chama atenção, o que parece ser algo tão simples e coloquial para os dias de hoje é apresentado como uma grande conquista a ser efetivada e que garantiria significativa melhoria na vida dos habitantes do bairro em 1988.

Um telefone público para a localidade de Carananduba. [...] foi solicitado pelo deputado estadual Kzan Lourenço à Telepará, [...] ontem, na Assembleia Legislativa. O parlamentar mostrou a necessidade de esse serviço vir a ser providenciado, pois o telefone é de mil utilidades, principalmente para uma comunidade como a de Carananduba, que fica distante de Belém (BELÉM, 1988, p. 4).

Percebe-se que o caráter de isolamento geográfico da comunidade, de certa forma, é até exacerbado, pois se considera que Carananduba seja distante de Belém, quando na verdade toda a ilha de Mosqueiro se encontra em uma distância considerável em relação à capital, conforme já relatado anteriormente. Além disso, a instalação de um aparelho telefônico é superestimada ao se destacar as “mil utilidades” de um objeto que, na época em questão, não servia para além da realização de ligações telefônicas.

Contudo, não se nega a importância do meio de comunicação solicitado para o bairro, em uma época em que a comunidade ainda vivia desprovida de serviços públicos básicos.

¹⁶ Como será exposto mais adiante, a ampliação da oferta de etapas de ensino da educação básica no bairro, nasceu daquilo que numa nota de jornal foi chamado de “pedidos dos moradores”.

Pode-se supor que a percepção do bairro como sendo “afastado”, ou a construção dessa ideia, se dá pelo modo como Carananduba foi visto por quem viveu as dificuldades e limitações ali enfrentadas, já que o deslocamento para a Vila era uma constante quando se precisava de algo ou de serviço que não se encontrava próximo, bem como, pelo olhar de quem visitava a ilha e não tinha acesso ao bairro pelos vários motivos já citados e por representantes políticos que passaram a perceber os problemas de comunidades mais afastadas e isoladas na ilha que necessitavam de serviços públicos efetivos.

A carência, a falta até mesmo de um serviço, hoje, pouco utilizado como a telefonia pública, a pobreza dessas comunidades (nisso inclui-se Carananduba), parecem ter em muito contribuído para a construção da percepção de “bairro afastado”, de difícil estabelecimento de comunicação e acesso.

Na pesquisa realizada em periódicos, percebeu-se que o bairro era procurado por muitos moradores da ilha, quando da necessidade da realização de sepultamentos. Por muito tempo, existiram em toda Mosqueiro apenas dois cemitérios que ficavam localizados em pontos extremos da ilha, um na Vila (centro urbano) e outro em Carananduba, intui-se que o cemitério deste último serviria, principalmente, pela relativa proximidade, aos moradores de bairros como Baía do Sol, Sucurijuquara, Caruara, Marahu, Paraíso, São Francisco e Ariramba¹⁷. Na seguinte nota de jornal local, a situação dos serviços funerários da ilha foi exposta:

Não havendo serviço funerário na vila do Mosqueiro, e sendo por isso muito penoso, em caso de falecimento de um habitante, a condução do cadáver à necrópole, por falta de um transporte e até mesmo a confecção de um caixão, que quando se consegue fazer improvisadamente, é de tábuas toscas pregadas, mas, quase sempre, o corpo vai apenas envolvido numa rede carregada por homens, vencendo distâncias enormes desde a casa enlutada, até um dos cemitérios da Vila ou de Carananduba; para cessação desse macabro espetáculo desabonador dos foros de civilização e progresso que dão aquela estação balneária o encanto que faz dela a máxima atração das pessoas que procuram passar apazivelmente as estações de férias, requeiro que, o plenário, sejam, pela mesa, solicitadas por Ofício ao Exmo. Sr. Prefeito as seguintes providências: a) Fornecimento de transporte, em caminhão da prefeitura para o cadáver e pessoas acompanhantes, por preços compatíveis com as possibilidades financeiras da família enlutada, ainda que inferior ao custo [...] (BELÉM, 1951, p. 2).

Mais uma vez, nota-se que a ação política local relacionada à ilha de Mosqueiro, de modo geral, pareceu estar corriqueiramente relacionada com motivações que não se direcionaram primeiramente ao atendimento das necessidades básicas da população nativa da

¹⁷ Na verdade, até hoje o cemitério local serve a quase todos estes bairros, o bairro da Baía do Sol, o mais distante bairro de Mosqueiro, em relação a seu centro urbano, já conta com um cemitério.

ilha. Na nota acima, há um expresse incômodo com o “macabro espetáculo” que ocorria nas ruas dos bairros, quando da infeliz ocasião do falecimento de algum habitante local.

Há a necessidade de tornar aquele espetáculo menos visível aos olhos de quem visitava a ilha, afinal, o luto e a expressão desse luto, o traslado de corpos aos cemitérios dos bairros Vila e Carananduba, foram vistos como uma mácula ao “encanto” que atraía turistas, em especial, durante os períodos de férias escolares. A solução: dar celeridade ao cortejo fúnebre, pô-lo em um caminhão. Assim, o bairro de Carananduba foi lembrado como um dos bairros possuidores de espaço destinado aos sepultamentos dos corpos de moradores da ilha.

Entretanto, nem tudo no bairro se resumia às atividades de subsistência, ausências e dificuldades, por exemplo, havia atividades de lazer, festejos religiosos, a vida nem sempre era marcada por limitações.

Ocorre no bairro até hoje a “Festividade de Nossa Senhora da Conceição”, evento que a marca a comunidade católica local, cuja primeira capela foi inaugurada “em 10 de janeiro de 1914 através dos anos vem servindo a comunidade que ali vive em sua povoação” (MEIRA FILHO, 1978, p. 94). Logo, considera-se que a edificação do prédio destinado aos cultos religiosos é posterior à formação da comunidade. O único registro encontrado em jornal local data de 1915, um ano após a inauguração da capela:

FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM CARANANDUBA – Será iniciada hoje a festividade da Immaculada Conceição nesta povoação. Ao alvorecer desse dia, serão queimadas numerosas girandolas de foguetes. Repetindo-se ao meio-dia e à Ave-Maria. A’s 8 horas da noite terá início o tríduo acompanhado de canticos sacros. Sábado, 18, solenne vespervas, domingo, 19, será celebrada às 9 horas missa solene, sendo officiante o s.r. Conego Ricardo Rocha. A tarde sairá em procissão a Virgem Imaculada (BELÉM, 1915, p. 4).

Segundo relatos, a primeira capela da comunidade católica de Nossa Senhora da Conceição teria sido destruída quando da época da construção da rodovia que ligaria a ilha de Mosqueiro à capital Belém. A Figura 4 apresenta a capela que foi construída, após a destruição da primeira.

Figura 4 - A capela de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: MEIRA FILHO, Augusto, 1978.

Em 1919, o bairro teria sido palco de homenagem e/ou manifestação partidária em virtude do aniversário do então governador do estado do Pará João Coelho:

[...] Em Carananduba, também foi festejado o aniversário do Ilustre chefe do Partido Republicano Paraense o Exmo. sr. dr. João Coelho. [...] Às 8 horas reunindo grande número de eleitores do Partido Republicano, na casa de nosso amigo Joaquim Amador, desfilou uma passeata, levando à sua frente uma harmoniosa banda de música sob a regência do habil professor João de Almeida Barbosa, percorrendo todas as ruas e travessas daquela povoação [...] (BELÉM, 1919, s.p.).

Questiona-se se o fato apresentado ocorreu tal qual descreve a nota publicada, considerando o que já foi citado em relação ao bairro, a situação de isolamento geográfico, a dificuldade de transporte, a ausência de vias pavimentadas ou minimamente acessíveis.

Assim, compreende-se a descrição da homenagem feita ao então governador com o intuito de, possivelmente, tornar maior aquilo que realmente aconteceu, considerando que a intencionalidade de toda a nota estava em divulgar a quantidade de homenagens que o referido político recebeu por ocasião de seu aniversário natalício.

Contudo, é fato que, independentemente da quantidade de pessoas que participaram, houve no bairro, na época em questão, uma movimentação incipiente, de cunho político-partidário.

Em Carananduba, havia também locais que serviam de ponto de encontro da comunidade, como é o caso de um estabelecimento comercial chamado “a Progressista”, onde, nos finais de semana, eram realizadas festas abertas ao público em geral.

Era ali onde é a padaria, lá era um comércio “Progressista”, [...] davam festa lá também, animavam a população, quando era São João [...] faziam brincadeira, todo mundo ia para lá, [...] era pau-de-sebo, metiam a cara naquela vasilha cheia de trigo, [...] e toda brincadeira era lá, única coisa, a diversão que tinha era...eles botavam [...] que tinha aquele aparelho [alto falantes] colocavam lá em cima (risos), dias de fim de semana (ALUÍZIO, 60 anos. *In*: COSTA, 2007, p. 222).

Na atualidade, o prédio que sediava as atividades citadas no depoimento já não mais existe, o modo como aquele lugar é rememorado expressa o saudosismo e, ao mesmo tempo, o prazer de quem o frequentou. Assim, pode-se perceber o bairro como também um lugar de sociabilidades que extravasam as relações familiares, ou as atividades de subsistência, a dinâmica do lugar não foi marcada unicamente pelas dificuldades e limitações que sua gente enfrentava.

Dessa forma, através da memória, expressa no depoimento apresentado, chega-se a outra dimensão da vida dos habitantes do bairro, a dimensão do lazer ou uma parte dessa dimensão, pois tal qual Pesavento (2004), a memória é universo infinito do qual os sujeitos registram fragmentos, ou seja, visualiza-se “um mundo social”, como afirma Bosi (1987), ou uma fração dele que, por sua vez, é detentor de riqueza e diversidade desconhecidas, as quais podem ser alcançadas pela memória dos velhos. A Figura 5 apresenta o estabelecimento citado no depoimento anteriormente apresentado.

Figura 5 - Foto "A Progressista"



Fonte: BARROS, Deuzarina, Arquivo pessoal de fotos

A partir da década de 80, veem-se em notas de jornais locais programações e eventos noturnos que ocorreram em Carananduba, o bairro passa a ser citado como um local frequentado por veranistas, contudo tais eventos ocorrem sempre no mesmo lugar, o que transmite a ideia de que essas referidas programações eram pouco numerosas.

Percebe-se, nas notas encontradas, que, de modo geral, estes eventos eram destinados aos veranistas, o que não exclui a participação da população local, mas, aos poucos, Carananduba parece ter sido incorporado, na época, ao roteiro turístico da ilha obedecendo a mesma ótica da inserção de bairros tradicionalmente mais visitados, ou seja, o foco era oferecer algo que atraísse os visitantes da ilha.

Promoção das mais quentes será levada a efeito, hoje, a partir das 22:00 horas no Camboa Drink's, em Carananduba Mosqueiro, quando haverá a apresentação da garota e do garoto Camboa/84, [...] e a escolha do "Casal Veranista Sensação de Carananduba". Denominada de "A noite dos Veranistas" [...] (BELÉM, 1984, p. 5).

A atração de veranistas, na época em questão, se fazia por ocasião das férias escolares e pela estrutura viária, que ligava Mosqueiro a Belém, já construída e pelas vias internas feitas na ilha que interligam seus diversos bairros. O que segundo Meira Filho (1978), estaria relacionado a ação do agente distrital da ilha naquele momento:

Na gestão deste último agente distrital engo. Jacy Gonzaga da Igreja [1974-1978], a ilha tem estado sob a permanente vigilância de seu gestor. [...] Também, neste período, sob a responsabilidade do DMER-BI foi construída nova ponte sobre o Igarapé do Cajueiro, obra vultuosa, necessária e imprescindível à circulação litorânea dos veículos que chegam e saem da ilha para Belém e vice-versa. Mosqueiro tem recebido melhoramentos em todos os setores de sua vida administrativa e social. Melhoram as instalações na Vila, abrem-se novas artérias nos bairros [...], em Carananduba, no Sucurijuquara e, avenidas marginais às praias unem, agora, Marauá, Paraíso, Caroara, Caruara e as que se seguem em direção dá Baía do sol (MEIRA FILHO, 1978, p. 105).

Mais uma vez, as ações de urbanização e melhoria do espaço da ilha, de um modo geral, foram feitas visando a população externa à ilha, pelo que é expresso na nota acima, não se faz referência à população nativa, invisibilizam-se os moradores da ilha, as transformações ocorridas não eram mostradas como fruto da necessidade das pessoas do lugar, além disso, a construção e/ou pavimentação de vias assim era feita observando a necessidade de se chegar às praias, logo muitas vias em muitos bairros, como Carananduba, por exemplo, permaneceram sem o tratamento urbanístico necessário.

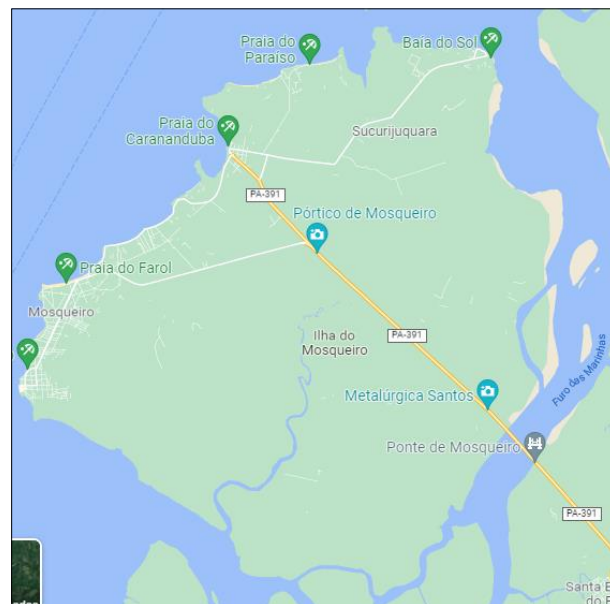
Para Cardoso (2020), a década de sessenta, é emblemática, pois, o acesso do belenense à ilha de Mosqueiro tornou-se facilitado, por via terrestre, uma vez que, no ano de 1965, a

construção da rodovia que ligaria Mosqueiro a Belém teria sua conclusão. Contudo, somente no ano de 1976, foi inaugurada a ponte Sebastião L. de Oliveira, “facilitando mais ainda a comunicação com a ilha e, ampliando de forma significativa o número de visitantes, [...]. Daí, porque, a estrada e a ponte são consideradas fatores determinantes da popularização da ilha” (CARDOSO, 2020, p. 81).

A rodovia por sua vez “cortaria” o bairro de Carananduba, assim, pode-se dizer que este se tornou um espaço de passagem, para aqueles que se dirigiam a bairros como Ariramba, Murubira, Porto Arthur, Chapéu Virado, Vila, por exemplo, de igual maneira, para os que desejavam chegar às praias do Paraíso e Marahu. Assim, Carananduba se tornava visualmente conhecido, casas de veraneio foram ali, construídas, não nos moldes dos chalets do início do século XX, além disso, com rodovia o deslocamento de habitantes da ilha para a capital passava a ser feito por via terrestre.

A Figura 6 apresenta um mapa no qual se vê a Rodovia Engenheiro Augusto Meira Filho (PA 391), percorrendo uma significativa faixa da ilha, chegando ao Bairro de Carananduba, onde tem seu fim.

Figura 6 - A Rodovia Engenheiro Augusto Meira Filho



Fonte: www.google/maps.com Acesso em: 19 jan. 2022

Voltando-se para as atividades culturais do bairro destinadas à população nativa ou feitas por esta, estão as práticas relacionadas ao folclore. Na pesquisa em jornais, foram encontradas informações sobre cordões de pássaros, boi-bumbá, quadrilhas e um grupo de carimbó, como se pode ver na seguinte nota:

No dia 18, a partir das 19 horas, a dança da Peneira e a dança do Xote serão levadas a efeito na comunidade de Ariramba, ao lado das apresentações de boi-bumbá "Malhadinho", do pássaro "Tem-tem" e do grupo "Carimbó do Macaco". A "Dança do Sim", será exibida a partir das 19 horas do dia 20, na comunidade de Carananduba, ao lado das apresentações do pássaro "Taperá", boi-bumbá "Estrela de Ouro", dos grupos de "Carimbó da Suzani" "Carimbó Angolano" e da quadrilha "Amor é Nosso". (BELÉM, 1989, p. 4).

Foram grupos organizados por moradores locais: o cordão de pássaro "Tem-tem", Quadrilha "Amor é Nosso", Boi-bumbá "Estrela de Ouro" e "Carimbó da Suzany", de todos esses grupos mantêm-se o cordão de pássaro, sua guardiã (nome pelo qual é chamada a organizadora do grupo) faleceu em julho de 2021 e em outubro desse mesmo ano, o grupo apresentou-se no Teatro da Paz, em Belém, com o espetáculo "Amor de Irmã", que contou com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado do Pará (SECULT). Assim, a família da guardiã mantém viva a tradição.

Como dito anteriormente, entre 1974 e 1978, Carananduba e demais bairros mais afastados passavam a se interligar ao centro urbano da ilha, com a construção de mais vias públicas e com serviço de transporte que alcançasse a ilha em seus extremos. Aos poucos, a paisagem da ilha, de modo geral, sofreria modificações. Porém, até o ano de 1989, o bairro em questão, ainda preservava muitas de suas características de outrora, áreas verdes, uma população ainda de maioria nativa, um bairro que apesar de seu crescimento demográfico, poderia ser visto como uma região povoada e não populosa.

O ano de 1989 é emblemático na história das transformações que o bairro sofreu, por marcar o momento em que as áreas de ocupação desordenada ocorreram naquela localidade, pessoas advindas de outros municípios, moradores de diversas partes da ilha, e até mesmo de Carananduba, passaram a ocupar as áreas ainda verdes do bairro.

O fenômeno das ocupações desordenadas, popularmente chamadas de "invasões", afetou a muitos outros bairros da ilha, contudo, naquele momento, talvez tenha sido Carananduba o bairro mais afetado. Em nota, um jornal local destacou o ocorrido: "as invasões de terra chegaram ao Mosqueiro. Uma extensa área da ponte do cajueiro, até Carananduba está sendo ocupada por dezenas de barracos" (BELÉM, 1989, p. 4).

Faz-se importante perceber como o problema das ocupações desordenadas, que Mosqueiro passava a enfrentar, é relatado na nota acima, as "invasões" chegam à ilha e "barracos" passaram a ocupar uma determinada faixa de terra, o que sugere uma perspectiva elitista sobre a situação que, por sua vez, desconsidera o fato em si como consequência do não acesso à terra e/ou à moradia por parte de muitos que ali se instalaram.

Com o advento das áreas de ocupação desordenada a população de Carananduba viveu um crescimento demográfico expressivo, perdendo o caráter de uma população de maioria nativa, além disso, as áreas verdes do bairro sofreram uma redução expressiva, a palmeira que dá nome ao lugar deixou de ser um elemento presente naquela paisagem, uma vez que: “Nos desmatamentos, aos quais se sucedem ocupações ilegais, são constantes os acampamentos às margens da estrada, PA-391 (rodovia Augusto Meira Filho)” (FURTADO, 1998?, p. 7), por conseguinte, os modos de viver o bairro se modificaram. A Figura 7, mostra palmeiras de caranã encontradas em pontos distantes do bairro.

Figura 7 - Palmeiras de Caranã (fotografia)



Fonte: COSTA, Roberto Souza (2022). Arquivo pessoal de fotos.

Convém destacar que o fenômeno pelo qual a ilha passou, no que concerne à modificação de sua paisagem em virtude das áreas de ocupação desordenada, seria um reflexo daquilo que se viveu na capital.

Segundo Souza (1990), assentamentos irregulares na cidade se deram de forma constante a partir da década de 1980, em decorrência de questões ligadas a fatores econômicos e processos de ocupação em que a população de baixa renda cada vez mais era obrigada a disputar áreas mais periféricas.

O que possibilita intuir que elementos como a redução de espaços e dificuldade de acessos a estes, por exemplo, por um contingente populacional excluído, acabou por acarretar movimentos “migratórios” para áreas mais relativamente distantes de Belém, como Mosqueiro, por exemplo.

As percepções acerca do lugar, ou seja, os modos como Carananduba foi retratado, percebido e rememorado são vários, pode-se dizer que, aos olhos de quem destacava as benesses da urbanização de partes da ilha de Mosqueiro, o bairro foi visto como um lugar apartado, distante e carente de estrutura necessária para atrair veranistas e turistas, um lugar de gente humilde.

Ao mesmo tempo, a percepção de um bairro que padecia pela ausência de serviços públicos foi expressa em jornais de diferentes épocas, mas foram também alguns desses jornais que evidenciaram aspectos naturais do bairro e áreas próximas, a fauna, por exemplo, presente nas matas do lugar.

Também se retratou o bairro como o lugar dos sepultamentos, onde se encerrava o “macabro espetáculo” dos velórios, destino para onde, eram levados os corpos e seguidos de seus cortejos fúnebres, mas não se sabe se um caminhão foi disponibilizado para dar celeridade ao “espetáculo”.

Nos depoimentos de moradores, percebe-se o bairro como o “lugar pequeno”, o lugar onde se contavam as casas e as gentes, onde se vivia a vida nas roças, na caça, na pesca, o lugar onde se sentiu a necessidade de quem se embrenhava nas várzeas para coletar açáí, o lugar de quem andava por caminhos que encurtavam distâncias, o “lugar de memórias” que se prolongam no tempo e que revelam maneiras de olhar para o mesmo bairro de modos diferentes.

1.3. A Escola Abelardo Leão Condurú como elemento integrante da história do bairro

A percepção acerca da construção de uma história sobre o bairro Carananduba aqui se faz compreendendo que a escola em questão é parte dessa história, ou seja, a implementação da referida instituição no bairro corresponde à uma necessidade que foi vivida e sentida entre seus moradores. Assim, a escola é percebida como resposta a uma demanda da própria comunidade.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Abelardo Leão Condurú foi fundada em agosto de 1976, é uma das maiores escolas públicas da ilha de Mosqueiro, sua estrutura física conta com onze salas de aula, sala de recursos multifuncionais, laboratório de informática (desativado), laboratório de ciências (desativado), biblioteca, quadra poliesportiva coberta, copa, sala de professores, sala de diretoria, secretaria, quatro banheiros e poço artesiano. No ano de 2021, quando as atividades de pesquisa tiveram início, o quantitativo de alunos matriculados foi de 1.028 (mil e vinte oito) discentes. A Figura 8, apresenta a Escola Estadual Prof. Abelardo Leão Condurú.

Figura 8 - A escola campo



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2019). Arquivo pessoal de fotos.

No bairro Carananduba, atualmente, existem três escolas públicas, duas ofertam vagas para o Ensino Fundamental e a escola em questão, além de oferecer vagas para o Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), também oferta vagas para o Ensino Médio, atende a alunos e alunas advindos da comunidade local, bem como de bairros mais afastados do centro de Mosqueiro, como, por exemplo, Marahu, Paraíso, Sucurijuquara, Baía do Sol, Cajueiro, São Francisco, Ariramba, entre outros.

Na pesquisa realizada em periódicos, a informação mais antiga encontrada, sobre a criação de uma escola em Carananduba data de 1893: “Foram creadas duas escolas elementares uma no rio Aracy e outra no lugar Carananduba, ambas no município d’e ta capital” (BELÉM, A República: Órgão do partido republicano, 1893, p. 2).

Esta escola, citada na fonte, foi destinada unicamente ao atendimento de discentes do sexo masculino, excluindo, da possibilidade de receber uma educação formal, as mulheres do bairro na época, o que é atestado na seguinte nota: “Carananduba. No dia 19, do ano corrente, de 8 horas da manhã, nesta povoação e na escola elementar de sexo masculino ‘24 de janeiro’ realizaram-se os exames finais do corrente ano [...]” (Belém, 1914, p. 4).

Interessante perceber que o aparato legal para a criação de escolas destinadas às mulheres antecede a criação da escola em questão, ou seja, a lei de 15 de outubro de 1827, contudo esta não apresentava caráter obrigatório. Assim, permitia-se que escolas que atendessem o público feminino não fossem criadas em grande número, o que pode ser percebido no artigo décimo primeiro da referida lei: “Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento” (BRASIL, 1827, s.p.).

Anos mais tarde, a escola “24 de janeiro” ampliou seu público-alvo, passando a atender também estudantes do sexo feminino como se percebe em nota publicada em jornal local:

O senhor director do Ensino em portaria determinou os seguintes dias e horas, para terem início os exames nas escolas isoladas do interior. [...] Dia 9, às 8 horas da

manhã: - escola elementar mista de Carananduba: professora: Maria Moreira Castro, examinadoras: Palmyra N. Moreira e Adolphina da Matta (BELÉM, 1919, s.p.).

O caráter de escola “mista”, reflete a não limitação do referido estabelecimento de ensino, no que se refere à aceitação de matrículas de estudantes do sexo feminino. Porém, há que se considerar o fato de que o estabelecimento de ensino em questão, possivelmente não absorvia toda a demanda de crianças e/ou adolescentes do bairro, uma vez que se percebem nos relatos, de quem este espaço frequentou, a caracterização de um prédio relativamente pequeno e simples.

Por outro lado, a permanência dos alunos e alunas na escola, poderia também ser prejudicada, uma vez que, nos testemunhos já apresentados, nota-se que jovens e crianças se ocupavam, junto a seus pais, em trabalhos de roça e extrativismo vegetal, por exemplo, o que exigiria estar fora do ambiente de estudos muitas vezes, ou, pela realidade de uma comunidade pobre, até mesmo optar ou se ver obrigado a não estudar em decorrência da necessidade de colaborar na sobrevivência e sustento da família¹⁸.

Como se pode perceber na fonte apresentada, a seguir, são citadas apenas duas escolas na ilha de Mosqueiro, em 1926, uma situada no bairro Chapéu Virado e outra no bairro Carananduba, o que implica dizer que, na época em questão, o ensino ofertado à população da ilha, além de ser limitado ao número de estabelecimentos de ensino, não alcançava a todos os seus habitantes considerando a situação de isolamento de alguns bairros, as dificuldades de transporte e as limitações financeiras de muitos moradores. A Figura 9 apresenta o quantitativo de alunos matriculados na escola criada em Carananduba e escolas criadas em outros lugares da capital.

¹⁸ Entre os familiares mais velhos do professor-pesquisador, é comum o relato que estes tenham abandonado a escola em virtude da necessidade de trabalhar desde muito cedo, em roças, na extração do açaí, em atividade de pesca, por exemplo.

Figura 9 - Dados sobre matrícula e frequência de escolas.

MATRICULA e frequencia das Escolas Iseladas do Estado do Pará, no anno de 1926												
LOCAL DAS ESCOLAS	Cathogoria das Escolas				Matricula			Frequencia			Média da Frequen.	OBSERVAÇÕES
	Masc.	Fem.	Mista	TOTAL	Masc.	Fem.	TOTAL	Masc.	Fem.	TOTAL		
CAPITAL												
DIURNAS												
Travessa 14 de Abril, 69.....	—	—	1	1	48	40	88	40	33	73	47	
Travessa Caldeira Castello Branco, 147.....	—	—	1	1	18	32	50	16	29	45	37	
Travessa 14 de Abril, 150.....	1	—	—	1	35	—	35	30	—	30	25	
Avenida Ceará, 127.....	—	1	—	1	—	62	62	—	55	55	48	
Avenida Ceará, 13.....	—	—	1	1	74	95	169	71	88	159	133	
Avenida Tito Franco.....	1	—	—	1	64	—	64	56	—	56	48	
Avenida 27 de Setembro.....	—	1	—	1	—	83	83	—	67	67	51	
Instituto Lauro Sodré.....	—	—	1	1	30	43	73	27	38	65	58	
Sousa.....	—	—	1	1	20	21	41	15	18	33	27	
Penitenciaria.....	—	—	1	1	43	28	71	30	20	50	40	
Cadeia de São José.....	1	—	—	1	38	—	38	38	—	38	35	
NOCTURNA												
Marcilio Dias (Arsenal de Mari- nha).....	1	—	—	1	80	—	80	51	—	51	47	
	4	2	6	12	450	404	854	374	348	722	596	
INTERIOR DA CAPITAL												
DIURNAS												
Ananindeua.....	—	—	1	1	40	44	84	34	37	71	62	
Marituba.....	—	1	1	2	29	51	80	25	40	65	60	
Benevides.....	1	1	—	2	38	41	79	34	34	68	52	
Bemfica.....	—	1	1	2	23	33	56	20	29	49	38	
Paricatuba.....	—	—	1	1	14	14	28	12	10	22	18	
Ararype.....	—	—	1	1	22	32	54	16	22	38	32	
Apehú.....	1	1	1	3	36	32	68	27	25	52	40	
Anhangá.....	—	—	1	1	24	27	51	18	20	38	29	
Anhangá, km. 88.....	—	—	1	1	21	32	53	17	25	42	30	
Granja Eremita.....	—	—	1	1	23	29	52	20	24	44	38	
Val-de-caes.....	—	—	1	1	18	12	30	16	10	26	20	
Outeiro.....	—	—	1	1	65	35	100	59	31	90	45	
Chapéu Virado.....	—	—	1	1	23	28	51	17	18	35	25	
Caranduba.....	—	—	1	1	20	26	46	15	23	38	19	
Ramal do Pinheiro, km. 15.....	—	—	1	1	15	11	26	12	10	22	16	
Ramal do Pinheiro, km. 21.....	—	—	1	1	27	27	54	21	19	40	31	
Ramal do Pinheiro, km. 25.....	—	—	1	1	30	30	60	16	18	34	27	
Conde.....	—	—	1	1	28	19	47	22	14	36	31	
Barcarena.....	—	—	1	1	10	15	25	10	14	24	16	
S. Sebastião de Barcarena.....	—	—	1	1	31	20	51	28	16	44	30	
Aycarahu.....	—	—	1	1	30	19	49	24	16	40	32	
Jacaraguara.....	—	—	1	1	13	17	30	10	15	25	20	
Cacau-Caraparú.....	—	—	1	1	24	12	36	17	11	28	20	
Bujarú (Igarapé Jutahy).....	—	—	1	1	52	15	67	12	12	54	40	

Fonte: PARÁ, Mensagens do Governador do Pará para a Assembleia, 1927.

Ao observar a quantidade de alunos matriculados na referida escola, nota-se o total de quarenta e seis matrículas realizadas no ano de 1927, das quais vinte foram ocupados por discentes do sexo masculino e vinte e seis por discentes do sexo feminino, contudo quando se contabiliza a “frequência” discente, apresentada na fonte, percebe-se que cinco alunos e três alunas deixaram de frequentar a escola naquele mesmo ano, o que corresponde a uma evasão escolar de 17,39 %.

Entre os moradores antigos do bairro fala-se sobre a “Escola reunida mista de Caranduba”, que provavelmente teria sido a escola citada nas notas de jornal apresentadas. Segundo relatos de moradores, esta escola funcionou no local, onde foi construído o mercado do bairro, o prédio original feito em madeira não existe mais.

O que é reafirmado através do depoimento de uma moradora do bairro: “[...] no meu tempo quando eu era pequena, que eu estudei, só tinha um colégio, que era onde é agora o mercado dali da praça [...]” (MARIA RAIMUNDA, In: COSTA, 2007).

Independentemente de como esta escola foi chamada, ela corresponde ao primeiro estabelecimento de ensino de Carananduba, ou seja, a escola criada em 1893 de que fala a nota do jornal “a República”, anteriormente apresentada, e, pelo que se percebeu, sobre a oferta de serviços públicos ao bairro, talvez esta tenha sido a única escola que os moradores conheceram por muito tempo.

Anos mais tarde, em 26 de fevereiro de 1961, foi criado o segundo estabelecimento de ensino em Carananduba, a Escola Municipal Prof. “Abel Martins e Silva”, que ofertava vagas para o “ensino primário”. Assim, esta limitação na oferta de etapas da educação básica no referido estabelecimento de ensino, em muito prejudicava a vida daqueles que pretendiam dar continuidade em seus estudos, pois para tanto se fazia necessário o deslocamento até o bairro Ariramba, onde foi fundada uma escola que ofertava vagas, entre outras, para turmas de quinta a oitava série do 1º grau (hoje, nono ano do Ensino Fundamental).

A Figura 10 consiste em um certificado de conclusão de “curso primário”, ofertado na escola citada

Figura 10 - Certificado de conclusão de Ensino Primário

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU PROFª ANA BARRERAU MININHA
Nome do Estabelecimento

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO DE 1.º GRAU

Conferimos o presente Certificado a OSMARINA FERNANDES DE SOUSA
filho de FRANCISCO VITAL DE SOUSA
e MARIA FERNANDES DE SOUSA, natural de BELEM (MOSQUEIRO)
Estado PARÁ, nascido em 03 de JULHO de 1959, por ter sido considerado
aprovado no referido curso, concluído no ano letivo de 1976, de acordo com a Lei n.º 5.692/71.
BELEM, 21 de DEZEMBRO de 19 76

Helma Maria Amador Barros
Diretor do Estabelecimento
Aut 002/77

Luzia Dagmar Ferreira Pinheiro
Secretaria do Estabelecimento
Aut 072/77

Fonte: COSTA, Osmarina. Arquivo pessoal.

Contudo, devido às condições financeiras de boa parte da comunidade local, aqueles e aquelas que desejavam concluir seus estudos, por vezes, caminhavam de Carananduba até o bairro citado, por uma distância de 4,9 quilômetros. A Figura 11 refere-se ao certificado de conclusão de “1º grau” de uma moradora do bairro que, para concluir todas as etapas do 1º grau precisou, por alguns anos, deslocar-se a pé para chegar à escola no bairro Ariramba.

Figura 11 - Certificado de conclusão de 1º Grau



Fonte: COSTA, Osmarina, arquivo pessoal

Quando a Escola Abelardo Leão Condurú foi criada, em 1976, esta não ofertava o “2º grau” (atual Ensino Médio), o que fazia com que muitos moradores do bairro e bairros subsequentes encontrassem dificuldades para dar continuidade em seus estudos.

Como já dito anteriormente, os problemas que a população do bairro enfrentava eram diversos, a carência de transportes reverberava negativamente na vida dos que ali habitavam, aliado a isso, a inexistência da oferta do “2º grau” nas poucas escolas que existiam no bairro, obrigava estudantes a se deslocarem para bairros mais distantes e centrais. Como a população em questão, em grande parte, era de baixa renda, muito possivelmente, faltava-lhe condições necessárias para custear esse deslocamento diário, o que é destacado na seguinte nota de jornal local:

O vereador Alonso Guimarães [...] apresentou à Câmara Municipal, ontem, o pedido de implantação do ensino de segundo grau, no bairro de Carananduba [...]. Seu pedido, como justificou Alonso, nasceu da constatação da dificuldade de deslocamento

enfrentada pelos moradores de Carananduba que, no dizer do vereador: “se sacrificam percorrendo distâncias longas para chegar a outros bairros”, onde se localizam as escolas públicas. Relatou que, os moradores de Carananduba, pessoas humildes em sua maioria, além de percorrerem diariamente uma grande distância para chegar à escola de 2º grau localizada do outro lado da ilha, gastam mensalmente boa soma de salários, com transporte para o local de estudos (BELÉM, 1981, p. 3).

Todavia, no ano de 1985, os moradores de Carananduba ainda não contavam com a oferta do “2º grau” no bairro, pois o mesmo vereador apresentou outra solicitação à Câmara Municipal:

Em atendimento aos pedidos dos moradores dos bairros de Carananduba e Baía do Sol, no distrito do Mosqueiro, o vereador Alonso Guimarães do PMDB, apresentou à Câmara Municipal a solicitação de instalação de duas escolas naquelas localidades – uma de 2º grau e outra para atender estudantes da 5ª a 8ª séries. Justificou o vereador dizendo que os moradores de Carananduba e Baía do Sol, em sua maioria, são pessoas humildes, de poucos recursos financeiros, que sentem no orçamento doméstico o abalo provocado pelo dinheiro gasto em transportes para escolas localizadas do outro lado da ilha diariamente [...] (BELÉM, 1985, s.p.).

Assim, pode-se dizer que, a ampliação das etapas de ensino a serem ofertadas, na escola Professor Abelardo Leão Condurú, nasceu da necessidade de atender a um público que se encontrava limitado no que tange às possibilidades de dar continuidade a seus estudos.

A nota acima foi a única encontrada em que se percebe indícios de “atuação” dos moradores do bairro em prol de melhorias para o lugar, nota-se que a solicitação apresentada pelo vereador citado assim foi feita atendendo a “pedidos” daqueles primeiros, o que denota uma atividade de organização e participação popular visando um objetivo em comum. Nas demais notas, que tratam de problemas a serem solucionados no bairro, vê-se apenas as solicitações de políticos locais apresentadas à Câmara Municipal.

Chama atenção o destaque que o vereador atribuiu à distância percorrida por quem pretendia continuar seus estudos, já que se fazia necessário dirigir-se para o “outro lado da ilha”, ou seja, ao bairro Vila, local que na época sediava a única escola de Ensino Médio de Mosqueiro. Convém destacar que a distância a ser percorrida, entre os dois bairros, é de aproximadamente 11,9 quilômetros.

Infelizmente, na pesquisa realizada em arquivos da Escola Prof. Abelardo Leão Condurú, não foram encontrados documentos que datam da implementação do Ensino Médio no referido espaço, o que dificulta determinar quando realmente tal etapa da educação básica passou a ser ofertada à comunidade. Segundo informações, obtidas junto a antigos funcionários, muitos arquivos da escola se perderam com o tempo, por falta de um melhor armazenamento.

Contudo, independente de quando a escola passou a oferecer o “2º grau” à comunidade, a oferta desta etapa da educação básica assim foi feita considerando a Lei 5.692 de agosto de 1971, na qual o 2º grau deixava de ser academizante e assumia caráter profissionalizante obrigatório. Dessa forma, a escola passou a ofertar dois cursos, somente no período noturno, foram eles o curso de formação de “técnicos de enfermagem” e “magistério” para o ensino em nível de 1º grau.

Aos estudantes que não se identificavam com os cursos ofertados e não tinham condições de frequentar escolas na capital, restava o curso técnico em “Administração” ofertado em outra escola estadual, no bairro Vila (do outro lado da ilha), ou matricular-se em um dos cursos ofertados em Carananduba, mesmo sem o perfil para tanto.

Compreende-se a escola em questão como parte integrante da paisagem e da história de Carananduba, uma vez que a ampliação de suas etapas de ensino nasceu da necessidade da comunidade local, logo reflete as dificuldades e os anseios de pessoas que se viam obrigadas a deslocar-se por longas distâncias e nem sempre com meios suficientes para arcar com as despesas que esse deslocamento exigia.

Assim, a escola pode ter se tornado para muitos, se não a solução para a situação de pobreza e limitação que se vivia no bairro, a resposta que encurtava distância entre o saber formalizado e os estudantes, um espaço que habitou e é habitado por histórias de vida, um “lugar de memórias” acerca do bairro e de seus moradores.

2. EXPERIÊNCIAS SOBRE HISTÓRIA LOCAL: IMPORTÂNCIA, CONHECIMENTOS, MODOS DE COMPREENSÃO E CONSTRUÇÕES DA PAISAGEM E MEMÓRIA DO BAIRRO

Nesta seção, são apresentadas as atividades que foram desenvolvidas para que fosse possível compreender o olhar discente sobre questões voltadas ao estudo da história local (experiências anteriores e a importância dada por alunos e alunas ao estudo da história do bairro), bem como atividades que foram necessárias para a realização de trabalho com fontes históricas (jornais, por exemplo) e o registro textual dos modos de pensar a paisagem do bairro Carananduba, por parte de alunos e alunas, público-alvo da pesquisa, bem como, o trabalho de entrevistas realizado por discentes e professor-pesquisador. Além disso, nesta seção faz-se também a análise de “falas” de docentes sobre suas práticas pedagógicas relacionadas ao estudo da história local, porém antes de adentrar nessas questões, optou-se por também apresentar um breve relato do contexto no qual se deram as atividades de pesquisa.

2.1. Sobre intempéries advindas do contexto pandêmico: um prólogo necessário

Considerando o contexto pandêmico, no qual se desenvolveu a pesquisa, inúmeras dificuldades se impuseram ao trabalho, que foi tardiamente iniciado, uma vez que, devido às medidas de prevenção necessárias a não disseminação da Covid-19, as escolas das redes pública e privadas tiveram que suspender suas atividades presenciais e nas primeiras, em especial, o ensino remoto, modalidade adotada como alternativa para o desenvolvimento das atividades escolares, mostrou-se como inviável, excludente e pouco eficiente.

Dessa forma, era inexecutável realizar atividades de pesquisa juntamente com os alunos e alunas (público-alvo do trabalho), matriculados na escola Abelardo Leão Condurú, uma vez que estes se encontravam em suas casas, recebendo o ensino remoto que, na rede estadual, se deu através da utilização do aplicativo de mensagens “Whatsapp” (para aqueles e aquelas que dispunham de smartphones e acesso à internet, que correspondiam a uma pequena parcela de discentes) e da entrega de material impresso (atividades) para quem não participava das “aulas remotas”.

Durante tais aulas, o professor-pesquisador notou a baixa participação de discentes, as dificuldades de acesso, até mesmo para aqueles que dispunham de serviços de operadoras de telefonia eram inúmeras, além disso, poucos eram alunos e alunas que se dirigiam à escola para receber atividades impressas. Convém ressaltar que o aplicativo usado para as aulas remotas

não foi desenvolvido para este tipo de funcionalidade, logo o que foi chamado de aula remota, limitava-se ao envio de mensagens de textos, arquivos de áudios, pequenos vídeos etc.

Assim, o professor-pesquisador viu-se obrigado a esperar o momento em que minimamente fosse possível ter contato presencial com os alunos e alunas que poderiam fazer parte das atividades de pesquisa a serem realizadas.

Nesse sentido, somente em agosto de 2021, as aulas presenciais foram retomadas e uma condição foi imposta para tanto, o retorno gradual dos discentes que se deu de forma lenta e escalonada, grupos pequenos de alunos e alunas retornavam à escola e apenas em fins de outubro daquele ano, as salas de aulas puderam contar com 100% de seu público.

Entretanto, mesmo depois de retomadas as atividades escolares, com o maior número de estudantes, não foram raras as vezes que estas sofreram interrupções, inúmeros foram os casos de membros da comunidade escolar que testaram positivo para a “Covid-19”, o que levava à suspensão das aulas, por conseguinte à necessidade de desinfecção da escola e dificultava a manutenção de uma rotina de atividades.

Inicialmente, esperava-se que as atividades de pesquisa, que seriam realizadas com discentes, ocorressem no espaço de sala de aula, contudo com a demora em retornar às aulas presenciais e com a organização escalonada das classes, optou-se por tentar cooptar o maior número possível de discentes para que as atividades previstas no projeto de pesquisa pudessem ocorrer de forma paralela ao retorno gradual dos educandos, uma vez que o cronograma elaborado pelo professor-pesquisador encontrava-se em atraso, no que concerne a execução do planejamento previsto.

Assim, um desafio se impunha ao trabalho, “conquistar” e motivar discentes a participar das atividades de pesquisa. Nesse sentido, em agosto de 2021, aconteceu na escola-campo, uma reunião que contou com a presença de pais e/ou responsáveis, coordenação pedagógica e direção escolar para tratar de questões referentes ao retorno gradual das aulas presenciais. E, naquela reunião, o professor-pesquisador fez questão de se fazer presente para apresentar sua proposta de trabalho aos que ali se encontravam.

Ao término da reunião poucos pais e mães de alunos, matriculados no oitavo e nono anos do Ensino fundamental, procuraram o professor-pesquisador, manifestando interesse na participação de seus filhos e filhas no projeto de pesquisa, o que, por sua vez não, garantiria que os discentes manifestassem o mesmo interesse pela proposta que, naquele momento, não lhes foi apresentada, uma vez que não estavam presentes na reunião.

Destarte, pais e mães foram responsáveis por conversar com seus filhos e filhas e retornarem acompanhados destes, em momento posterior, para que o professor-pesquisador

pudesse apresentar melhor a proposta de trabalho aos discentes e estes, finalmente optassem por aceitar ou não o convite para ingressar no trabalho que seria desenvolvido.

Na ocasião, os responsáveis pelos discentes que manifestaram interesse em participar das atividades assinavam um termo de consentimento, autorizando a participação de seus filhos e filhas (ver apêndices)¹⁹.

Inicialmente, um total de treze discentes²⁰ manifestaram interesse em participar, a estes foi entregue um questionário (ver apêndices) que tinha por objetivo melhor conhecer os sujeitos que participaram das atividades, buscando identificar quais deles moravam no bairro ou proximidades, quem era nativo do local, ou quem descendia de genitores nativos, bem como, quais ainda possuíam avós e avôs e se estes também eram nativos ou residiam há tempo suficiente no bairro Carananduba para que pudessem ter acumulado muitas memórias sobre o local, uma vez que se intencionava realizar entrevistas com os parentes dos alunos envolvidos.

A aplicação do questionário tinha por base a compreensão e a necessidade de que, na convivência com discentes, seja ela no contexto de sala de aula regular, ou em atividade extraescolar é imperativo que se perceba quem são os discentes com os quais o professor convive, afinal: “Se nada sabemos das vidas atuais e possíveis carreiras futuras de nossos alunos, temos também poucos elementos para saber se o que ensinamos tem chance de fazer algum sentido” (SEFFNER, 2018b, p. 20).

Dessa forma, após aplicação do questionário, verificou-se que apenas um aluno morava em bairro vizinho, que a faixa etária dos discentes variava entre treze e catorze anos de idade, que seus pais eram nativos da ilha ou a habitavam há mais de vinte anos, somente uma aluna, apresentava residência recente no local.

As atividades assim se iniciaram, foram agendadas para as manhãs de sábado, no espaço da escola, considerando ainda o contexto pandêmico e o retorno escalonado das turmas às aulas presenciais. Vale lembrar, que os (as) discentes foram orientados a respeitarem o distanciamento necessário e a utilizarem máscaras, visando à prevenção e não disseminação da Covid-19. A Figura 12 apresenta o primeiro encontro de estudantes e professor-pesquisador na quadra poliesportiva da Escola Estadual Prof. Abelardo Leão Condurú.

¹⁹ Notou-se que para os genitores e responsáveis o ingresso de seus filhos e filhas no projeto se mostrava como uma alternativa à ociosidade que esses últimos enfrentavam em suas casas, em decorrência da suspensão das aulas presenciais.

²⁰ Convém ressaltar que não houve ocasião em que os treze discentes se fizeram presentes em uma única atividade, o que se deve ao fato de que alguns testaram positivo para Covid-19, o que exigia destes isolamentos, aliado a isso, o calendário vacinal destinados a jovens e adolescentes também os levava a buscar os postos de saúde o que acarretava em ausências durante as atividades.

Figura 12 - Alunos em atividade inicial (foto)



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2021). Arquivo pessoal de fotos.

Nesse sentido, mais dificuldades se impuseram, pois quando chegou o momento em que a escola pôde contar com 100% de seu público, os alunos e alunas que participavam das atividades do projeto pesquisa passaram a se mostrar, em grande parte, ausentes destas, ou seja, o quantitativo de estudantes que participavam do trabalho sofreu reduções.

Dessa forma, a assiduidade discente foi diminuída e inúmeros foram os motivos para tanto, mas há que se destacar a quantidade de trabalhos escolares a serem realizados pelos estudantes, o curto e intenso espaço de tempo de um calendário escolar que condensou objetos do conhecimento do ano letivo anterior e do atual, o estresse que os discentes sofreram com toda a obrigatoriedade de cumprimento de avaliações e tarefas e a necessidade de ajudar os pais em atividades visando geração de renda familiar²¹, por exemplo.

Assim, as atividades de pesquisa foram direcionadas para o espaço de sala de aula, contudo passou-se a trabalhar com discentes que não haviam participado das atividades anteriores, realizadas aos fins de semana, e, além disso, nem todos se sentiam motivados a participar, considerando as dificuldades, já citadas, que os alunos e alunas enfrentaram com o retorno das aulas presenciais.

No de janeiro de 2022, o professor-pesquisador testou positivo para covid-19, viu-se obrigado a afastar-se de suas atividades e ao retornar à sala de aula enfrentou inúmeras dificuldades para retomar o trabalho de pesquisa, destacam-se aqui o fato de que os discentes haviam iniciado um novo ano letivo e estavam dispersos em outras turmas, alguns destes não

²¹ Como já dito anteriormente, Mosqueiro é um balneário, inúmeros moradores da capital têm casas de veraneio na ilha e muitos moradores atuam como “caseiros”, dessa forma, não é raro que os filhos desses trabalhadores ajudem seus pais nessas atividades nos finais de semana, por exemplo.

mais se encontravam matriculados na escola e, como o professor necessita estar isolado do contato com outras pessoas, ao retornar à escola, em fevereiro, viu-se obrigado a cumprir um calendário de atividades e avaliação em atraso que, de certa forma, dificultava a realização de suas atividades de pesquisa.

Os meses que se seguiram foram marcados pelas interrupções das aulas, devido os casos de contágio entre discentes e docentes, a necessidade de higienização das salas de aulas, a suspensão das atividades escolares, o retorno destas e a pressa em concluir o calendário avaliativo, enfim, a escola parecia estar imersa em um “círculo vicioso” e tudo isto fez com que as atividades de pesquisas fossem interrompidas, alteradas e atrasadas.

A seguir serão apresentadas a análise das atividades que foram realizadas considerando todas as dificuldades já apresentadas.

2.2. Percepções discentes sobre história local

Um dos intuitos da pesquisa foi a defesa de que se faz importante rever ou realizar atividades voltadas à história local com alunos e alunas do Ensino Fundamental nos anos finais, quando estes, apresentam maior capacidade de abstração e maturidade para realizar um trabalho de construção e análise de fontes, por exemplo.

Além disso, quando, supõe-se que, os discentes já tiveram a oportunidade de construir uma bagagem de conhecimentos referentes à disciplina História que podem colaborar na contextualização daquilo que estudam e no estabelecimento de associações, analogias e interpretações mais sólidas sobre a realidade em que se encontram inseridos partindo de seus contextos de vivência.

Nesse sentido, fez-se necessário averiguar o que os discentes, nos anos finais do Ensino Fundamental, participantes da pesquisa, mantinham de cabedal de aprendizagens sobre a história local, ou, se vivenciaram experiências relacionadas ao estudo da história de sua comunidade, bairro etc.

Pois, considerando a distância temporal de quando atividades relacionadas ao estudo de questões locais poderiam ter sido realizadas, conforme previsto na BNCC, levantou-se a hipótese de que seria bem provável que tais atividades não fossem passíveis de recordação, mas, também, se considerava o fato de que experiências de estudos relacionados à história local, poderiam ter sido inexistentes, pouco significativas e talvez não relacionadas diretamente com a disciplina história.

Para tanto, o professor-pesquisador propôs aos discentes o preenchimento de um questionário contendo as seguintes perguntas:

PERGUNTA 01 – *“Nos anos iniciais do ensino fundamental, você recorda se estudou ou fez algum trabalho, atividade ou pesquisa sobre a rua de sua casa, sua comunidade, seu bairro ou sobre sua cidade? Se sua resposta for ‘sim’ relate como foi essa experiência?”*

PERGUNTA 02 – *Você julga importante estudar sobre a história do bairro Carananduba?*

() sim () não.

Se você respondeu “sim”, justifique sua resposta.

Antes de apresentar os resultados do questionário, convém ressaltar que estas perguntas foram aplicadas aos alunos em três momentos diferentes:

- Primeiramente, foram destinadas ao grupo inicial de discentes, formado por treze alunos que cursavam o oitavo e nono anos do Ensino Fundamental, e que se reuniam aos sábados na escola, em agosto de 2021;
- Posteriormente, quando as atividades escolares se tornaram 100% presenciais, o professor-pesquisador, optou por aplicar apenas a questão de número um a uma turma de oitavo ano, em novembro de 2021 que, na ocasião, contava com dezenove alunos²².
- Buscando a construção de um corpus de análise mais consistente, em agosto de 2022, o mesmo questionário foi aplicado à outra turma também de oitavo ano do Ensino Fundamental.

Para melhor explorar as respostas dos discentes optou-se por utilizar a técnica de análise de conteúdo, mais especificamente a análise temática e/ou categorial²³. Este tipo de técnica configurou-se como adequado à análise das respostas obtidas, uma vez que, desejava-se encontrar nestas últimas, aquilo que Bardin (2011) chamou de “núcleos de sentidos” e assim

²² A aplicação do questionário se fez necessário pois, o professor-pesquisador precisava realizar novamente esta sondagem de conhecimentos e experiências relacionadas à história local, uma vez que o quantitativo inicial de respostas era limitado, por isso, foi preciso ampliar o horizonte de análise. A opção por utilizar apenas uma das perguntas do questionário original, se fez por questões relacionadas às dificuldades de tempo e espaço que a escola enfrentava no dia da aplicação do referido documento.

²³ As tabelas construídas para analisar o material coletado estão presentes na seção “APÊNDICES” desta dissertação.

perceber quais das respostas apresentavam similaridades ou não, para que pudessem ser criadas categorias de análise que, por sua vez, ajudariam no agrupamento, classificação, percepção e interpretação das mensagens presentes de forma explícita ou não, contidas nas palavras dos discentes.

Entende-se como análise de conteúdo: “Um conjunto de técnicas de análise das Comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 42).

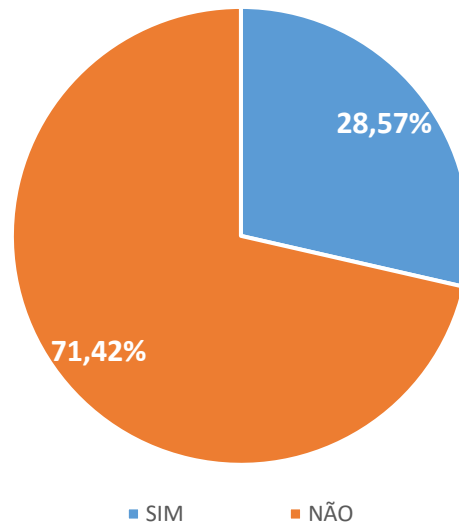
A análise que foi realizada a partir do material coletado, assim foi feita em um viés majoritariamente qualitativo, uma vez que a natureza do material favorecia tal abordagem, o que não dispensou o uso de dados quantitativos, bem como foi opção do professor-pesquisador assim fazê-la quando propôs a aplicação do questionário. Nesse sentido, considerou-se também o fato de que a utilização da técnica de análise de conteúdo em pesquisas e/ou trabalhos historiográficos têm ganhado destaque, uma vez que:

No âmbito da análise de conteúdo, muitas técnicas vêm sendo aperfeiçoados, compatíveis as atuais tendências historiográficas e diferentes capacidades evidenciadas entre historiadores. É de fundamental importância ao reconhecimento da possibilidade de ler em duas dimensões: no sentido manifesto ou ao pé da letra; como leitura soterrada, buscando sentido latente (CONSTANTINO, 2002, p. 190).

Conforme dito anteriormente, a aplicação do questionário foi feita em três momentos distintos. Vale ressaltar que, quando o questionário foi aplicado, pela primeira vez, apenas sete alunos compareceram, de um total de treze alunos, cujos pais haviam confirmado a participação de seus filhos.

Somente dois discentes que se fizeram presentes, responderam a primeira pergunta de forma afirmativa, relatando suas experiências de estudos relacionados à história local, o que corresponde a 28,57% dos alunos presentes naquela ocasião, enquanto foram obtidas cinco respostas negativas, para a mesma pergunta, o que corresponde a 71,42% dos discentes. O Gráfico 1 apresenta o percentual de respostas afirmativas e negativas que a pergunta 01 obteve.

Gráfico 1 - percentual de respostas à pergunta 01



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022).

PERGUNTA – 01 *“Nos anos iniciais do ensino fundamental, você recorda se estudou ou fez algum trabalho, atividade ou pesquisa sobre a rua de sua casa, sua comunidade, seu bairro ou sobre sua cidade? Se sua resposta for ‘sim’ relate como foi essa experiência?”.*

Assim, após o tratamento das respostas, com base na técnica escolhida para tanto e já citada anteriormente, o professor-pesquisador classificou a respostas em duas categorias de análise.

Categoria 1 - Atividade sobre meio ambiente e paisagem.

“Foi no ar livre que levaram toda a turma para que nós pudéssemos entender o que é meio ambiente e paisagem” (MARIA, 14 anos).

Categoria 2 - Atividade sobre observação e representação do espaço.

“Foi apenas desenhar o percurso da casa onde eu moro até a escola” (JOÃO, 14 anos)²⁴.

²⁴ Para todos os sujeitos envolvidos nas atividades (discentes e docentes) optou-se pela utilização de nomes fictícios.

Nas respostas obtidas, percebeu-se que as atividades rememoradas e descritas pelos alunos pouco se relacionam com questões voltadas para o estudo da história local, embora, valendo-se de estratégias diferentes, o que se nota é a preocupação em observar o espaço físico e descrevê-lo.

Pode-se dizer que pelos relatos discentes, as atividades que estes vivenciaram, não estavam relacionadas ao estudo do passado local ou da memória, por exemplo. O que corrobora com a hipótese de que questões que poderiam estar ligadas ao estudo da história local, acabaram por não estar relacionadas com a disciplina História. Além disso, a constatação de que a maioria dos alunos relatou não ter vivenciado uma experiência, ou não recordado de alguma atividade do gênero, pode ser considerado como um índice de que estudos de história local, nos anos iniciais do Ensino Fundamental não recebem o espaço necessário nas propostas curriculares.

Ao mesmo grupo de discentes foi aplicada a questão de número 02:

PERGUNTA 02 - *Você julga importante estudar sobre a história do bairro Carananduba?*

() *sim* () *não*.

Se você respondeu “sim”, justifique sua resposta.

A esta pergunta sete discentes responderam de modo afirmativo e suas respostas, após, aplicação da técnica de análise de conteúdo, já citada, foram categorizadas de formas diversas.

Nesse sentido foram criadas as seguintes categorias:

Categoria 1 - Estudar a história do bairro para compreender as mudanças ocorridas.

“Sim, é importante para saber as mudanças que aconteceram ao longo dos anos e relacionar se essas mudanças foram boas ou não para todos” (CARLOS, 14 anos).

“É importante para eu saber como era e como aconteceu a transformação do bairro que vivo” (LANA, 13 ANOS).

Categoria 2 - Estudar a história local para conhecer suas origens.

“Eu quero saber como surgiu o bairro Carananduba, por que colocaram esse nome no bairro” (LANA, 13 anos)²⁵.

“Sim, porque assim podemos saber como era o nosso antigo bairro, como nossa família vivia, como as coisas eram no passado” (KAYO, 14 anos).

“Sim, porque até no momento não achava interessante, mas agora vejo que esse assunto é interessante, ver como era antigamente” (JOÃO, 14 anos).

“É importante estudar sobre a história do bairro para saber mais do bairro em que a pessoa mora” (PALOMA, 14 anos).

Categoria 3 - Estudar o passado do bairro para preservar a memória.

“Sim, porque no futuro nós teremos que lembrar, porque nossos filhos podem precisar da história do nosso bairro” (CLÁUDIO, 14 anos).

De modo geral, percebeu-se que a compreensão discente sobre a importância de estudar história local se faz a partir de percepções que os alunos possuem sobre estudos do gênero, mesmo que tenham relatado não lembrar ou não terem vivenciado, em anos anteriores do Ensino Fundamental, atividades destinadas ao estudo do local onde vivem²⁶.

Assim, há nessas percepções a compreensão de que se estuda história local para perceber mudanças ocorridas no espaço e estas não se referem unicamente às mudanças de ordem física, mas também aos modos de vida dos moradores que habitam o espaço e como tais mudanças reverberam negativamente ou positivamente de modo a gerar transformações na comunidade local, algo que foi percebido na resposta do aluno Carlos. Pode-se dizer que, em

²⁵ Convém, ressaltar que no caso desta resposta, sua autora ao produzi-la acabou apresentando conteúdo diverso o que permitiu, ao professor-pesquisador, dividi-la e classificá-la numa segunda categoria de análise.

²⁶ Uma resposta foi excluída do corpus de análise, por apresentar conteúdo confuso e não responder à pergunta lançada.

sua resposta, o discente evidenciou a compreensão que tem acerca da constatação que o local onde vive sofreu mudanças e que estas afetam a vida dos que habitam este espaço e, além disso, nem sempre essas mudanças geram resultados positivos para todos, ou seja, podem também afetar negativamente a vida das pessoas. Assim, o estudo da história local, do cotidiano, a partir dessa percepção, se faz importante por permitir ao discente conhecer, compreender e avaliar como os processos de transformação podem ser favoráveis ou não para aqueles que habitam o bairro em questão. O que corrobora com a necessidade de que: “O cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação” (BITTENCOURT, 2004, p. 168).

Analisando as respostas coletadas, notou-se também a compreensão de que o estudo da história local apresenta um esforço memorialista de ir até as origens do bairro, motivado pela curiosidade discente que, para alunos como João (catorze anos), foi despertada no contato com os demais colegas.

Isto é, para que o discente se sentisse movido pela curiosidade e, assim, manifestasse interesse sobre a história de seu bairro, não lhe bastou apenas nele morar, fez-se necessário estar entre outros discentes e, juntamente com o professor-pesquisador, conversar sobre o assunto. Dessa forma, o desejo de aprender a respeito do local em que habita nasceu no contato com outras pessoas que, de certa maneira, já manifestaram interesse prévio, ou já compreendiam a importância de estudar sobre a história de seu bairro.

Nesse sentido, criou-se para o aluno em questão a atmosfera motivadora necessária a fim de que este gerasse em si mesmo a constatação e o desejo de uma nova aprendizagem, de lançar o olhar curioso sobre um espaço que até então não era visto como um objeto a ser estudado, como dotado de história e memória, por exemplo, ao mesmo tempo, a atmosfera criada permitiu ao discente se perceber como possível sujeito da ação, da investigação, da pesquisa e da construção de conhecimento junto aos seus pares. Logo, compreende-se que:

A educação deve ser integradora – integrando os estudantes e os professores numa criação e recriação do conhecimento comumente partilhadas. O conhecimento, atualmente, é produzido longe das salas de aula, por pesquisadores, acadêmicos, escritores de livros didáticos e comissões oficiais de currículo, mas não é criado e recriado pelos estudantes e pelos professores nas salas de aula (FREIRE; SHOR, 1986, p. 14).

Destarte, acredita-se que assim, construía-se, um ambiente de ensino e aprendizagem, para os discentes e juntamente com estes, nos moldes daquilo que Freire (1996) chamou de

“prática educativo-criativa”, que por sua vez, tem como uma de suas tarefas mais importantes oportunizar: “as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico [...]” (FREIRE, 1996, p. 18-19).

Ainda sobre os motivos que justificam a importância do estudo da história do bairro, na resposta da aluna Lana percebe-se a curiosidade em saber sobre a toponímia do lugar, já para o aluno Kayo conhecer as origens do bairro o leva a conhecer o passado de seus familiares.

Enquanto para o aluno Cláudio estudar a história do local onde mora configura-se como uma necessidade de preservação desta história para que gerações futuras possam ter acesso a ela, assim, de certa forma, o aluno se coloca na condição de responsável pela preservação e transmissão da história local.

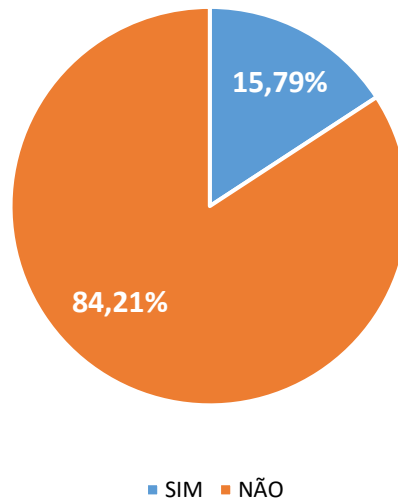
Sobre as respostas obtidas, notou-se que há nos discentes a compreensão da importância do estudo da história local e que suas justificativas para tanto são diversas, contudo o entendimento desta importância de modo contextualizado, ou seja, a compreensão de que as mudanças e transformações sofridas em âmbito local podem estar relacionados a contextos macros, não foi algo que os alunos demonstraram perceber.

Nesse sentido, como já foi dito, posterior a aplicação do questionário, o professor-pesquisador, visando ampliar o universo de sua análise, aplicou apenas a primeira pergunta que compunham o questionário²⁷, à uma turma composta por de dezenove alunos, do oitavo ano do Ensino Fundamental, que aqui será chamada de turma “A”.

Dessa forma, obteve-se à pergunta, dezesseis respostas negativas e três respostas positivas, o que implica dizer que 84,21% dos discentes afirmaram não ter vivenciado ou não recordam de atividades, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, destinada ao estudo da história local, enquanto 15,79% afirmaram ter vivenciado alguma experiência de estudo sobre história local nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O Gráfico 2 apresenta o percentual de respostas obtidas com a pergunta em questão.

²⁷ A pergunta já apresentada, dizia respeito às recordações dos alunos sobre experiências pretéritas, nos anos iniciais do ensino fundamental, de atividades voltadas ao estudo de questões locais.

Gráfico 2 - Percentual de respostas à pergunta 1 (turma A)



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022).

As respostas discentes foram organizadas e categorizadas, valendo-se da técnica já apresentada anteriormente. E assim foram divididas e classificadas:

Categoria 1 - Atividade sobre toponímia.

“No quinto ano, nós fizemos uma pesquisa para descobrir o nome de todos os bairros de Mosqueiro” (MARIANA 13, anos).

Categoria 2 - Atividade sobre tratamento da água.

Eu tive que pesquisar sobre a água de onde a gente bebe, ou toma banho, faz comida. Para aonde vai a água, se fica em possas, ou vai para esgoto. Se no nosso bairro tem lugar de fazer como, parquinho, piscina e se as ruas são asfaltadas (AMANDA, 13 anos).

Categoria 3 - Atividade sobre árvore genealógica:

“Eu não lembro bem como foi, a única coisa que eu lembro é de ter feito uma árvore genealógica e foi bom, porque eu pude perguntar para meus familiares sobre a árvore” (IGOR, 14 anos).

Feito o agrupamento e a categorização das respostas, notou-se que, mais uma vez, aquilo que os discentes traziam de experiências destinadas ao estudo da história local, mostrou-se, na verdade, como experiências poucos aprofundadas, até mesmo considerando a etapa do Ensino Fundamental em que estas atividades aconteceram.

Dessa forma, as críticas de Lima e Muniz (2020) à BNCC, já apresentadas, na primeira seção desta dissertação, são atestadas, uma vez que o estudo do cotidiano dos discentes é posto como uma espécie de degrau, onde conhecimentos e habilidades básicas são exploradas de modo limitado, quando assim o são, já que a maioria dos discentes responderam não ter vivenciado ou não lembram de experiências de atividades e/ou estudos voltados a questões locais.

Assim, percebeu-se que o estudo do “local” não apresentava um foco em investigar, por exemplo, a história do lugar onde se vive, mas destinava-se a aspectos desse lugar, por vezes relacionado a outras áreas do conhecimento. Como se pôde observar na resposta da aluna Amanda que relatou ter vivenciado uma experiência de estudo que tinha como foco questões relacionadas aos usos da água em seu bairro, por exemplo.

Na resposta de Igor, percebeu-se a distância temporal e dificuldade em recordar uma experiência que o discente relaciona ao estudo da história local e, ao mesmo tempo, a compreensão de que aquela experiência foi boa, uma vez que por meio dela teve a oportunidade de investigar sobre o que lhe foi solicitado junto a seus familiares, contudo, o foco da atividade relatada destinava-se a construção de uma árvore genealógica, o que pode ter possibilitado ao discente trabalhar com questões relacionadas à temporalidade, por exemplo, ao mesmo tempo em que pode sugerir a noção de uma atividade de caráter, de certa forma superficial, em relação ao estudo do local, aqui entendido como estudo acerca da história do bairro.

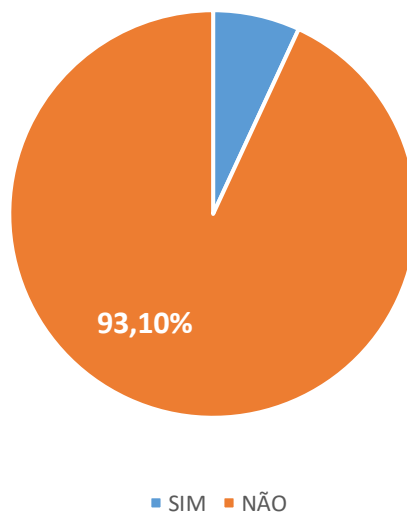
A resposta da aluna Mariana, por sua vez, sugere que talvez tenha ocorrido uma atividade de pesquisa que se valeu da toponímia dos bairros da ilha de Mosqueiro, uma experiência de estudo do local que pode ser bem explorada quando fomenta no discente à percepção de elementos que vão além do simples significado de um dado nome.

Há que se considerar que, possivelmente, não somente três discentes vivenciaram experiências relacionadas ao estudo de questões próprias da história local, é provável que um número maior de alunos e alunas podem ter passado por algo parecido, contudo a dificuldade de recordar uma experiência escolar vivida nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pode ser um fator que os levou a responderem negativamente à indagação que lhes foi feita, ao mesmo tempo em que experiências de ensino pouco significativas e/ou nada marcantes também poderiam colaborar para as respostas negativas obtidas.

Ainda com o intuito de ampliar o universo de análise sobre as questões lançadas, em novembro de 2022, o questionário foi mais uma vez aplicado, desta vez também à uma turma de alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e nove discentes, de idades entre treze e catorze anos, que aqui será chamada de turma “B”.

Dessa forma, a respeito da questão de número 01, que tratava de possíveis atividades pretéritas de estudos relacionados à história local, já apresentada anteriormente, foram obtidas vinte e sete respostas negativas, o que corresponde a 93,10% dos alunos, enquanto apenas dois alunos afirmaram e descreveram experiências vivenciadas que, de alguma forma, se relacionam, na percepção dos alunos, a estudos da história local, o que, por sua vez, corresponde a 6,90% do total de discentes. O gráfico 3 apresenta o percentual de respostas que a pergunta número 01 obteve com a referida turma.

Gráfico 3 - Percentual de respostas obtidas com a pergunta 01 (turma B)



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022).

Assim, para as respostas afirmativas foram criadas as seguintes categorias:

Categoria 1 - Atividade de pesquisa sobre limpeza e manutenção do espaço do bairro.

Sim, fiz um trabalho sobre a diferença de famílias de nosso bairro. O trabalho perguntava o que você achava sobre seus vizinhos, quais famílias tinham cuidado com as ruas, sobre jogar lixo nas calçadas.
(SARA, 13 anos)

Categoria 2 – Atividade sobre cidade e família.

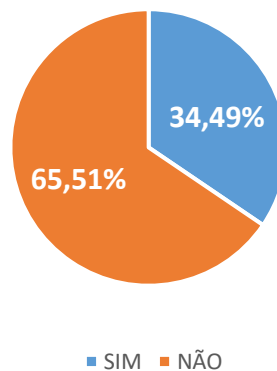
“Sim, uma vez o professor fez um trabalho sobre nossa cidade e nossa família” (ELIZEU, 13 anos).

Como é possível perceber, a resposta da aluna Sara, se comparadas às respostas anteriormente apresentadas, trata de elementos que se ligam mais diretamente à outras áreas do conhecimento que não aquela na qual a disciplina história se encontra inserida.

A outra resposta obtida, por sua vez, apresenta indícios de uma atividade cujo foco deve, supostamente, ter sido a história local.

No que se refere à segunda questão que tratava da importância do estudo da história do bairro, foram obtidas dezenove respostas negativas, o que corresponde a 65,51% da turma, e dez respostas afirmativas o que corresponde a 34,49% dos discentes. O Gráfico 4 apresenta o percentual de respostas obtidas à pergunta 2 pela turma “B”.

Gráfico 4 - Percentual de resposta obtidas com a pergunta 02 (turma B)



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022).

Sobre as respostas negativas, seis foram justificadas por seus autores. Após analisadas foram criadas as seguintes categorias, nas quais tais respostas foram classificadas:

Categoria 1 - Estudar história local não é importante.

“Eu não acho importante” (SUZI, 13 anos).

“Eu acho que não, porque eu não acho importante estudar a história do meu bairro” (WANDER, 14 anos).

“Não, porque nunca ouvi muito sobre onde eu moro” (JULIA, 13 anos).

Categoria 2 - Estudar história local pode ser importante para quem manifestar interesse em conhecê-la”.

“Na verdade, para quem quiser saber é importante, mas para mim não” (SOFIA, 13 anos).

“Não acho importante estudar a história do bairro onde moro, mas tem pessoas que pensam diferente de mim” (MAURO, 13 anos).

Categoria 3 - Estudar história local não é importante, mas é necessário.

“Não acho importante, mas é necessário saber onde você mora para saber mesmo” (SARA, 13 anos).

Inicialmente, quando o questionário foi aplicado, a atenção e o foco de análise foram pensados e destinados unicamente às respostas que apresentavam caráter afirmativo, àquelas que traziam conteúdos a serem analisados. Nesse sentido, entendia-se como conteúdo a ser analisado as palavras discentes que retomassem atividades pretéritas sobre história local, por exemplo, e as respostas nas quais os alunos discorreram a respeito da importância de estudar a história do bairro, mas quando respostas negativas e suas justificativas foram dadas, de forma voluntária, percebeu-se o quão significativo e problematizador poderia ser o conteúdo expresso nas palavras daqueles alunos que assumiram que estudar sobre a história do local onde habitam não lhes causava qualquer interesse ou motivação para tanto.

As causas que justificariam a falta de interesse dos alunos em estudar sobre a história de seu bairro, podem ser diversas, contudo, para além de um olhar que julga o discente como indivíduo pouco interessado em estudar sobre qualquer que seja a temática proposta, por exemplo, é importante reconhecer que um dos grandes problemas das escolas é:

[...]a não atribuição de significado, por parte dos alunos, para os conteúdos e as atividades escolares, muitas vezes entendida como “desinteresse” ou “falta de estímulo” por parte dos educadores. O estabelecimento de vínculos entre as experiências do mundo extraescolar e aquilo que se faz na sala de aula é uma excelente oportunidade de superar velhos estigmas do professorado (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p. 67).

Pode ser possível que a negação dos discentes em não reconhecer a importância de estudar a história de seu bairro, de seu local de vivência, ou de seu meio, deva-se também à carência de experiências significativas no momento em que estas deveriam ter ocorrido, conforme previsto na BNCC, porém independente do momento em que tais experiências aconteceram ou não, o que se conclui com a negação discente em relação ao estudo da história local, é que isto gera uma barreira à construção de sentido, no que se refere ao ensino de História que pode se utilizar de contextos micros para estudar contextos macros.

A negação dos discentes em relação ao estudo do local em que habitam, pode também estar relacionado com questões de motivação, o que não é o foco da discussão que até aqui foi feita, mas vale considerar que o “fator” motivação é algo complexo do qual depende professor e alunos.

Para Freire e Shor (1986), o fator motivação precisa estar arraigado ao ato de estudar, necessita estar dentro deste ato, o estudante por sua vez, deve reconhecer a importância que o conhecimento tem para si, porém, o problema estaria na ideia de que professores e gestores com frequência, fazem preleções sobre a importância da escola e sobre o que essa representará para os alunos em um futuro distante. Nesse sentido:

Toda essa promoção da escola só revela sua incapacidade de motivar. Não é possível pretender que haja motivação por parte dos estudantes em minha sala de aula, quando começo a lecionar. [...]. O currículo padrão lida com a motivação como se esta fosse externa ao ato de estudar. As provas, a disciplina, os castigos, as recompensas, a promessa de emprego futuro são considerados os motores da motivação, alienados do ato de aprender aqui e agora [...] Primeiro, obtenha uma educação de verdade, depois poderá ter um bom emprego! A melhor coisa é sempre aquela que você não está fazendo no momento. Não é de espantar que os estudantes não cooperem. (FREIRE; SHOR, 1996, p. 12).

Assim, pode-se supor que os discentes, ao afirmarem que estudar sobre o local que habitam não lhes causa interesse, na verdade, expressam reflexos de um currículo que não lhes gera sentido, de experiências de ensino pouco significativas e, em muitos casos, possivelmente inexistentes.

Dessa forma, a escola, o ensino de História e de demais disciplinas, ocupados com o currículo padrão de que falam os autores acima citados, acabam por não se valer do cotidiano dos discentes o que gera propostas de ensino pouco ou nada articuladas com os contextos de vivências desses últimos e, além disso, favorecem o desconhecimento acerca do local em que habitam alunos e alunas, onde, por sua vez, também se encontra a escola, porém isolada em seus muros.

Destarte, para Schmidt (2009), transpor as fronteiras dos muros da escola, implicaria em um caminhar em direção a realidade, tornando significativo aquilo que se propõe ensinar. Logo, acredita-se na importância de promoção de um ensino de História que se faça, não somente na sala de aula, mas fora dela, ampliando horizontes e possibilidades, aproximando o ensino da disciplina com a realidade rememorada, vivida e sentida pelos sujeitos. Dessa forma:

[...] ensinar história não pode prescindir de pensar um mundo além da sala de aula. É necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços, levando os alunos a refletir sobre seu cotidiano, o que pode ajudá-los a entender como no passado esse cotidiano interferiu na vida de outras pessoas (SCHMIDT, 2009, p. 150).

Nesse sentido, as escolas que deveriam lançar-se à utilização da realidade na qual se encontram inseridas, acabam se tornando uma espécie de promotoras do desconhecimento local, da não preservação da memória e da não incitação à curiosidade e investigação, por assim dizer, científica por parte dos discentes.

O que acaba por gerar percepções como a da aluna Julia que afirmou que estudar história do local não é importante, afinal, nunca ouviu “muito” sobre o bairro, ou afirmações como dos alunos Sofia e Mauro que não consideram o estudo da história do local como sendo importante para eles, porém pode ser importante para outros, que assim desejem estudar e conhecer, mesmo que não questionem ou levantem hipóteses do valor que outrem pode atribuir a esse tipo de estudo.

Na contramão desta constatação, Seffner (2018) defende que um dos deveres da aula de História é o fomento ao autoquestionamento discente sobre sua própria historicidade que se faz com base na compreensão de sua estrutura familiar, da sociedade onde os sujeitos se encontram inseridos, bem como em seu estado e país. Dessa forma:

Podemos afirmar que a aprendizagem mais significativa produzida pelo ensino de História, na escola fundamental, é fazer com que o aluno se capacite a realizar uma reflexão de natureza histórica acerca de si e do mundo que o rodeia. Este conhecimento acerca do mundo, que a reflexão histórica produz, é fundamental para a vida do homem em sociedade e, também, pressuposto para qualquer outro raciocínio de natureza crítica e emancipatória (SEFFNER, 2018, p. 23).

Ainda sobre as respostas obtidas que tratam sobre a importância do estudo da história do bairro, 34,49% dos alunos responderam de forma afirmativa que julgam importante tal estudo, conforme foi apresentado no gráfico da página 66. Assim, a partir da análise das respostas, estas foram classificadas em quatro categorias distintas entre si:

Categoria 1 - Estudar a história local para preservar a memória.

“É importante para todos saberem tudo o que já aconteceu com nosso bairro, saber como ele começou a existir, é importante sabermos as histórias para passar para outras pessoas e nunca deixar a história morrer” (FERNANDA, 13 anos).

Categoria 2 - Estudar a história do local onde se mora é importante.

“Eu acho importante saber onde você mora, conhecer o lugar e a história dele” (ARTHUR, 14 anos).

“Sim é importante, porque o bairro é importante para nós” (MARCIA, 13 ANOS).

Categoria 3 - Estudar a história local para conhecer suas origens.

“É bom conhecer um pouco sobre o que aconteceu anos atrás no bairro em que moramos” (ANA, 13 anos.).

“Porque a gente precisa saber o que aconteceu antes lá e também é muito importante saber o que já aconteceu lá naquele lugar” (DIANA, 14 anos)

“Eu acho importante a história do meu bairro, porque eu sempre tive curiosidade de descobrir como descobriram e criaram o bairro onde moro” (PEDRO, 13 anos).

“Sim, porque é muito importante saber como começou a história desse bairro, saber sobre a rua e o desenvolvimento, sobre essa história” (PAULO, 13 ANOS).

“É importante para sabermos mais sobre as pessoas que moraram lá, saber sobre quem construiu o bairro e saber mais sobre o nosso bairro” (DANIELA, 13 anos).

Estudando a história do bairro você conhece coisas que não sabia, até mesmo coisas do seu passado, das pessoas que moraram lá antes de você, lugares que hoje são de um jeito, mas antes, eram de outro, além de ser muito legal conhecer coisas novas” (MAURO, 13 anos).

Categoria 4 - Estudar a história local pode ser útil.

“Estudando a história do meu bairro, talvez em algum momento possa ser útil para mim” (SILVIA, 13 ANOS).

A categoria 3 contou com o maior número de respostas, o que exprime a ideia de que o estudo da história local foi, em grande parte, compreendido pelos discentes como importante, pois oportuniza a compreensão das origens do lugar, do passado e de suas transformações ocorridas, o que, de certa forma, é notado na resposta da aluna Ana.

Embora seja possível perceber que nem sempre o discente expressa o real motivo de atribuição de importância em relação ao estudo do passado do lugar onde mora, como se evidenciou nas palavras da aluna Diana. E, em outros casos, esta importância pode ser movida pela curiosidade, como na resposta do aluno Pedro.

Assim, discentes expressam curiosidades que se ligam ao desejo de conhecer a gênese de um determinado lugar e seu processo de mudanças e transformações, o que ficou perceptível na resposta do aluno Paulo. Bem como, a compreensão da importância da história do bairro em

que se habita não se dissocia da importância de reconhecer que esta história foi escrita por pessoas que habitaram e modificaram o lugar, como disse a aluna Daniela.

Finalizando o conjunto de respostas que compuseram a categoria de número três, tem-se a resposta do aluno Mauro, na qual expressou a compreensão de que ao conhecer a história do bairro é possível ao sujeito conhecer coisas sobre sua própria história:

A compreensão de que estudar a história local é importante para a preservação da memória foi expressa apenas na resposta da aluna Fernanda (categoria 1), o mesmo ocorreu com a compreensão de que estudar história do local pode ter utilidade, em algum momento, para quem assim o faz, como foi exposto na resposta da aluna Silvia (categoria 4), enquanto que a concepção de que é necessário estudar o lugar que se habita se fez notar nas respostas dos alunos Arthur e Márcia (categoria 2).

Contudo, recebeu maior destaque a concepção de que se faz importante estudar a história do local em que se habita para conhecer as origens deste (categoria 3), conforme já foi dito. Dessa forma, nas respostas dos discentes, notou-se a presença de certa curiosidade em conhecer o passado, os modos de vida e de habitar o bairro outrora, de saber sobre a gênese do espaço e de seu crescimento. Assim, a curiosidade mostra-se como um elemento a ser utilizado e potencializado no ensino de História, no estudo de questões locais, por exemplo, pois ela incita a elaboração de hipóteses, questionamentos e impulsiona a necessidade de conhecer o meio em que se vive.

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuo comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo melhor o espaço. Admito hipóteses várias em torno da possível origem do ruído. Elimino algumas até que chego a sua explicação (FREIRE, 1996, p. 35).

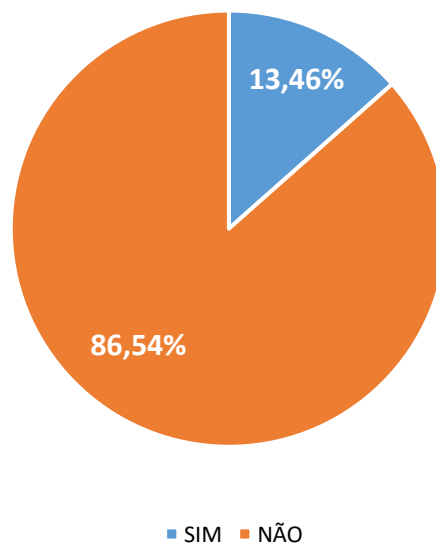
De um modo geral, nas respostas dos discentes, percebeu-se que ao pensar a importância de estudar a história do local em que habitam, alunos e alunas, afirmam a importância de estudar o passado, porém não apresentam a compreensão de que este estudo do passado não pode ficar apenas focado no que aconteceu, conhecer fatos, aprender sobre origens, perceber mudanças só ganha mais significado e utilidade quando se relaciona este conhecimento com a percepção de que existem continuidades, permanências, rupturas na história do local e que este local não se encontra isolado e dissociado de uma realidade mais ampla, daí porque o estudar história a partir da história local é importante.

Vale destacar que, com a aplicação do questionário, notou-se também que as experiências de estudos sobre questões locais foram eventos que, no decorrer dos anos posteriores do Ensino Fundamental, ficaram para trás, isolados da possibilidade de serem retomados, se considerado o quantitativo de alunos que não recordou ou afirmou não ter vivenciado experiências de estudo sobre o bairro.

Ainda sobre a pergunta de número um, contabilizou-se todas as respostas e obteve-se o seguinte resultado: 86,54% dos discentes responderam que não recordam de ter vivido experiências de ensino voltadas ao estudo de questões locais, enquanto o quantitativo de alunos e alunas que afirmaram ter vivenciado experiências do gênero alcançou total de 13,46%.

Como se pode ver o quantitativo de alunos que alegaram ter vivenciado alguma atividade relacionada à história local e que descreveram essa atividade, é significativamente inferior à quantidade de alunos que afirmaram não ter vivenciado alguma experiência do gênero. Essa constatação é emblemática e expressa bem o lugar que estudos destinados à história local ocupam não somente cabedal de aprendizagens construídas pelos alunos no decorrer dos anos do Ensino Fundamental, mas nas propostas curriculares das escolas, bem como nas práticas de ensino de professores, por exemplo. O gráfico 5 apresenta o percentual das respostas obtidas, com todos os alunos e alunas participantes da pesquisa, referente à pergunta de número 01, sobre experiências de ensino relacionadas a estudos de questões locais.

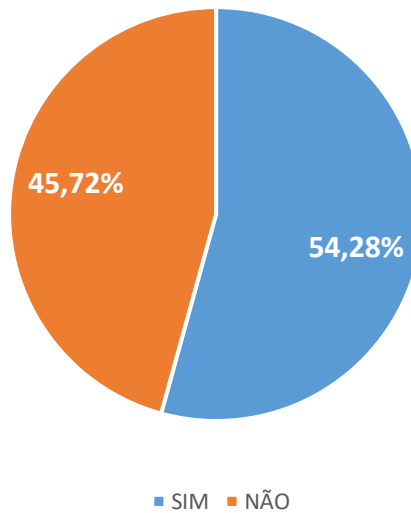
Gráfico 5 - Percentual total de respostas à pergunta 01



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022).

O gráfico 6 apresenta o percentual total de discentes que responderam à pergunta de número 02: que tratava da importância dada pelos discentes ao estudo da história local.

Gráfico 6 - Percentual total de respostas à pergunta 02



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022).

Percebe-se que o percentual de alunos que afirmaram não considerar importante o estudo da história do local em que habitam é superior ao percentual dos que afirmaram o oposto. Esse resultado possibilita que sejam levantados alguns questionamentos, tais como: Para além das respostas negativas dos discentes, e suas respectivas justificativas, o que colabora para que os discentes não percebam ou não reconheçam a importância de se estudar o local onde habitam? Como questões destinadas ao estudo da história local estão sendo trabalhadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental ou por que não estão sendo trabalhadas? Que lacunas a ausência de aprendizagens que partem do estudo da história local causam no processo ensino-aprendizagem dos adolescentes nos anos finais do Ensino Fundamental?

Nesse sentido, não se pretende aqui dar respostas aos questionamentos apresentados, mas suscitar uma reflexão acerca da situação constatada, uma vez que o ensino de História pode valer-se da história local e este uso pode ser capaz de gerar sentido aos discentes em seus processos de construção de conhecimento.

Há uma potencialidade neste uso, pois reafirma-se que a partir dele pode-se encontrar uma via para o fomento e desenvolvimento de competências específicas da área de Ciências Humanas no Ensino Fundamental, previstas na BNCC, contudo, considerando o não

reconhecimento desta potencialidade nas respostas discentes, quando estas expressam o desinteresse pela história local e/ou a pouca motivação em estudá-la, afirma-se que se faz necessário colaborar para modificar essa percepção, para tanto os docentes da disciplina História devem exercer papel primordial.

Propostas metodológicas mais significativas e contextualizadas podem oferecer aos discentes a possibilidade de se aproximarem da história do lugar onde moram e assim fazer, a partir desta aproximação, com que sejam abertas “janelas” ou construídas “pontes” para realidades maiores, contextos mais amplos, enfim, desenvolver a percepção de inserção do local num mundo do qual nunca esteve apartado, o que lhe falta, muitas vezes, é apenas ser considerado em sua importância, riqueza e dimensão.

Dessa forma, conhecer o que os alunos pensavam ou vivenciaram em relação a estudos de história local, foi importante para direcionar outras atividades que foram realizadas posteriormente e que serão também aqui analisadas.

2.3. A multiplicidade do conceito de Paisagem

Uma das atividades que, mais tarde, foi proposta aos discentes, tratava da apresentação de um texto (criado pelo professor-pesquisador) e posterior produção textual dos alunos, com o fito de analisar como estes percebiam e rememoram o local em que habitam.

No texto citado, o autor apresenta suas memórias sobre o bairro, um modo de rememorar a paisagem do local evocada pelos sentidos, por isso, antes de realizar tal atividade, optou-se por investigar o que discentes compreenderam acerca do conceito em questão, para em seguida, a partir da compreensão discente sobre o referido conceito, estimulá-los a reconhecer no texto elementos que se referiam à ideia de paisagem como fruto dos sentidos humanos, bem como para que pudessem produzir seus próprios textos compreendendo e apresentando suas memórias acerca da paisagem do bairro como construídas na relação com o espaço por eles habitado e pelo modo como estes percebiam, sentiam e viviam o local em questão.

Importante destacar também que, desde o início da elaboração do projeto de pesquisa, o conceito de “paisagem”, mesmo que de forma incipiente e pouco consciente, por parte do professor-pesquisador, foi se cristalizando como um conceito chave para o trabalho que se intencionava realizar e isto se tornou mais perceptível quando o docente entrou em contato com autores da História Urbana que se debruçaram sobre o conceito em questão.

Dessa forma e, de igual maneira, como foi importante analisar aquilo que os discentes, público-alvo da pesquisa, compreendiam sobre história local, também se fez necessário indagá-

los em relação à compreensão do conceito de paisagem. Para tanto, os discentes responderam de forma escrita à seguinte pergunta: *O que é paisagem?*

Para analisar as respostas dos discentes²⁸, novamente, recorreu-se à técnica de análise de conteúdo, mais especificamente, a análise categorial ou temática. Assim, foram obtidas onze respostas, que foram organizadas em duas categorias.

Categoria 1 - foi intitulada de “Paisagem formada por elementos da natureza” e nela foram classificadas sete respostas.

“Paisagem são arvores, flores, os igarapés, rios e ondas” (KÁTIA, 13 anos).

“Paisagem é um lugar bonito cheio de árvores” (PALOMA, 14 anos).

“Paisagem é o que nós vemos, pássaros, árvores, animais, praia” (LANA, 13 anos).

“É uma imagem com céus, flores, árvores. Exemplo: quando estamos na praia e olhamos uma bela paisagem” (LUIZ, 13 anos).

“É uma miragem ou pode ser a pintura de uma árvore ou animais” (ALAN, 13 anos).

“A paisagem é o ar livre, a natureza, por exemplo, onde nós habitamos ou em volta de nós sempre encontramos paisagem” (MARIA, 14 anos).

“Paisagem é tudo o que nos vemos o ar, as árvores, a água” (CARLOS, 14 Anos).

²⁸ O primeiro grupo de respostas que foi apresentado, foi coletado com o grupo inicial de discentes, que se reuniam aos sábados na escola campo, esta atividade ocorreu em setembro de 2021.

Categoria 2 - foi intitulada de “Paisagem como tudo aquilo que pode ser captado pelos sentidos” e nela foram classificadas quatro respostas:

“Paisagem é tudo aquilo que podemos ver, escutar e sentir” (JOÃO, 14 anos).

“Paisagem eu acho que pode ser tudo o que eu posso ver” (IGOR, 14 anos).

“Paisagem é uma coisa que está ao alcance da nossa visão, na escola tem uma paisagem” (FERNANDA, 13 anos).

“Paisagem é o que nós vemos, o que gente sente e que a gente passa a desenhar” (CLÁUDIO, 14 ANOS).

Notou-se que a compreensão que os discentes apresentaram sobre o conceito investigado, mesmo quando percebida sua construção a partir do sentido da visão, ainda assim, limitava-se a enxergar aquilo que é, em sua maioria, físico e palpável, natural e estanque, além disso, passível de contemplação.

Dessa forma, na compreensão do conceito em questão, por parte dos discentes, pode-se dizer que, a paisagem, em sua construção, não depende e não conta com a participação e/ou ação humana. Ao responderem à pergunta que lhes foi feita, os alunos se colocaram como espectadores, contempladoras de um espaço pronto e acabado que lhes antecede em construção.

Destarte, é possível supor que o entendimento que os discentes expressaram sobre o referido conceito ou o modo como se relacionam efetivamente com a paisagem que habitam não lhes permite a autopercepção de que são construtores e, ao mesmo tempo, elementos desta última.

Assim, servem como contraponto à percepção discente apresentada acerca do conceito em destaque as reflexões de Silva (1997), uma vez que para o autor, a paisagem é concebida como resultado da ação humana. Logo, a natureza não pode ser vista como externa ao homem, mas como um produto da atividade prolongada desse último. Portanto, para o autor, não se aplicam à “paisagem” conceituações estanques que a dividem e colocam homem e natureza em pontos extremos ou opostos.

Compreender “paisagem”, a partir do autor citado, permite perceber que o referido conceito também é histórico, detentor de temporalidade, logo, pode ser pensado não apenas com base em elementos naturais presentes no agora, como também pode ser lembrado a partir de imagens de outrora.

Dessa forma, valer-se do conceito de paisagem é compreender que, para além da não aceitação de uma perspectiva que se volta unicamente para elementos da natureza, faz-se também necessário perceber a historicidade que o conceito abarca, uma vez que se constrói pela visão humana e tudo aquilo que este sentido consegue alcançar, portanto também é constituído por espaços físicos e temporais. Desse modo: “[...] a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 1998, p. 24).

A segunda categoria de análise criada durante a classificação das repostas discentes, considerou aquelas que expressaram a compreensão de que o conceito de paisagem é fruto de um ou mais sentidos humanos e que sua constituição não se limita unicamente a elementos da natureza, por exemplo.

Logo, obtiveram-se assim quatro respostas que expressavam um entendimento mais ampliado dos respondentes em relação ao conceito em questão. Assim, nas palavras dos estudantes, foi possível perceber que, se não se colocavam como construtores da paisagem, ao menos se mostravam capazes de não somente valer-se do sentido da visão para percebê-la e, além disso, extrapolaram a noção de que a paisagem é algo unicamente criado pela natureza e externo ao ser humano.

Como exemplo, desta afirmação, têm-se as palavras da aluna Fernanda que considerou que o espaço escolar expressa uma paisagem, a discente apresentou uma percepção mais ampla acerca do conceito, ou seja, compreendeu “paisagem” como aquilo que a visão humana alcança e, nisso entende-se que, nem sempre, o que será visto e percebido pelo olhar deverá ser necessariamente um ambiente belo e idílico. A escola, para a discente, expressa uma paisagem, um cenário único e distinto daquilo que foi percebido como paisagem nas respostas de discentes que se limitaram a pensar o conceito a partir de elementos da natureza somente.

Nesse sentido, vale salientar aquilo que os Parâmetros Curriculares Nacionais trataram acerca do conceito do referido conceito, uma vez que tal documental o definiu como: “uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente” (BRASIL, 1997, p. 11).

Com base, no que os PCNs consideraram como paisagem, pode-se afirmar que a compreensão de discentes que restringiram o conceito somente a elementos de caráter natural, não pode ser tida como errônea, uma vez que elementos naturais, segundo o referido documental, fazem parte do conceito, o que não implica em dizer que tal compreensão não necessitava ser ampliada.

Avançando no conceito têm-se as palavras do aluno João que recorreu a ideia de que a paisagem é tudo aquilo que é passível de ser visto, escutado e sentido, logo, compreende-se “tudo” como elementos criados também pela ação humana, paisagens construídas e modificadas e elementos naturais, por exemplo.

Na resposta do discente, percebe-se uma compreensão que relaciona a apreensão do que pode ser pensado como paisagem associado aos sentidos humanos, a paisagem é fruto daquilo que o sujeito pode sentir estando em contato com o meio, com o espaço que o cerca.

Visando ampliar o universo de análise, o professor-pesquisador lançou a mesma pergunta sobre paisagem a um outro grupo de alunos que cursavam do oitavo ano do Ensino Fundamental. Porém, além desta necessidade, a atividade assim foi feita, considerando o retorno das aulas presenciais e o intuito do docente em realizar as atividades de sua pesquisa no contexto de sala de aula²⁹.

A atividade foi realizada em outubro de 2021, o total de participantes foi de dez alunos, durante o processo de seleção e categorização das respostas foram excluídas duas que não expressavam a compreensão dos respondentes acerca do conceito, mas que se tratava de cópia literal de uma definição de paisagem obtida a partir de pesquisa em um dicionário on-line.

Assim, as respostas selecionadas e analisadas foram organizadas nas seguintes categorias:

Categoria 1 – Paisagem como aquilo que a visão abarca:

“E tudo aquilo que nossos olhos conseguem enxergar” (BRUNO, 13 anos).

²⁹ O contexto e as dificuldades que impulsionaram tal situação foram tratados na subseção 2.1.

Categoria 2 - Paisagem formada por elementos da natureza:

“Um local preservado e muito bonito de se ver, criado pela natureza”
(MARIANA, 13 anos).

“Uma vista natural com árvores, flores, praia, pássaros e etc.”
(LUCAS, 13 anos).

“É quando você encontra um local muito bonito e esse local é chamado paisagem” (LUIZA, 13 anos).

“A paisagem é produzida pela natureza, por exemplo, o pôr-do-sol é uma paisagem muito linda, mas existem várias outras paisagens”
(JULIANA, 14 anos).

“Paisagem é flor, árvore, um local bonito, um quadro pintado, paisagem é arte em um local” (AMANDA, 13 anos).

Categoria 3 - Paisagem formada por elementos naturais e por elementos construídos pelo homem:

“Paisagem que pode ser uma casa, flor” (ISAQUE, 13 anos).

“É uma vista muito linda com casas, flores, árvores, etc.” (DEISY, 13 anos).

Após análise prévia das respostas obtidas e quantificando os resultados, têm-se cinco alunos que compreenderam o conceito de paisagem como sendo criado e formado unicamente por elementos da natureza, mais uma vez, tal qual, grande parte das respostas anteriores, a relação expressa na compreensão discente trata do conceito em questão como sendo externo ao homem, reforçando a ideia de que ao considerar o que seja paisagem, ligam-se a este conceito os elementos constituídos pela natureza, ao mesmo tempo em que o homem é posto na condição de expectador e/ou contemplador, porém não partícipe de, como disseram alguns discentes, um “lugar bonito”.

Duas respostas, mesmo que de forma tímida, trazem à tona a noção de paisagem formada não somente por elementos naturalmente constituídos, como também por aqueles constituídos pela ação humana.

E, dessa forma, pode-se dizer que os respondentes foram capazes de compreender que o homem, de forma tácita, é também atuante e agente de transformação da paisagem, deixando nesta última, marcas que apontam sua capacidade de agir sobre um determinado espaço e transformá-lo, cravando nele marcas de sua presença e história.

Entender o conceito de paisagem como fruto de ações humanas e naturais, permite então relacionar esta compreensão ao que Ribeiro trata, sobre o conceito quando afirma que paisagem “é a ocorrência, em uma fração territorial do convívio singular entre natureza, os espaços constituídos e ocupados, os modos de produção e as atividades culturais e sociais numa relação complementar entre si [...]” (RIBEIRO, 2007, p. 7).

Somente a resposta do aluno Bruno, dentre as dez obtidas, foi percebida como aquela que conseguiu extrapolar as percepções de paisagem de outros discentes até então, uma vez que em suas palavras o discente expressou a compreensão de paisagem para além da contemplação de elementos naturais, por exemplo, permitindo ao sentido da visão ser capaz de definir o conceito como tudo aquilo que se pode alcançar com o olhar.

Após percebida as diferentes formas de compreensão, por parte dos discentes, e as similaridades que marcavam o conceito de paisagem, o professor-pesquisador, de modo expositivo e partindo das respostas obtidas, com base nas ideias dos autores aqui apresentados que discutem o conceito em questão, fomentou a reflexão discente sobre os modos de pensar, rememorar, compreender e se relacionar com a paisagem.

Assim, com base na multiplicidade da noção de paisagem, defendida por Corbin (1998), fomentou-se nos alunos a hipótese de que, em relação ao bairro em que habitam, há diferentes memórias: uma memória da paisagem sonora, olfativa, além daquela memória que se constrói pelo olhar, uma memória dos modos de se deslocar pelos “caminhos”³⁰ do bairro, enfim, uma memória de viver no bairro e no bairro. Em suma, considera-se que “[...] a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas” (SCHAMA, 1996, p. 16-17).

³⁰O bairro durante muito tempo era marcado pela presença de poucas vias (ruas) e caminhos que cortavam sua extensão, as pessoas costumavam deslocar-se por esses “atalhos”, o próprio professor pesquisador fazia uso deles, é de sua memória que muitas crianças, por exemplo, se deslocavam por esses caminhos para chegarem às escolas.

Sondar aquilo que alunos e alunas compreendiam sobre paisagem foi importante para que seus conhecimentos pudessem ser ampliados a esse respeito, dessa forma, fomentar nos discentes a percepção de um conceito que abarca elementos naturais, mas que, ao mesmo tempo, extrapola este aspecto, foi necessário para que se pudesse avançar nas atividades propostas.

Nesse sentido, por exemplo, ao estimular nos estudantes a compreensão de paisagem como fruto de uma relação subjetiva entre homem e o meio que o cerca, o professor-pesquisador instigou os estudantes à necessidade de perceber a paisagem a partir do sensível, bem como, a partir da memória desse sensível, no que diz respeito ao modo como pessoas mais velhas podem rememorar o bairro trazendo à tona paisagens da memória em suas mais diversas construções. Além disso, mostrou-se aos estudantes que estes também são capazes de perceber o bairro e construir seus modos de vivenciar e representar a paisagem do lugar onde moram.

2.4. A paisagem em produções textuais³¹

Para que discentes fossem envolvidos no trabalho e se sentissem motivados a conhecer a história de seu bairro, fazia-se necessário despertar a curiosidade destes. A forma encontrada para tanto, foi a produção de um texto, por parte do professor-pesquisador, que relatasse e descrevesse suas memórias de infância acerca do lugar em que até hoje mora, ao mesmo tempo, que fosse capaz de também apresentar a percepção do autor sobre as transformações ocorridas no bairro.

Destarte, a intencionalidade de empregar o texto foi de, inicialmente, não somente servir de “objeto” instigador à atividade que seria desenvolvida, como também permitir, aos alunos e alunas, o acesso a uma memória sobre o bairro, bem como motivá-los a perceber as mudanças e/ou transformações, por eles vivenciadas, ocorridas no referido espaço. Além disso, conforme já dito, o emprego do texto apresentaria aos discentes uma percepção acerca da paisagem do local, uma vez que estes já se encontravam familiarizados com o referido conceito e com o que este abarca e implica em seu significado.

Dessa forma, nos parece conveniente que o educador-orientador realize uma atividade desencadeadora para a formulação dos temas de pesquisa. Essa pode ser uma saída de campo, uma palestra, uma oficina pedagógica a exibição de um filme ou mesmo uma

³¹ Nesta subseção, diferente das anteriores em que se optou por não apresentar as tabelas construídas (com base na técnica de análise de conteúdo), serão apresentadas, integralmente, aquelas que foram elaboradas para analisar as produções textuais dos alunos, uma vez que cada tabela corresponde a análise de um texto apenas.

aula expositiva que suscite dúvidas e curiosidades nos educandos suficientemente fortes a ponto de motivá-los a buscar novas informações (PACHECO, 2017, p. 39).

Convém ressaltar que a proposição de um texto, baseou-se na estratégia utilizada por Cainelli (2006), que por sua vez recorreu a Cooper (2004)³², ao propor a alunos e alunas, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma atividade de observação de um determinado objeto antigo, incitando-os a um exercício de questionamento. Logo: “A idéia (*sic.*) de trabalhar com a observação de um objeto parte do pressuposto de que a observação direta de indícios do passado representado pelas fontes primárias faz com que o aluno [...] reflita sobre o passado ao qual este objeto pertenceu” (CAINELLI, 2006, p. 6).

Assim, esperava-se que o contato com o texto fosse um convite a alunos e alunas ao estranhamento, à reflexão sobre as mudanças ocorridas na paisagem do bairro, que gerasse questionamentos e indagações sobre este, seu passado e memórias. A fim de que pudessem os (as) discentes também, posteriormente, registrarem suas memórias e suas percepções em relação às mudanças ocorridas no lugar onde moram.

Na produção textual citada, o autor buscou evidenciar aspectos relacionados à multiplicidade da noção de paisagem de Corbin (1998), já tratada anteriormente, assim foram apresentados elementos próprios de memórias ligadas aos sentidos, como por exemplo, audição e visão, quando são evocadas lembranças relacionadas à percepção de uma paisagem sonora e visual acerca do bairro.

Aliado a isso, são percebidos elementos que coadunam com a compreensão de Carananduba como um “lugar de gerações” (ASSMAN, 2011), quando o autor faz menção à atividades de familiares em determinada área do bairro, o que por conseguinte nos remete à ideia de perceber “camadas de memórias” (PESAVENTO, 2004) atinentes ao local, bem como, fez parte do intuito de produção do referido texto a compreensão de que há uma relação subjetiva entre o homem e o bairro e esta relação se faz pelo corpo, o que corrobora com noção de praticante ordinário de Certeau (1998), uma vez que o texto relata uma experiência de observação e percepção do bairro numa gesto de caminhar por uma de suas ruas.

Também como referência para a proposição da atividade com utilização de um texto, considerou-se a ideia de objeto gerador defendida por Ramos (2004), mesmo que pela sua materialidade e literalidade, não se considere um texto como um objeto. Contudo, esta etapa metodológica foi vista como preparatória para as demais etapas que se seguiram, pois: “Nesse

³² O autor defende a ideia de uma aprendizagem ativa e construtivista, através da resolução de problemas que permita aos alunos aprender através dos sentidos e, por conseguinte, aplicar a aprendizagem a novos contextos, nas palavras do autor “de modo a tornar-se os factos menos ‘maçudos’ (COOPER, 2004, p. 55-56).

caso, o envolvimento entre o que é dado à visão e quem vê necessita de atividades preparatórias, com intuito de sensibilizar aquele que vai ver. Do contrário, não se vê, ou pouco se vê” (RAMOS, 2004, p. 21).

Aliado ao emprego do texto, como dito acima, foram apresentadas (como recurso imagético) algumas fotografias antigas de famílias residentes no bairro, com o objetivo de permitir a alunos e alunas a visualização de uma paisagem que não mais existe, tal qual capturada nas imagens, a fim de que se pudesse, a partir disso, instigá-los a perceber as mudanças físicas na paisagem local³³.

Nesse sentido, a fotografia foi compreendida como “ferramenta de comunicação pedagógica” (MOLINA, 2007, p. 24), que permite ao olhar discente deparar-se com um tempo que não é o seu, sobre o espaço que hoje habita e assim questionar-se sobre as mudanças percebidas na paisagem que outrora era distinta.

Dessa forma, a utilização de fontes (texto e fotografia) visava incitar nos alunos e alunas a curiosidade e o trabalho de investigação histórica, fomentar o olhar discente à capacidade de fazer perguntas às fontes, analisá-las, assim, perceber que é possível estudar história a partir destas.

Tal como os historiadores, sabemos que o processo de investigação histórica envolve perguntas sobre as fontes - as pistas do passado que ainda existem - de modo a descobrir algo sobre este. Algumas dessas fontes podem ser tácteis - artefactos (*sic.*). Podem ser visuais-fotografias, pinturas desenhos e vitrais. Podem ser simbólicas - diagramas ou mapas - ou fontes escritas diversas (documentos, literatura contemporânea, diários, leis, jornais). Os historiadores interrogam estas fontes para elaborar inferências, para construir narrativas sobre o passado e sobre causas e efeitos ao longo dos tempos (COOPER, 2004, p. 56).

A atividade com o texto e as fotografias foi proposta de forma simples, sentados em círculo, discentes e professor realizaram a leitura de forma coletiva e, em seguida, os primeiros eram instigados a destacar, de forma oral, o que havia chamado sua atenção durante a leitura e na observação das fotos: curiosidades, surpresas, questionamentos etc.

Chamou a atenção dos alunos a foto da capela de Nossa Senhora da Conceição, por ser a mais antiga das fotos apresentadas, uma vez que atualmente o prédio foi demolido, e uma fotografia que apresenta uma das ruas próximas à escola, que pelos discentes presentes não foi reconhecida. Por aquela rua, muitos alunos e alunas costumam caminhar todos os dias para chegarem à escola, em seus comentários, os discentes citavam a grande diferença notada

³³ Poucas fotografias foram encontradas, estas já foram apresentadas na presente dissertação, são elas Figura 4 (página 36), Figura 5 (p. 38);

atualmente e na fotografia, a ausência de pavimentação de outrora e a grande quantidade de árvores percebidas ao fundo da imagem. A Figura 13 apresenta a rua “Ramal do D.M.E.R”.

Figura 13 - Pessoas caminhando pela rua “Ramal do D.M.E.R”



Fonte: Valente, Adélia. 1987. Arquivo pessoal de fotos

Entretanto, devido o número de fotografias encontradas ter sido limitado, os alunos e alunas, durante a atividade acabaram focando mais sua atenção no texto que lhes foi apresentado.

O professor-pesquisador, por sua vez, dialogou com os alunos acerca do conceito de paisagem, com base no referencial teórico já apresentado inicialmente e, a partir disso, iniciou mais uma atividade com os discentes ali presentes, pediu-lhes que realizassem novamente a leitura do texto, dessa vez localizando e destacando em sua leitura trechos do texto que se referiam a memórias ligadas aos sentidos, incitando-os a perceberem a multiplicidade da noção de paisagem exposta na produção textual.

Em seguida, o professor-pesquisador solicitou aos alunos e alunas que produzissem seus próprios textos, descrevendo como recordavam e/ou percebiam o bairro, para tanto, solicitou que estes fossem feitos após uma breve caminhada pelas ruas do bairro ou próximo às suas casas³⁴.

³⁴ Atividade realizada em setembro de 2021.

Assim, foram produzidos seis textos, analisados individualmente, considerando a técnica de análise empregada já citada em atividades anteriores. Contudo, após a etapa de pré-análise das produções textuais, foi possível identificar temas comuns nestas últimas, o que possibilitou a criação de categorias que puderam ser estendidas a mais de uma produção textual, o que de certa forma, colaborou para a percepção dos modos como os estudantes compreendiam e/ou rememoravam a paisagem do bairro e quais aspectos, nesses modos, eram recorrentes ou não na leitura que realizavam acerca do local em que habitam.

Conforme já dito, no início desta subseção, aqui foram mantidas as tabelas construídas, necessárias à realização da aplicação da técnica de análise de conteúdo categorial ou temática, cabe então explicar a estrutura e organização destas tabelas que servem como instrumento sistematizador para a realização da análise que se desejou fazer. Nesse sentido, as tabelas contêm três partes em comum:

1 – “Unidade de contexto” que, no caso dos textos analisados, correspondem aos parágrafos que compuseram as produções textuais.

2 – “Unidade de registro”, que corresponde àquilo que é central em cada unidade de contexto e que dá sentido à esta última.

3 - “Categoria” que corresponde a temática de que trata cada unidade de contexto, estas são criadas a partir da análise do texto, com base na percepção obtida pelo professor-pesquisador sobre cada unidade de contexto e de registro.

A seguir serão apresentados trechos da produção textual dos discentes. Importante destacar que, além de recorrer às suas lembranças sobre o bairro, percebeu-se que, ao produzirem seus textos, refletem também aquilo que percebem em seu dia a dia nas proximidades de suas casas, ou seja, como os alunos e alunas moram em pontos distintos do bairro, isso acabou por influenciar a visão que apresentavam sobre o espaço de um modo geral.

Tabela 1 - Análise de produção textual (discente João)

Aluno: João		
Categoria	Unidade de registro	Unidade de Contexto
A paisagem pretérita do bairro	Antigamente era mais bonito	<i>Antigamente, o bairro do Carananduba era mais bonito, mais calmo, mais arejado, arborizado mais limpo,</i>
A poluição no bairro	Não tinha tanto lixo	<i>não tinha tanto lixo assim como há hoje. A população de antes parecia ter mais consciência. [...]</i>
O aumento da atividade comercial	Tem bastante comércios	<i>Agora, no bairro, tem bastante comércios, comparados com a quantidade de comércios de antigamente com a chegada desses comércios a população aumentou.</i>

A percepção do aluno em questão, possivelmente, se fez pela comparação do texto que lhe foi apresentado na atividade inicial com as mudanças do espaço por ele observado, o que pode ser inferido, pelo uso do termo “antigamente”. Assim, pode-se supor que o discente acabou tomando como referência a memória e a percepção sobre o bairro de outrem (nesse caso aquela expressa no texto trabalhado) para comparar com a situação da paisagem do bairro nos dias de hoje.

Dessa forma, destacou em sua escrita qualidades pretéritas do local, ao mesmo tempo em que expressou sua insatisfação em relação à poluição notada no lugar em que habita. Em seguida, percebeu que a atividade comercial do bairro é maior na atualidade e atribuiu o crescimento populacional ao incremento das atividades comerciais.

Há na escrita do discente, um posicionamento crítico, que ao ter contato com o texto que lhe foi apresentado, estabelece uma comparação com a paisagem atual do bairro por ele percebida, onde merece destaque a percepção da poluição no local em que habita, sugerindo que os moradores de outrora pareciam ter “mais consciência” (cuidado) com o lugar, o que não implica em dizer que o discente considera que tais moradores eram realmente mais ou menos conscientes em relação aos usos dos recursos naturais e manutenção do espaço do bairro, por exemplo.

Nesse sentido, o trabalho com o texto, favoreceu o fomento de uma percepção crítica acerca do bairro, por parte do aluno, uma vez que o recurso não foi utilizado para incutir uma visão cristalizada e fechada em relação ao lugar e, esta foi uma das preocupações do professor-pesquisador, deixar claro aos discentes que o texto expressava apenas uma forma de lembrar

o bairro dentre tantas outras possíveis. Contudo, a partir desta forma de rememoração, foi possível ao discente, comparar e perceber que o bairro, em sua visão, sofre com problemas relacionados ao lixo produzido por seus moradores.

A intencionalidade de fomentar uma percepção crítica em relação ao bairro foi fundamentada nas ideias de Tolentino (2016) que critica pretensas tentativas de “conscientização do outro” em relação à apreciação de um determinado bem cultural, isto é, não se desejava forjar e incutir uma memória ou uma forma de se relacionar com o espaço em questão, tão pouco conceber alunos e alunas como meros consumidores de uma “ação educativa” em relação ao bairro, mas, considerar “os usos sociais do tecido urbano [as formas de ver e viver o bairro] e os significados atribuídos pelos sujeitos sociais” (TOLENTINO, 2016, p. 44).

Sobre os usos sociais do tecido urbano, a produção textual do aluno Cláudio foi emblemática ao apresentar, não uma memória sobre o passado da paisagem do bairro, mas a circulação de pessoas e veículos e a ação das primeiras, as atividades por elas desenvolvidas. Assim, apresentou uma paisagem, do local onde habita, viva e dinâmica, na qual o elemento humano atua exercendo influência e realizando transformações positivas ou não.

Tabela 2 - Análise de produção textual (discente Cláudio)

Aluno: Cláudio		
Categoria	Unidade de registro	Unidade de Contexto
O aumento da atividade comercial no bairro.	Não tinha muitos comércios	<i>“Há cinco anos atrás, eu me lembro que quando eu andava pelas ruas não tinha muitos comércios como tem hoje [...]”.</i>
O crescimento populacional	Muitas casas	<i>“Eu vejo muitas casas, uma grudada na outra [...]”.</i>
Paisagem sonora	O que eu mais escuto são sons	<i>“O que eu mais escuto são sons de motores do caminhão, da buzina, do homem da tapioca, do homem do peixe, do picolé e principalmente do açai que eu vejo passando nas ruas”.</i>
O trânsito de pessoas e veículos	O que eu mais vejo nas ruas	<i>“Mas o que eu mais vejo nas ruas são as pessoas passando de um lado para outro, para comprar comida ou para chegar em algum lugar rapidamente [...], nas ruas, são veículos, carro moto bicicleta, caminhão, ônibus, van”.</i>
A redução da vegetação local	Vegetação muito pequena	<i>“[...]A nossa vegetação é muito pequena, poucas árvores e muitas já foram derrubadas para fazer casa”.</i>

No texto do discente, pode-se dizer que os indivíduos são retratados como parte integrante de uma paisagem movimentada, sonora, ruidosa e em constante transformação, considerando a percepção do discente acerca, por exemplo, da redução da vegetação local e do crescimento populacional.

O aluno habita em uma área do bairro onde o fluxo de carros e pessoas, mesmo não sendo intenso, é constante, além disso, também é marcada por áreas de ocupação, algumas delas, contemporâneas ao aluno. Dessa forma, pode-se dizer que o discente, de igual maneira como fizeram seus outros colegas, estabeleceu uma apreciação sensorial com o local onde habita, permitindo assim que fossem percebidos em seu texto o modo como vê e concebe a paisagem por ele habitada.

Para Corbin (1998) a apreciação sensorial da cidade [aqui leia-se bairro] permite a construção de paisagens que extrapolam a visão, baseiam-se em outros sentidos, assim o autor destaca a construção de paisagens olfativas e sonoras, por exemplo.

A apreciação sensorial da cidade não poderia, como se sabe, reduzir-se a uma arquitetura de pedra, isto é, a uma natureza morta. Ultrapassa em muito essa materialidade. Os seus ruídos, os seus odores e o seu movimento constituem a identidade da cidade, tanto quanto o seu desenho e as suas perspectivas (CORBIN, 1998, p. 107).

A apreciação sensorial da paisagem do bairro foi uma característica constante nas produções textuais dos discentes, em graus e intensidade distintos, como se pôde perceber nas palavras do aluno Carlos.

Tabela 3 - Análise de produção textual (discente Carlos)

Aluno: Carlos		
Categoria	Unidade de registro	Unidade de Contexto
A redução da vegetação local.	O desmatamento vem acontecendo	<i>“Sobre a vegetação é possível observar que o desmatamento vem acontecendo gradualmente,”</i>
O crescimento populacional	construção de moradias	<i>“devido a ocupação de terrenos e construção de moradias”</i>
O Aumento da atividade comercial	Comércio está se ampliando	<i>“O comércio também está se ampliando no bairro com tabernas e mercadinhos”.</i>
A poluição no bairro	Lixo e fumaça	<i>“No Carananduba, também é muito presente o odor desagradável de lixo e fumaça [...]”</i>
Memória olfativa	Cheiro bom de nostalgia	<i>“Mas também tem o cheiro bom de nostalgia das barraquinhas de comida que eu e minha família frequentávamos bastante na praça”</i>

É perceptível que a produção textual do aluno, trata de questões similares às produções discentes já apresentadas, assim, é recorrente o destaque dado à redução da vegetação local, o crescimento populacional, o aumento da atividade comercial e a poluição no bairro. Contudo, o discente avança, na apreciação sensorial da paisagem do bairro, ao evocar uma memória olfativa que, por conseguinte, permite que se perceba um espaço do bairro que está ligado, não somente à atividade comercial, mas a um lugar de memória de sua família.

Assim a paisagem apresentada e a lembrança afetiva evocada, possibilitam a compreensão da primeira como um lugar de memória, esta última, por sua vez, é compreendida por Nora (1983) como a “vida carregada por grupos vivos”, como um elemento que se encontra em evolução a todo instante, que vivencia o movimento dialético entre lembrança e esquecimento, que fixa suas raízes no concreto, no espaço, nos gestos e seus significados, nas imagens e no objeto.

Fixar raízes nos gestos, significados e imagens foi uma postura perceptível no modo como o aluno Kayo se ocupou em retratar a paisagem do bairro, evocando memórias de lugares que deixaram de existir na materialidade ou que deram lugar a outros espaços, prédios e práticas.

Tabela 4- Análise de produção textual (discente Kayo)

Aluno: Kayo		
Categoria	Unidade de registro	Unidade de Contexto
Paisagem dos lugares que deixaram de existir.	Não existe mais	<i>“Eu estava vindo de um mercado próximo de casa, e me deparei com muitas coisas, lembro-me de uma casa que não existe mais, onde eu e meus primos brincávamos de bola. Lembro-me do “poeirão” onde todas as tardes eu e um grupo de amigos nos reuníamos para brincar”.</i>
O aumento da atividade comercial	Mercados que hoje não existem	<i>“Lembro-me também dos mercados que hoje não existem, como o do “Seu Paulo”, do “Seu Cícero”. Agora, onde se encontram os lugares que tinham esses mercados, existe uma padaria e no lugar do ‘Cícero’ agora é o “Pinheirense” [supermercado].</i>
Paisagem olfativa	Um cheiro delicioso	<i>“Lembro-me das comidas, por onde passava tinha um cheiro delicioso a maioria das vezes churrasco”.</i>
Memória do brincar	Molecada na rua	<i>“Lembro-me também das ruas onde não passava tantos carros, tinha bastante molecada na rua brincando [...]”.</i>

A rememoração do discente e o recurso à memória daquilo que não existe mais marca sua representação da paisagem do bairro, ao mesmo tempo em que as memórias de sua infância

permeiam sua narrativa, o discente estabelece comparações entre outrora e o seu momento presente e , assim, apresenta o bairro em suas transformações, no decorrer de uma temporalidade, onde o espaço físico é transformado, o que por sua vez, modifica os modos do discente se relacionar com a paisagem, uma vez que os lugares que “não existem” mais, levam consigo as práticas e vivências do discente que ali ocorriam e ali deixaram de existir.

Mesmo apresentando similitudes, aspectos e características recorrentes nos modos de representar ou descrever a paisagem do local em que habitam, há em cada texto a expressão de testemunhos distintos, individualidades daqueles que ocupam um mesmo local e por eles deixam-se ser habitados. Como na interpretação de Menezes (2010) a respeito de uma personagem, de um cartunista francês, que se mantinha por horas no interior de uma catedral, assim habitava aquele espaço, mas se deixava habitar e se enraizar, criando uma relação estreita com a paisagem e dela fazendo parte mesmo sem manifestar autopercepção do fato. Logo, a memória do brincar, expressa pelo aluno acima, marca sua territorialidade e o uso dos espaços que deixaram de existir.

Tabela 5 - Análise de produção textual (discente Luna)

Aluna: Luna		
Categoria	Unidade de registro	Unidade de contexto
O Aumento da atividade comercial	comércios perto de casa	<i>“Algumas diferenças que notei de alguns anos atrás para hoje foram começando pela rua da casa da minha avó, [...]abriram comércios próximo de casa”.</i>
Melhorias dos serviços no bairro	A praça mudou	<i>“A praça de Carananduba também mudou, os bares eram de madeira e hoje estão todos de alvenaria e mais estruturados, reformaram o mercado, a Unidade de Saúde, incluíram a academia ao ar livre no centro da praça”.</i>
O Aumento da atividade comercial		<i>“Abriram novos supermercados na rodovia Bl 19, várias lojas e farmácias”.</i>
Precariedade do Transporte público	Transporte público	<i>“O transporte público [...] continua a mesma calamidade, ônibus sucateados, sujos e que demoram horas para passar [...]”.</i>
Infraestrutura	Ruas	<i>“Temos mais ruas abertas e também asfaltadas”.</i>
A redução da vegetação local	Árvores	<i>“Continua tendo muitas árvores na estrada, mas não como era antes”.</i>

Como se pôde perceber, nos textos até então apresentados, é notório que as produções dos alunos não se ocuparam unicamente em rememorar imagens do passado sobre o bairro, em grande parte, o ponto de partida foi a percepção de como os discentes percebiam o bairro e quais problemas, situações e mudanças, por exemplo, são percebidos no local em que habitam hoje, como foi o caso do texto produzido pela aluna Luna.

Assim, a percepção da paisagem se faz a partir dos problemas e/ou dificuldades sentidos ou vivenciados por quem nela habita, daí porque o destaque à questão da redução da vegetação local, a poluição no bairro e a carência de serviços de transporte público, por exemplo. Ao mesmo tempo em que são percebidos, nas palavras dos discentes, aspectos positivos na paisagem do bairro, modificações que trazem melhorias à vida de quem o habita, tais como, por exemplo, o aumento da atividade comercial, pavimentação de ruas, a existência de serviços de saúde etc.

Dessa forma, “como testemunho visual de elementos [...] simbólicos construídos historicamente. Esta paisagem é mais ou menos durável, é um ponto determinado no tempo, representa diferentes momentos de desenvolvimento, resultado de uma acumulação no tempo” (BANDEIRA, 2011. p.24).

O último texto a ser apresentado, corresponde a um relato que em muito se diferenciou dos demais, por expor aspectos da paisagem do bairro ligados às vivências ou experiências de quem esteve em contato com elementos da natureza, cresceu em um espaço propício a isso, ao mesmo tempo em que este contato se fez por práticas e costumes transmitidos por familiares, ao que se percebe, construindo e solidificando um exemplo da concepção de “local de geração” de que trata Assmann (2011).

Tabela 6 - Análise de produção textual (discente Maria)

Aluno: Maria		
Categoria	Unidade de registro	Unidade de Contexto
Memória do uso dos rios (extrativismo animal)	Íamos para os igarapés	<i>“Nós íamos para os igarapés, para pescar caranguejo com nossos tios”.</i>
Memória de extrativismo vegetal	Apanhávamos frutas	<i>“Nós apanhávamos frutos para comer, jaca, bacuri, fruta-pão, etc. [...]”</i>
Memória dos usos dos rios (atividades domésticas)	Ir ao riozinho	<i>“Gostava de ir ao riozinho onde as mulheres de lá, inclusive minha avó, lavavam roupas, depois eu e meus primos ficávamos esperando nosso tio passar na caçamba para nos pegar [...]”.</i>

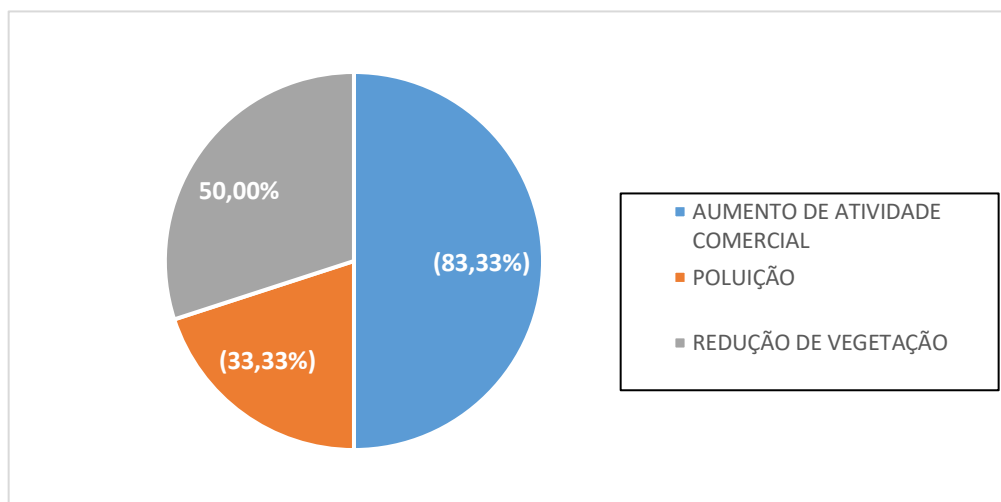
Memória de família	Reunião na casa da bisavó	<i>“Quando anoitecia tinha reunião na casa da minha bisavó para escutar as histórias da época dela, dava medo às vezes. [...]”</i>
Memória do uso dos rios (extrativismo animal)	Rio	<i>“Gostava muito de catar caramujo no rio e</i>
Memória da paisagem natural	Árvores	<i>quando aquelas árvores lindas florescia era coisa mais linda”.</i>

Para a discente, que mora em uma região fronteira entre o bairro de Carananduba e outro bairro da ilha, ainda marcada por uma certa quantidade de área verde, a percepção acerca do lugar, em suas memórias, apresentou um teor mais lúdico e idílico, uma vez que em sua produção textual foram percebidos elementos ligados à sua infância, a conversas com seus parentes mais idosos e, até mesmo, as atividades de trabalho dos adultos também receberam esse teor.

Percebeu-se que as lembranças da aluna são afetivas, a paisagem descrita é fruto de uma memória visual e ao mesmo tempo sentimental, ligada ao costume familiar de lavar roupa nas águas de um rio próximo à sua casa ou de ir até a casa de sua bisavó para ouvir as histórias desta última. Um modo de recordar o bairro que se assemelha aos testemunhos coletados junto a moradores mais velhos, apresentados na primeira seção deste trabalho, bem distante, do modo como outros discentes se ocuparam em perceber o bairro, por habitarem áreas, de certa forma, mais urbanizadas, mais populosas e, por conseguinte, com mais problemas relacionados a uma urbanização não planejada e/ou não organizada.

Assim, modos distintos de perceber e rememorar a paisagem do bairro foram construídos pelos discentes, a partir de memórias de experiências e vivências também distintas. A percepção a partir dos sentidos, no que se refere à construção de um modo de ver o bairro por cada discente enfatiza elementos ora semelhantes, ora diferentes, mas de forma geral, o olhar discente revela a paisagem do bairro como um grande mosaico em construção e em transformação e, esta última nem sempre gera resultados positivos, como foi possível perceber nos textos produzidos e na recorrência de temas que foram comuns a eles. O Gráfico 7 corresponde ao percentual dos temas recorrentes presentes nos textos apresentados.

Gráfico 7 - Percentual de temas recorrentes nas produções textuais discentes



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022).

Destarte, entre o texto que foi apresentado, que serviu para impulsionar a atividade realizada, e os textos que pelos discentes foram criados, notou-se experiências e vivências distintas, uma vez que tratavam de temporalidades e olhares diferentes sobre o mesmo objeto. Nesse sentido, o olhar discente sobre o bairro revelou não somente memórias afetivas, mas sobretudo problemas que os moradores enfrentam. Pode-se assim dizer que não se trata apenas de enxergar externamente tais problemas, por parte dos discentes, mas que estes sofrem e se sentem afetados pelas transformações geradas no bairro.

Os textos produzidos pelos alunos e alunas foram socializados entre si, a fim de pudessem perceber os modos como cada uma memorava ou visualizava o lugar por eles habitado, assim notassem que todos estabelecem relações distintas com o bairro, ao mesmo tempo em que também pudessem perceber a existência de similaridades nas maneiras de viver o bairro e no bairro.

A proposição desta atividade considerou o que Barros (2007) afirma ao pensar a relação do sujeito com a cidade, esta, por sua vez, pode ser lida como um texto, a apreensão da paisagem cidadina é captada por aquilo que o autor chamou de “olhar contemplativo” e por esse sentido seria apreendida. Ainda, segundo o autor, essa leitura registra atos, atitudes, posturas de uma sociedade diante de fatos mais elementares que marcam seu existir.

Dessa forma, a materialização da leitura que os discentes faziam de seu bairro foi vista em suas produções textuais, socializar esta leitura com os demais participantes da atividade, serviu para instigá-los a compreender que não há um modo único de “ler” o lugar que habitam

e que suas leituras, bem como o modo como pessoas mais velhas podem ler o bairro, sempre dependerá de inúmeros fatores de ordem temporal, social, afetiva etc.

2.5. Trabalhando com fontes: o bairro em notas de Jornais

A opção por apresentar aos alunos e alunas informações sobre o passado do bairro, a partir de jornais locais³⁵, se fez com o fito de oferecer aos discentes o contato com um tipo específico de fonte histórica, a fim de que estes pudessem ser orientados a realizar a análise de tal fonte, considerando que as informações nela contida não correspondiam à verdades cristalizadas e inquestionáveis, bem como, intencionava-se fomentar nos discentes a percepção de que muitos problemas ou situações pelos quais a população local passava, expressos nas notas de jornais selecionadas, de certa forma, ainda são possíveis de serem notados no bairro atualmente.

Assim, a História, concebida como processo, busca aprimorar o exercício da problematização da vida social como ponto de partida para a investigação produtiva e criativa, buscando identificar as relações sociais de grupos locais, regionais, nacionais e de outros povos, perceber as diferenças e semelhanças, os conflitos/contradições e as solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades; comparar problemáticas atuais e de outros momentos; posicionar-se de forma crítica no seu presente e buscar as relações possíveis com o passado (BEZERRA, 2003, p. 44).

Compreendeu-se também que a opção pelo emprego da fonte em questão, se fez por serem os jornais uma das poucas opções para coleta de informações acerca do passado do bairro, pois como já foi dito na seção 01 desta dissertação, a produção historiográfica relacionada à ilha de Mosqueiro e ao bairro Carananduba, em especial, é bastante limitada. Entretanto, além disso, reconheceu-se que os jornais se configuram como uma excelente ferramenta pedagógica “devido estes serem meios de comunicação muito tradicionais até os dias atuais. Por estar presente em todas os estratos sociais, apresentando-se como notável fonte de pesquisa” (MEDEIROS, 2002, p. 11).

A utilização de jornais se fez também pela intencionalidade de que as informações contidas nas notas encontradas pudessem permitir aos discentes a possibilidade de visualizar

³⁵ De um modo geral, na pesquisa empreendida no site da hemeroteca digital, pelo professor- pesquisador as informações contidas nos jornais disponíveis eram poucas e limitadas a notas em seções das fontes em questão. Entretanto, quando eram encontradas outras notícias sobre a ilha de Mosqueiro, ocupavam destaque as matérias sobre os bairros mais urbanizados e mais visitados por turistas e veranistas.

traços da paisagem de outrora do bairro, propiciando aos alunos e alunas uma alternativa para se chegar ao passado do local em que habitam.

Assim, muni-los de certo conhecimento a respeito do bairro, para que fossem, ainda mais, despertados a curiosidade e o interesse sobre o assunto em questão, além disso, quando chegasse o momento de realizar entrevistas com moradores do local, os discentes pudessem ter em mãos informações que colaborassem na realização das entrevistas, ou seja, um conhecimento prévio a respeito do que buscariam saber junto a possíveis depoentes.

Contudo, faz-se importante ressaltar que esta foi também uma das atividades prejudicadas, no que concerne à sua realização e à participação dos discentes, pelos motivos que já foram citados anteriormente, relacionados às intempéries que o contexto pandêmico causou no ambiente escolar.

A atividade com os jornais, se fez em dois momentos. Inicialmente, o professor-pesquisador apresentou aos discentes, com utilização de projetor, em sala de aula, notas de jornais. Assim, juntos realizaram a leitura, em seguida alunos e alunas foram incentivados a destacarem de forma oral elementos que haviam chamado sua atenção e/ou curiosidade nas fontes apresentadas. Ao mesmo tempo em que o docente orientava os estudantes a observarem detalhes, tais como, data de publicação das fontes, temas e/ou problemas centrais apresentados, além disso, o modo pelo qual o bairro era retratado e o espaço que era destinado ao bairro das fontes trabalhadas. Uma vez que:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas, por sua vez, também são atravessadas por hierarquias: trata-se, por exemplo, da seção “política nacional” ou da “policial”? (LUCA, 2005, p. 140).

A intencionalidade de orientar o olhar discente para a percepção dos “detalhes” presentes nas fontes se fez com o intuito de que os estudantes pudessem perceber a temporalidade dos fatos, o modo como eram narrados, a relação ou semelhança entre fontes, bem como, pudessem também notar, com a leitura e análise dos jornais apresentados, como e que tipo de paisagem sobre o bairro poderia ser construída a partir dos elementos expressos nas fontes.

Assim, desejava-se instigar nos discentes uma postura investigativa, próxima daquela assumida por um historiador no contato com uma fonte histórica a ser por este estudada, ou

seja, não se esperava que estudantes fizessem uso de estratégias metodológicas de investigação com o mesmo rigor de um historiador, o que se pretendia, com a atividade, era, essencialmente, oportunizar uma possibilidade de aprendizado mais contextual, participativo e colaborativo, onde aprender sobre a história do bairro fizesse sentido aos alunos e alunas envolvidos.

O segundo momento da atividade consistiu em entregar aos alunos uma atividade impressa, constituída por algumas notas de jornais selecionadas e algumas questões a serem realizadas a partir da leitura de tais fontes. Assim, os discentes deveriam, em suas casas, realizar a atividade que seria coletada pelo professor em momento posterior.

Contudo, quando da época do retorno desta atividade, o professor-pesquisador testou positivo para covid-19, viu-se obrigado a manter-se afastado de suas atividades laborais, ao retornar à escola, esta teve suas atividades suspensas, devido ao expressivo número de alunos e profissionais que testaram positivo para covid-19 ou manifestavam sintomas gripais. Assim, quando a rotina escolar foi retomada, poucos discentes devolveram a atividade que lhes havia sido entregue.

A primeira questão que compunha a atividade, que foi realizada pelos discentes, valia-se do uso das notas de jornais, que tratavam de uma solicitação de compra de um gerador de energia para o bairro Carananduba.

Nesse sentido, a intencionalidade da questão era de que os discentes, a partir da leitura das fontes, pudessem levantar hipóteses de possíveis problemas e/ou dificuldades que a população local poderia ter enfrentado quando esta não dispunha de energia elétrica nas residências do bairro. Além disso, indagar os discentes se os problemas enfrentados pelos habitantes do bairro, no que concerne ao não fornecimento de energia elétrica teriam sido sanados, quando essa se tornou disponível no local.

Para tanto, os discentes deveriam, minimamente, localizar o ano de publicação das fontes, perceber o quanto temporalmente encontravam-se distante do fato ocorrido, nas notas de jornais trabalhadas e, ao mesmo tempo, realizar um exercício, de certa forma, de alteridade, tentando-se imaginar vivendo aquela situação, naquele bairro em tempos anteriores ao que hoje vivem.

A questão assim foi apresentada aos discentes:

QUESTÃO 01 - OBSERVE AS NOTAS DE JORNAIS LOCAIS E RESPONDA

FONTE 1: *O Sr. Felinto, Lobato da bancada do P.S.D., apresentou cinco requerimentos, todos visando a melhoria para as condições das populações dos nossos subúrbios distantes. O primeiro solicita ao s.r. prefeito de Belém, a compra de um gerador de energia elétrica para a vila de Carananduba, no distrito de Mosqueiro. (Belém, O Liberal, 30/03/1951, p. 4, Política)*

FONTE 2: *Requerimento pedindo ao Sr. Dr. Prefeito à compra de gerador elétrico para povoação de Carananduba, na Vila do Mosqueiro. Aprovado”. (Belém, “O liberal”, 24/09/1951, p. 4, Política)*

A – Quais os anos das publicações?

B – Analisando as fontes é possível afirmar que o gerador de energia foi ou não adquirido no mesmo ano em que as publicações foram feitas? Justifique sua resposta:

C - Como você imagina que era a vida da população de Carananduba anterior a compra do gerador de energia elétrica? Que possíveis dificuldades e limitações as pessoas sofriam?

Como se pode ver a questão 01 é composta por três perguntas, as duas primeiras perguntas não constituíram foco da análise feita, por exigirem respostas diretas. A intencionalidade imbuída, nas referidas perguntas, era de fomentar a percepção acerca da temporalidade das fontes (datas de publicação).

Logo o olhar discente atento seria capaz de perceber que ambas as fontes datavam do mesmo ano de publicação, porém havia entre a primeira nota (onde se fez um requerimento para aquisição de um gerador de energia para o bairro) e a segunda nota, na qual o requerimento é aprovado, um espaço de seis meses de tempo, e, além disso, esta nota de jornal não deixa claro se apenas o requerimento foi aprovado ou se a aquisição do equipamento solicitado seria feita naquela data.

De modo geral, todos os respondentes conseguiram perceber os detalhes das fontes e concluir aquilo que as fontes deixavam implícito, ou seja, que possivelmente o gerador de energia ainda não teria sido obtido.

A funcionalidade desta etapa da tarefa assim se fez por permitir aos discentes a observação atenta das fontes, quase que num exercício de “dissecação” destas, para que hipóteses ou questionamentos pudessem ser feitos a elas e nelas fosse possível encontrar as

supostas respostas. Esperava-se com isso que os discentes pudessem assumir uma postura mais atenta e investigativa no trabalho com fontes históricas.

Dessa forma tal postura que se desejava fomentar assim era pensada considerando a competência 03 específica de história para o Ensino Fundamental da BNCC que visa a elaboração de questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, por exemplo.

Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito (BRASIL, 2018, p. 402).

A pergunta C, da questão 01, também se relacionava com esta competência e possibilitava aos discentes uma maior expressão de suas interpretações acerca das fontes, por isso, optou-se por apresentar e analisar com mais profundidade as respostas obtidas, que foram assim classificadas a partir do estabelecimento de três categorias “dificuldade de acesso ao fornecimento de energia”, “ausência do fornecimento de energia gerando apenas problemas noturnos” e “ausência do fornecimento de energia reverberando na vida dos moradores”, na composição do corpus para esta análise, uma resposta foi excluída, uma vez que seu respondente, não compreendeu o comando das perguntas e fugiu ao tema.

Categoria 1 - Ausência do fornecimento de energia gerando apenas problemas noturnos:

“Os moradores de Carananduba não poderiam sair à noite, porque era tudo escuro. Falta de energia” (DANIEL, 14 anos).

“Antes da compra do gerador para Carananduba a população sofria com a escuridão noturna, ou usava tochas” (LUIZ, 14 anos).

Categoria 2 - Dificuldade de acesso ao fornecimento de energia:

“Imagino que as pessoas deviam ter ficado felizes, porque a energia elétrica podia chegar em suas residências, não tinham iluminação pública. Mas havia aquelas pessoas que não tinham acesso à energia”

por conta da distância de suas residências, nem todo mundo tinha condições de colocar energia elétrica em suas casas” (JOÃO, 14 anos).

Categoria 3 - A ausência do fornecimento de energia reverberando na vida dos moradores:

“Com certeza era uma vida muito difícil, pois não tinham como congelar seus alimentos e nem como se comunicar” (CARLOS, 14 anos).

“Era muito ruim nos tempos de 1951, eu imagino que as pessoas deviam passar muita necessidade, porque em Carananduba era tudo escuro, quase sem luz” (PALOMA, 14 anos).

Conforme é possível observar dois alunos ao e realizar suas deduções, a partir das fontes, compreenderam que os problemas relacionados à carência em relação ao fornecimento de energia que o bairro viveu restringiam-se a dificuldades enfrentadas no período da noite. O trabalho de elaboração de hipóteses que estes tiveram “apegou-se” às informações contidas nas fontes e demonstra uma percepção, de certa forma, ainda limitada no que se refere às possibilidades de suposições, hipóteses e questionamentos que poderiam ser feitos às fontes.

O aluno João, por sua vez, elaborou a hipótese da possibilidade de uso ou não uso da energia, considerando a existência de condições que poderiam favorecer ou desfavorecer tal uso. Assim, supõe-se que as residências instaladas em áreas mais distantes do bairro poderiam não contar com o fornecimento de energia elétrica. O trabalho de construção de hipótese do aluno denota um esforço para enxergar o bairro em um tempo que não é o seu.

Enquanto os alunos Carlos e Paloma levantaram hipóteses de que os habitantes do bairro, quando da época de publicação das fontes, enfrentavam inúmeras necessidades. Entretanto, o primeiro conseguiu ir além, supondo que dentre as dificuldades enfrentadas estariam a não possibilidade de conservar alimentos e a impossibilidade de comunicação por parte dos moradores do bairro, mesmo que estas suposições não encontrassem indícios nas fontes, mas para o discente as fontes serviram de base para o desenvolvimento de suas hipóteses.

É interessante perceber como os discentes, em contato com as notas de jornais, não se basearam ou recorreram unicamente a elas para responderem às questões. De certa forma, compreenderam que as informações apresentadas não apresentavam um panorama completo

acerca dos problemas do bairro, por exemplo, nesse caso, a limitação no que concerne ao fornecimento de energia aos moradores do lugar.

Assim, mostraram-se capazes de fazer suposições e levantar hipóteses sobre o passado do bairro, num exercício de reflexão e imaginação, caro à construção de uma postura investigativa, semelhante à postura de um historiador frente a uma fonte e que faz a ela as perguntas que são necessárias para encontrar suas possíveis respostas.

O que coaduna com o que Cerri (2011) quando este afirma que o objetivo maior da história enquanto disciplina é “formar a capacidade de pensar historicamente e, portanto, de usar as ferramentas de que a história dispõe na Vida Prática, no cotidiano, desde as pequenas até as grandes ações individuais e coletivas” (p. 81-82).

A segunda questão da atividade, foi apresentada aos discentes da seguinte forma:

FONTE 01: *O Deputado José Guilherme reivindicou, ontem, a colocação de maior número de coletivos em circulação para Ilha do Mosqueiro, de forma a atender o grande fluxo de pessoas que deverão dirigir-se à vila balneária no mês de julho o parlamentar do PMDB argumentou que se aproxima o mês das férias e nesse período milhares de belenense deixam a cidade e se deslocam para o interior, sendo um dos pontos preferidos para o veraneio a Ilha do Mosqueiro. [...]*

Segundo José Guilherme, aquele distrito, infelizmente, não possui uma infraestrutura em matéria de transporte coletivo capaz de atender o grande contingente humano que o procura durante as férias escolares. Estimou o deputado que cerca de 80 mil pessoas dirigem-se para Mosqueiro no mês de julho.

Observou, por outro lado que existem praias famosas no mosqueiro, como Marahú, Paraíso, Carananduba, Grande e outras, completamente desconhecidas da maioria dos que visitam a ilha, porque não existe uma linha regular de ônibus na localidade. Os poucos coletivos que circulam na Ilha São insuficientes até para o transporte dos próprios moradores (BELÉM, Diário do Pará. 06/06/1985. “Local”, p. 5.).

FONTE 02: *O vereador Alonso Guimarães [...] apresentou à Câmara Municipal, ontem, o pedido de implantação do ensino de segundo grau, no bairro de Carananduba [...].*

Seu pedido, como justificou Alonso, nasceu da constatação da dificuldade de deslocamento enfrentada pelos moradores de Carananduba que, no dizer do vereador: “se sacrificam percorrendo distâncias longas para chegar a outros bairros”, onde se localizam as escolas públicas.

Relatou que, os moradores de Carananduba, pessoas humildes em sua maioria, além de percorrerem diariamente uma grande distância para chegar à escola de 2º grau localizada do outro lado da ilha, gastam mensalmente boa soma de salários, com transporte para o local de estudos (BELÉM, Diário do 27/03/1981, Política).

A – Qual o tema principal de cada fonte?

B – Mesmo tratando temas diferentes existe uma situação em comum nas duas fontes. Comente:

C – Considerando a leitura de todas as fontes apresentadas até aqui, quais problemas a população da ilha de Mosqueiro e, especificamente de Carananduba, sofria? E quais problemas a população sofre hoje?

As perguntas “a” e “b”, não serão aqui analisadas, o objetivo destas era, basicamente, a identificação dos temas centrais de cada fonte, para tanto os alunos deveriam ler com atenção as notas de jornais, em seguida, os discentes deveriam indicar a situação problema que se repetia nas duas fontes, ou seja, as dificuldades que eram geradas em virtude do insuficiente serviço de transporte oferecido na ilha.

Os alunos e alunas se mostraram capazes de responder de forma correta as duas primeiras perguntas. Contudo a pergunta “C” foi respondida de formas distintas e após analisadas, elas foram assim classificadas:

Categoria 1 - Reconhecimento de problemas enfrentados no passado do bairro expresso nas fontes:

“Sofriam com o transporte, comunicação e serviços de saúde e energia (geradores). A ilha de Mosqueiro tinha problemas de comunicação, por exemplo, como chamar a emergência rapidamente de um lugar longe” (LUIZ, 14 anos).

“Transporte público e falta de segundo grau nas escolas” (CLÁUDIO, 14 anos).

“A população sofria antes com o transporte” (PALOMA, 14 anos).

Categoria 2 - Reconhecimento de problemas enfrentados no bairro, porém sem definição temporal:

“Falta de saneamento básico, falta de energia, falta de escolas, transportes coletivos e falta de médicos nos hospitais” (DANIEL, 14 anos).

Categoria 3 – Reconhecimento de problemas enfrentados no bairro em tempos passado e presente:

“Em todas as fontes, é claro dizer que a população sofreu e sofre até hoje, com falta de luz, de transporte, de saneamento, mas acima de tudo, o Carananduba, sofre também com o abandono, pois se tornou um bairro tão esquecido, mas que tem muita história” (CARLOS, 14 anos).

Como se pode notar, dois alunos e uma aluna, em suas respostas expressaram a identificação apenas de situações e/ou problemas que o bairro enfrentava no passado, assim, é possível afirmar que o olhar destes se limitou apenas a ler a fonte e destacar os elementos que eram solicitados no comando da questão.

Dessa forma, pode-se supor que estes discentes não demonstraram habilidades de análise mais aprofundadas, ou, talvez ainda não possuíssem subsídios suficientes para realizar a leitura dos problemas presentes no local onde moram nos dias de hoje. Assim, as fontes deveriam servir como uma espécie de recurso motivador à comparação dos problemas de outrora com aqueles que atualmente os próprios alunos enfrentam.

Um discente, ao responder, elencou dificuldades enfrentadas no bairro, mas não deu indícios a que temporalidade tais dificuldades se referiam, contudo, os elementos elencados por ele eram presentes em grande parte nas notas de jornais trabalhadas, naquelas que foram apresentadas antes da atividade, como as que a compunham, de igual maneira, também fazem parte da problemática atualmente enfrentada no bairro de Carananduba.

O discente João foi quem conseguiu atingir a exigência de resposta esperada em relação à pergunta que lhe foi feita. Logo, pode-se dizer que o aluno se mostrou capaz de perceber, a partir da observação das fontes trabalhadas, problemas que perduram ou que, de certa forma, se renovam no cotidiano local.

Em outras palavras, “permanências”, situações pelas quais os moradores do bairro são submetidos. Pode-se afirmar que o aluno compreendeu que o bairro em questão sofre com o “abandono”, subentende-se do poder público, bem como destacou a situação de “esquecimento” de Carananduba, no que se refere à sua história, que por sua vez é pouco reconhecida e divulgada.

Nesse sentido, o trabalho com jornais, cumpriu aquilo que Santos (2002), apregoa como maior objetivo do trabalho com este tipo de recurso em sala de aula, isto é, “[...] despertar o senso crítico dos alunos, através de uma leitura mais qualificada” (p.103), uma vez que o discente conseguiu realizar esta leitura e não se limitou apenas à percepção de fatos e/ou problemas pretéritos do bairro, como também, conseguiu enxergar, em seu cotidiano, a atualidade desses problemas que, ainda, persistem e afetam a vida dos moradores do lugar.

2.6. Trabalhando com fontes orais: a realização de entrevistas

Esta foi uma das atividades mais adiadas, em virtude do contexto pandêmico em que se desenvolveu a maior parte da pesquisa e, pode-se dizer, a mais prejudicada, pois a realização de tal atividade só foi possível a partir de julho de 2022. Nesse período, outra dificuldade se apresentava: dispor de alunos para participarem desta fase do trabalho, considerando o período de férias escolares quando muitos viajam para outros municípios, procuram alguma atividade remunerada para realizar na ilha ou passam a ajudar seus pais em atividades diversas, num período em que Mosqueiro se torna mais frequentado por veranistas e turistas, o que por sua vez aquece a economia local.

Assim, pôde-se contar com a participação de quatro estudantes para a realização das entrevistas e, infelizmente, nem sempre era possível tê-los nas datas agendadas, o que levou o professor-pesquisador a realizar as entrevistas sozinho, em alguns momentos.

Inicialmente, esta etapa era considerada como uma das principais atividades de pesquisa, contudo, logo ficou claro, em virtude das intempéries advindas do contexto pandêmico, que não se poderia atribuir a ela tamanho peso, porém, isto não diminuiu a importância de se optar pela realização de entrevistas, valendo-se da metodologia da História Oral.

Em relação à metodologia citada são importantes as reflexões Magalhães e Santhiago (2015) em sua obra intitulada “História Oral em sala de aula”, pois compreendem a metodologia em questão como “recurso de pesquisa fascinante” que permite através da fala, da escuta e do registro de histórias narradas o contato com a memória do passado e a cultura dos dias atuais.

Nas palavras dos autores, a História Oral: “é um recurso que desperta as perspectivas que falam em favor de um reforço da consciência histórica, científica, cultural, das pessoas e de suas comunidades” (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p. 12).

Realizar entrevistas estimula os participantes (entrevistadores) à escuta, num exercício de empatia e alteridade. Assim, nas entrevistas que aconteceram, alunos e alunas foram “convidados” a se tornarem ouvintes atentos, entrevistando pessoas mais velhas, em algumas vezes parentes seus, o que levava os discentes a perceberem os entrevistados como possuidores de memórias, conhecimento e histórias.

O contato com pessoas mais velhas também se revela como um excelente instrumento no aprendizado da disciplina História, em especial, porque permite ao sujeito a compreensão de que a História não se limita unicamente a transmissão do conhecimento histórico escolar, ou seja, o exercício de ir ao encontro do mais velhos, possibilita aos alunos e alunas realizarem práticas de pesquisa próximas às de um historiador por exemplo, e com isso os discentes são motivados a assumirem uma postura investigativa, ao mesmo tempo, mais empática.

No ensino de história, por exemplo, alguns recursos oferecidos pela História Oral podem ser úteis: uma entrevista pode tornar o aprendizado mais fácil, porque trata de experiências concretas, [...] o aluno passa a desenvolver várias habilidades: o planejamento do trabalho, a prática de pesquisa e capacidade de falar com pessoas desconhecidas (ALBERTI, 2004, p. 28).

Nesse sentido, Bosi (1997) defende que crianças, por exemplo, não somente recebem do passado dados da história escrita, mas que também mergulham suas raízes na história vivida e sobrevivida, advindas de pessoas de idade que fizeram ou fazem parte do processo de socialização dos mais novos. Isso foi evidenciado durante os momentos em que os discentes tiveram a oportunidade de vivenciar o ato de entrevistar aqueles que foram convidados a participar como depoentes no trabalho em questão.

Entretanto, antes que a atividade chegasse a seu ápice, nesse caso, o ato em si da entrevista, fez-se necessário preparar os discentes para tanto. Assim, o professor-pesquisador reservou tempo para orientar os alunos sobre a metodologia a ser utilizada, explicando a estes como a atividade se desenvolveria e quais posturas deveriam ser assumidas no ato da entrevista que poderiam facilitar o trabalho a ser feito, uma vez que “[...] quanto mais bem preparados estiverem estes últimos [os pesquisadores], melhor será o resultado do trabalho (ALBERTI, 2004, p. 160).

Durante a preparação para a realização das entrevistas, deu-se a construção do roteiro geral que seria utilizado na atividade. Assim, tal construção foi feita de forma coletiva contando com a participação dos discentes e do professor-pesquisador.

Nesse sentido, optou-se por dividir o roteiro em três partes:

- A primeira referente aos dados de identificação;
- A segunda que teria por objetivo verificar se os entrevistados conheciam ou tinham alguma informação sobre a origem do nome do bairro e, além disso, permitir aos entrevistados que descrevessem, a seu modo, como era o bairro outrora, considerando aspectos físicos, geográficos etc.
- A terceira parte do roteiro trataria questões relacionadas ao “viver no bairro” (considerando aspectos relacionados às atividades de trabalho desenvolvidas por moradores, alimentação, educação, saúde, transporte, lazer etc.).

Em sua maioria, o questionário foi composto por perguntas abertas, o que permitiria ao entrevistado falar livremente sobre determinado assunto.

Caberia aos entrevistadores o cuidado de motivar os entrevistados e estar atento às falas para aprofundar questões que lhes chamassem atenção ou que julgassem necessitar de maior esclarecimento. Para melhor visualização do roteiro de entrevistas elaborado, o documento é exposto a seguir no Quadro 1.

Quadro 1 - Roteiro de entrevistas

<p>1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO</p> <p>Nome: Data de Nascimento: Idade: Onde nasceu: Há quanto tempo reside no bairro: Profissão: Há quanto tempo mora no bairro?</p> <p style="text-align: center;">2 – SOBRE ORIGEM E PAISAGEM DO BAIRRO</p> <p>Você sabe por que o bairro se chama “Carananduba”? Você pode descrever como era o bairro antigamente? (Casas, ruas, pessoas, natureza etc.)</p> <p style="text-align: center;">3 – A VIDA EM CARANANDUBA</p> <p>Quais as atividades de emprego/trabalho que as pessoas desenvolviam no bairro? Como as pessoas se alimentavam no bairro? Havia escolas no bairro? Como eram? Havia posto de saúde? Como as pessoas tratavam de questões relacionadas a doenças? Havia espaços de lazer no bairro? Como eram as festas? Onde ocorriam? Como as pessoas se deslocavam de Carananduba para outros bairros?</p>
--

Feito o roteiro, coube ao professor produzir uma carta de cessão (termo a ser assinado pelos entrevistados permitindo o uso de suas imagens)³⁶ e explicar aos alunos a importância de tal documento. Afinal:

Como acontece em qualquer tipo de trabalho e de relação social, existe uma dimensão ética subjacente aos projetos de História Oral. Ao conduzi-los, os pesquisadores devem ter em mente os direitos de quem fala (o entrevistado) e as responsabilidades de quem escuta (o entrevistador) – uma preocupação presente em todo e qualquer tipo de pesquisa, mas que se radicaliza em nosso caso, uma vez que lidamos diretamente com pessoas e seus sentimentos (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p. 49).

Além disso, definiu-se o formato de registro das entrevistas, optou-se por realizar gravações de vídeo, utilizando recursos do professor-pesquisador (smartphone, tripé e microfone de lapela).

A seguir, definiu-se o público-alvo a ser entrevistado, o professor-pesquisador solicitou aos discentes que, se possível, indicassem pessoas mais velhas de suas famílias. Uma vez que “para motivarmos os estudantes para a utilização da História Oral, podemos começar sugerindo que eles entrevistem pessoas conhecidas” (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p. 49).

Destarte, uma aluna sugeriu sua bisavó, outro aluno sugeriu seu avô, o terceiro aluno por ser recente na comunidade preferiu não sugerir e um aluno não participou da reunião realizada para definição da atividade, os demais entrevistados foram indicados pelo professor-pesquisador, que optou por localizar alguns dos senhores e senhoras que foram por ele entrevistados quando da época da realização de seu trabalho de conclusão de curso. Assim, foram agendadas nove entrevistas, das quais apenas oito foram passíveis de realização.

Importante ressaltar que devido a alterações no que se refere à dimensão propositiva da pesquisa que, inicialmente, destinava-se a produção de um vídeo documental, o tratamento das fontes coletadas limitou-se a gravação e edição destas para a composição de um site, logo, coube ao professor-pesquisador realizar o tratamento do material produzido durante as entrevistas. A Figura 21 trata-se do registro fotográfico feito durante a realização de uma das entrevistas, o local escolhido para tanto foi o quintal da casa da depoente, objetivando deixá-la à vontade e tranquila durante o tempo decorrido para tanto.

³⁶ Ver apêndices.

Figura 14 - Aluna Maria Entrevistando sua bisavó



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022). Arquivo pessoal de fotos.

Após a realização das entrevistas, o professor-pesquisador optou por elaborar um questionário a ser respondido pelos discentes participantes sobre suas impressões e observações acerca de tal etapa da pesquisa.

O questionário foi elaborado com a utilização da ferramenta “google forms” e encaminhado aos quatro discentes participantes da atividade em questão, contudo apenas um não respondeu às questões que lhe foram enviadas, o professor tentou contatar o referido aluno, mas não foi possível, este solicitou transferência para outra escola, mudou-se do bairro e assim a comunicação com o aluno foi inviabilizada.

A seguir serão apresentadas as questões e respostas dos alunos participantes:

QUESTÃO 01 - *As entrevistas tratavam de questões voltadas ao passado do bairro de Carananduba. Os relatos de pessoas diferentes possibilitam que possamos "enxergar" como o bairro foi no passado, a partir das memórias dessas pessoas. Com base nos relatos obtidos, faça um breve texto descrevendo bairro no passado:*

A intencionalidade desta questão era verificar que visão os discentes, a partir dos relatos dos entrevistados, construiriam sobre o passado do bairro onde moram, atentando para quais aspectos seriam destacados em suas respostas, ao mesmo tempo, percebendo de que forma esta visão sobre o bairro seria construída.

A seguir serão apresentadas e analisadas as respostas dos discentes participantes da atividade³⁷:

Tabela 7 - Análise de produção textual (Discente João)

Aluno: JOÃO		
Categoria	Unidade de registro	Unidade de contexto
Os moradores e o comércio.	O bairro tinha pouco	<i>“O bairro antes tinha pouco moradores, tinha poucos comércios”.</i>
As carências do bairro (serviços públicos)	Não havia energia [...] havia uma escola [...] o transporte era pouco	<i>“Não havia energia como há hoje em dia, tinha um gerador de energia, que fornecia luz nos postes só por algumas horas, o posto de saúde não era 24 horas. No bairro, havia uma escola, o transporte público era pouco e tinha um horário específico para as pessoas pegarem”.</i>
Práticas de subsistência no bairro	Tinham seus próprios plantios.	<i>“As pessoas antes não compravam comida, elas caçavam tinham seus próprios plantios e faziam trocas com os moradores de perto”.</i>

O aluno João, em sua resposta, enfatizou aspectos populacionais, socioeconômicos, entre outros, foi capaz de, a seu modo, descrever como era o bairro valendo-se daquilo que era comum nas falas dos entrevistados, pode-se dizer que, ao fazer isso, revelou um esforço em construir uma visão do passado sobre o local onde mora que se mostrou, de certa forma, global.

O aluno participou de duas entrevistas, teve a oportunidade de ouvir seu avô e outra senhora da comunidade, durante as entrevistas portava-se de modo atento e questionador e, além disso, antes e após a entrevista manifestou interesse em conversar com seu avô sobre aquilo que foi trabalhado em atividades anteriores à esta etapa da pesquisa, assim sua resposta configurou-se como um reflexo de sua curiosidade frequente e de sua escuta atenta.

Nesse sentido, o discente mostrou-se apto a “traçar” uma paisagem do bairro que, se não lhe pertencia, por ele foi construída a partir dos relatos dos mais velhos. Afinal: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, [...] enfim,

³⁷ Para a apresentação das respostas, referentes à primeira pergunta da atividade realizada, optou-se por manter no corpo do texto as tabelas construídas com base na análise de conteúdo temática/categorial, uma vez que cada tabela corresponde a produção textual de um aluno. Os textos foram analisados e categorizados, um a um, de forma distinta.

com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1987, p.17).

Contudo, as palavras do aluno sobre o bairro não se limitam a uma tentativa de descrever o passado do lugar, como também, estabelecem comparação entre o bairro de outrora e sua situação na atualidade, ao destacar que a questão do fornecimento de energia no passado se diferencia do que hoje é vivido.

Semelhante à resposta do aluno, foram as palavras da aluna Maria, essa por sua vez, participou de duas entrevistas, nas quais pôde entrevistar sua bisavó e uma senhora da comunidade, cujo relato em muitos aspectos se assemelhava ao relato feito pela bisavó da aluna.

Tabela 8 - Análise de produção textual (discente Maria)

Aluna: MARIA		
Categoria	Unidade de registro	Unidade de contexto
As casas e o comércio.	As casas eram humildes	<i>“Antes o bairro do Carananduba não tinha supermercado, apenas bancas. As casas eram humildes, algumas eram de barro, outras de madeira”.</i>
As carências do bairro (serviços públicos)	Não tinha ônibus. Não tinha luz	<i>Não tinha ônibus, se eu não me engano só tinha um que era antigo. Não tinha luz em algumas casas, tinha apenas lamparinas ou mesmo velas. A luz demorou um pouco para chegar e tinha horário para ligar e desligar toda a energia.</i>
Práticas de subsistência no bairro	O pouco que tinham compartilhavam	<i>As pessoas eram bem humildes e boas o pouco que tinha elas compartilhavam. Na praia do Carananduba os pescadores pegavam grande quantidade peixe, como era muito, eles davam para os moradores, era lindo! Hoje em dia não é mais assim”</i>

Na resposta da aluna, percebe-se um certo encantamento pelo passado do bairro, muito provavelmente, advindo da relação que esta tem com sua bisavó, uma vez que, costumeiramente, conversam bastante sobre histórias passadas. A discente, após a atividade de entrevista, afirmou que passou a interrogar parentes e vizinhos sobre a vida no bairro, ávida em conhecer mais sobre o passado do lugar onde mora. Dessa forma:

Ouvindo as histórias dos mais velhos, os alunos percebem mais facilmente que eles próprios têm um passado e que terão um futuro, compreendendo que suas ações têm repercussão no tempo. Os jovens passam a valorizar as experiências dos mais idosos, reconhecendo-as como conselhos úteis (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015.p.14)

Distanciando-se um pouco das respostas apresentadas tem-se o aluno Isaque, o único dos quatro discentes participantes, que não era originário do local. Em sua resposta, evidenciaram-se, entre outros elementos e/ou aspectos ligados à natureza no bairro.

Tabela 9 - Análise de produção textual (discente Isaque)

Aluno: ISAQUE		
Categoria	Unidade de registro	Unidade de contexto
A paisagem do bairro	O bairro era rico em natureza	<i>“As casas eram muito distantes uma da outra, pelos relatos, o bairro era rico em natureza era muito lindo, tinha muitos igarapés”.</i>
As carências do bairro (serviços públicos e atividades de emprego e renda)	Não tinha ônibus. Não tinha luz	<i>“Tinha uma escola não me lembro o nome [...]tinha uma fábrica de rede que a avó do professor trabalhava. Mas era muito ruim em questão de saúde porque só havia um médico no posto. Querer ir ao médico tinha que ir para a Vila”.</i>
Práticas de subsistência no bairro	O pouco que tinham compartilhavam	<i>“No bairro, tinha muitos pescadores e toda vez que eles vinham tinha um instrumento que avisava as pessoas, era meio que uma trombeta só que em uma garrafa de vidro que funcionava como aviso”.</i>

O aluno, em sua resposta, manifestou certo “encantamento” pelo passado do bairro ao evidenciar aspectos naturais do lugar, ao mesmo tempo em que foi o único que destacou uma das poucas atividades empregatícias, apresentadas nos relatos dos entrevistados.

De modo geral, os estudantes, em suas respostas, recorreram ao recurso daquilo que faltava no bairro, ou daquilo que não existe mais no referido lugar. Assim, pode-se dizer que o modo que descrevem o bairro está mergulhado na percepção que possuem do bairro hoje, pois destacam elementos que também são presentes em suas vidas. Portanto, partindo do que ouviram dos entrevistados, olham para o passado do bairro com os pés no presente.

A questão número 02 tinha por objetivo saber se os discentes participantes da atividade tinham ou não compreensão que o recurso à memória dos mais velhos pode revelar-se como importante fonte de informação e conhecimento para o estudo da História.

QUESTÃO 02 - *Costumeiramente, estudamos história na escola através de livros didáticos, onde vemos como fontes históricas: documentos antigos, obras de arte (pintura e escultura, por exemplo), mapas, etc. Mas para estudar a história local recorreremos, entre outras coisas, à realização de entrevistas. Antes de participar da realização de entrevistas você achava possível que pessoas mais velhas poderiam oferecer importantes informações ao estudo de História? Sim ou não? Justifique sua resposta.*

As respostas dos alunos foram agrupadas em duas categorias:

Categoria 1 - Pessoas mais velhas não poderiam fornecer informações ao estudo da história:

“Não, porque nunca imaginei que as pessoas mais velhas pudessem ajudar tanto assim foi algo diferente para mim, mas muito eficiente, uma ótima ideia” (ISAQUE).

Categoria 2 - Pessoas mais velhas podem fornecer informações ao estudo da história:

“Sim, por que a pessoa mais velha tem bastante histórias para contar, vamos dizer que elas sabem mais informações que a população atual” (JOÃO).

“Sim, porque como elas estavam em um certo lugar há mais tempo com certeza saberiam de muitas coisas. Como eram a escola, os transportes etc.” (MARIA).

As respostas dos discentes corroboram com a compreensão de que os depoimentos de moradores antigos, revelam-se como importantes fontes de pesquisa, pois expressam visões de um passado dos quais os mais jovens não participaram, e permitem perceber as mudanças e transformações ocorridas no espaço de um modo particular, subjetivo e diversificado.

No ato de ir ao encontro dos mais velhos, os estudantes perceberam que estas pessoas comuns revelavam testemunhos, reviviam suas histórias de vida, que fazem parte da história do lugar que habitam e por este são também habitados. Destarte, reconhece-se o justo valor dos depoimentos, se valoriza o lugar de fala dos mais velhos, bem como, alunos e alunas são motivados ao exercício da empatia, da escuta e do diálogo com aqueles que os antecede no tempo e no espaço.

A terceira e última questão tinha por finalidade estimular os estudantes a confrontarem as informações obtidas durante as entrevistas e o conhecimento que estes detinham sobre a atual situação do bairro, construindo assim uma comparação (de modo crítico) sobre o lugar que habitam.

QUESTÃO 03 - *Considerando as informações obtidas sobre o passado do bairro, a partir das entrevistas, e as transformações que o bairro sofreu (relatadas nos depoimentos) e observadas por você, em seu dia a dia, avalie a atual situação de Carananduba hoje.*

Novamente, o material coletado permitiu a criação e classificação das respostas em duas categorias:

Categoria 1 - Houve melhorias no bairro, porém o lugar tornou-se perigoso:

“Vamos dizer que ele melhorou por um lado, Carananduba está mais perigoso, agora tem mais comércios, a questão dos postos de saúde melhorou e tem mais pessoas morando no bairro” (JOÃO).

“O bairro do Carananduba vem evoluindo devagar, melhorou muito de lá pra cá, mas o transporte para Belém é muito ruim, porque tem poucos ônibus e esses poucos ônibus tem muita demanda aí fica difícil de você pegar os primeiros ônibus” (ISAQUE).

Categoria 2 - Houve melhorias no bairro, mas as coisas ficaram mais caras:

“Hoje, o Carananduba não é mais como antes, hoje as coisas não são baratas, muitos roubos, mas tem o lado bom tem transportes para ir pra escola e muitas e outras coisas”.

Como se pode notar, a partir das entrevistas, os estudantes foram capazes de estabelecer comparações, e, além disso, apoiar suas afirmações no que se refere às transformações ocorridas no bairro, o que corrobora com a ideia de que de Magalhaes e Santhiago (2015), quando afirmam que fontes orais são capazes de oferecer imensa contribuição para a elaboração de reflexões sobre as transformações do espaço em um determinado recorte temporal, por exemplo.

Ao apontarem aspectos positivos e negativos do lugar onde moram, os estudantes, a partir do conhecimento adquirido no contato com os mais velhos, mostraram suas compreensões sobre as transformações urbanas, sociais e econômicas no bairro, por exemplo. Desse modo, mesmo reconhecendo mudanças positivas, alunos como João e Maria, destacam questões próximas, no que diz respeito à segurança pública.

Ao mesmo tempo, que conforme dito anteriormente, com base no que diz Bresciani (2002), cada sujeito estabelece uma visão subjetiva com a cidade (leia-se novamente “bairro”), dessa forma, as motivações que impeliram os alunos a destacarem, por exemplo, aspectos que lhes são positivos ou negativos, devem-se, muito possivelmente, aquilo que vivem, como pode-se supor que seja o caso do aluno Isaque, cujos parentes costumemente se deslocam com frequência para a capital, valendo-se do transporte público, que, como foi notado em sua resposta, atualmente, na ilha de Mosqueiro, a questão “transporte público” revela-se como um dos grandes problemas da população.

Para além das relações que são passíveis de estabelecimento, a partir da utilização do material coletado nas entrevistas, professor-pesquisador e estudantes, participantes da atividade em questão, compreenderam que recorrer aos testemunhos orais configurou-se como uma atitude de reconhecimento da memória dos mais velhos, bem como da necessidade de registrá-las, preservá-las e divulgá-las.

Conforme dito anteriormente, o tratamento do material coletado, devido às limitações de tempo, foi feito exclusivamente pelo professor, que o selecionou, editou e o preparou para compor a dimensão propositiva da pesquisa, que por sua vez será apresentada na próxima seção deste trabalho.

Melhor seria se professor-pesquisador e estudantes pudessem trabalhar juntos nesta etapa pós-entrevistas, o que infelizmente não foi possível, compreendendo que assim, os alunos poderiam melhor entrar em contato com a metodologia utilizada, o que colabora para ampliar habilidades de escuta, atenção, seleção, análise e interpretação.

Foi justamente compreendendo a limitação imposta que o professor-pesquisador optou por encaminhar aos discentes o questionário, já apresentado e analisado, a fim de que estes

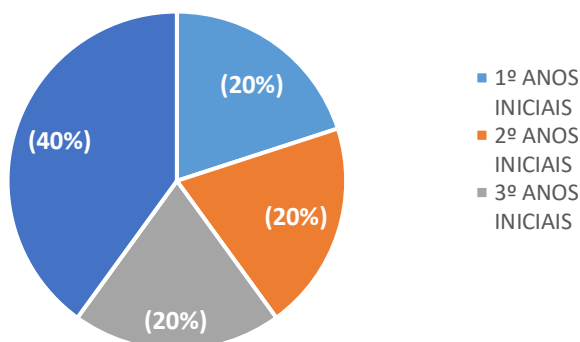
pudessem demonstrar como a experiência foi importante e, além disso, como foram capazes de abstrair dos depoimentos informações, conhecimentos, bem como, construir suas próprias visões e análises sobre o passado e o presente do local onde vivem.

2.7. História local nos anos iniciais: percepção e metodologias dos professores

Considerando as afirmações dos discentes, apresentadas anteriormente, em relação às suas vivências de estudos de questões locais, ou seja, tendo em vista o fato de que a maioria dos alunos e alunas afirmou não lembrar ou não ter vivenciado experiências de aprendizagem de história local, nasceu a necessidade de questionar professores do Ensino Fundamental (anos iniciais), para saber se, em suas aulas, a história local ocupa espaço, isto é, que importância a ela é dada e como os docentes desenvolvem suas metodologias, a fim de que fosse traçado um paralelo entre aquilo que os discentes declararam e o que docentes dos anos iniciais, da etapa de ensino em questão, realizam no exercício de seu magistério no que concerne ao estudo de questões locais.

Importante ressaltar que não se buscou localizar aqueles e/ou aquelas que foram professores e professoras dos discentes respondentes, em contrapartida, tentou-se, através de um questionário on-line, (via “*Google forms*”), alcançar o maior número de docentes possível. Dessa forma, o questionário foi elaborado e enviado para professores e professoras das redes estadual e municipal de ensino. Entretanto, infelizmente, o número de respondentes foi de cinco professoras (pedagogas). O Gráfico 8 apresenta o percentual de docentes que responderam ao questionário citado, bem como, os estágios do Ensino Fundamental anos iniciais, no qual atuam tais profissionais.

Gráfico 8 - Percentual de professoras que responderam o questionário on-line



Fonte: COSTA, Souza Roberto (2022).

Assim, às professoras responderam a seguinte pergunta: “Em seu planejamento, você reservou espaço para o estudo de questões locais, tais como estudo da comunidade, do bairro, cidade, etc.?”. A resposta a esta questão foi unanimemente afirmativa.

Em seguida, a próxima pergunta a ser respondida era: “Se você respondeu ‘sim’, comente qual a importância de trabalhar questões relacionadas ao estudo do "local" com seus alunos e alunas?”.

Diante das respostas das professoras, mais uma vez, recorreu-se a técnica de análise de conteúdo para melhor compreender as palavras das docentes e depois de organizar o material obtido chegou-se a seguinte classificação categorial:

Categoria 1 - Estudar sobre o bairro para identificar lugares de vivência:

“Acho importante trabalhar as questões do bairro, principalmente em Mosqueiro, pois assim identificamos diferentes lugares de vivência (casa, escola, praia, rua, bairro) com as diferenças e semelhanças entre cada um” (JOSI/professora 5º ano).

Categoria 2 - Estudar sobre a história local para perpetuá-la

“Conhecer mais sobre a história local, a vivência em sociedade, assim como valorizar a cultura local, perpetuando-a” (LEONICE/ Professora 1º ano).

Categoria 3 - Estudar história local para que o sujeito se reconheça como parte e agente transformador da realidade.

“Reconhecimento do indivíduo como parte de sua comunidade local, bem como, que suas ações podem e serão de grande impacto para a comunidade da qual faz parte” (CARMEM/ professora 3º ano).

Categoria 4 - Estudar história local permite estabelecer relações entre o cotidiano do aluno e o conhecimento escolar:

“Fazer relação entre o seu dia a dia e o que aprende na escola”
(DENIZE/ professora 5º ano).

“É fundamental partir da realidade do educando, pois sua própria história está entrelaçada com o local que vive” (JULIANA/ professora 2º ano).

Embora tenha obtido um número reduzido de participantes, as respostas à pergunta em questão foram diversas e apresentam diferentes perspectivas sobre a importância de se estudar a história local.

Dessa forma, na resposta da professora Josi, que trabalha com alunos e alunas do quinto ano do Ensino Fundamental, nota-se que a importância de realizar atividades relacionadas sobre história local, assim é reconhecida, pois permite a percepção de “lugares de vivência”, o que se relaciona com aquilo que a BNCC propõe para o segundo ano da referida etapa de ensino, de certa forma, quando tal documental orienta para a ampliação da compreensão do eu para a percepção do outro, nisso são destacadas as vivências em comunidade:

O que se busca, de início, é o conhecimento de si, das referências imediatas do círculo pessoal, da noção de comunidade e da vida em sociedade. Em seguida, por meio da relação diferenciada entre sujeitos e objetos, é possível separar o “Eu” do “Outro”. Esse é o ponto de partida (BRASIL, 2018, p. 404).

Assim, pode-se supor que existe um certo distanciamento, por parte da docente, entre aquilo que se ensina e aquilo que a BNCC orienta enquanto direcionamento do que deve ser ensinado no quinto ano do Ensino Fundamental. Para esta etapa de ensino, o documento em questão orienta que a ênfase a ser dada deve ter por foco a compreensão da diversidade de povos e culturas, seus modos de organização. Além disso, deve-se fomentar a compreensão da noção de cidadania (direitos e deveres), o reconhecimento da diversidade das sociedades humanas e o estímulo ao convívio e ao respeito entre os povos.

Para a professora Leonice, que atua em turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, a importância de se estudar sobre questões do local está na possibilidade de conhecer a história de onde se vive, o que levaria a valorização da cultura do lugar, ao mesmo tempo, que favorece

a perpetuação dessa cultura. Pode-se dizer que há uma visão memorialística, de certa forma, na compreensão da docente.

Entretanto, essa visão memorialística de que o estudo da história de um local pode fomentar em seus habitantes o esforço de preservar e valorizar o local e sua cultura, por exemplo, acaba sendo tomada pela professora, pode-se dizer que, de forma totalizante, sem que sejam consideradas nuances ou outros aspectos dessa percepção. Nesse sentido, são caras as reflexões de Tolentino (2018), que ao tratar de questões ligadas à educação patrimonial, afirmou:

[...] o conhecer é o primeiro passo para proteger as nossas referências culturais, mas a dimensão simbólica do espaço costuma ser mais vivida do que conhecida e essa dimensão raramente é levada em conta. Reflexos que comprovam isso são algumas pichações que encontramos em meio às cidades e centros históricos (TOLENTINO, 2018, p. 45).

Como o estudo de questões relacionadas à história local “gera frutos” em alunos e alunas do primeiro ano do Ensino Fundamental, ou seja, como estas questões ao serem trabalhadas em sala de aula podem fomentar em crianças atitudes e comportamentos de valoração e preservação da cultura local, por exemplo, é algo a ser pesquisado.

Contudo, ao considerar as respostas, anteriormente apresentadas, de alunos e alunas sobre a importância de se estudar a história local, lembra-se que a maioria de tais respostas indicava que pouca importância era dada à história local pelos respondentes e que, além disso, muitos afirmaram não ter vivenciado ou não recordava de experiências de estudos relacionados a questão local.

Logo se a bagagem de experiências sobre estes aspectos é ínfima ou quase nula, talvez os modos como os estudos sobre história local são propostos aos discentes seja um dos entraves à construção de experiências realmente significativas a estes últimos.

Na resposta da professora Carmem, que atua com turma de terceiro ano do Ensino Fundamental, a importância de realizar estudos relacionados à questões locais, assim se faz notada, pela possibilidade de que tais estudos permitem ao sujeito o autorreconhecimento de ser ele parte integrante e atuante de sua comunidade. Assim, estudar sobre o local habitado, pode-se dizer, tem por função ou contribuição o fomento da ação transformadora do indivíduo sobre a realidade.

Esta percepção de uma ação transformadora, relaciona-se com habilidades a serem desenvolvidas no quarto ano da referida etapa de ensino, previstas pela BNCC, em especial a partir da unidade temática “transformações e permanências nas trajetórias de grupos humanos”,

onde se tem como habilidade específica: “(EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo” (BRASIL, 2018, p. 412).

Para as professoras Denize e Juliana a importância de se realizar estudos sobre questões locais se aproxima em intencionalidade, assim se compreende que há a necessidade de conhecer o lugar em que o discente vive, as suas vivências diárias (cotidianas) para que se estabeleçam relações com aquilo que se “aprende” na escola, ou seja, o conhecimento escolar já sistematizado.

Assim, pode-se dizer que a postura das professoras coaduna com a percepção de que a história local não pode se fechar em si mesma, que ela deve ser uma ponte para compreensão de questões mais amplas, permitindo a contextualização e o estabelecimento de relações entre o conhecimento sistematizado e os contextos de vivências de alunos e alunas.

Finalizando o questionário solicitava-se aos respondentes o seguinte: “Descreva sua metodologia destinada ao estudo de questões locais com seus alunos e alunas?”

A intencionalidade desta solicitação era de perceber como professores, cuja formação acadêmica não é a de um licenciado em História, trabalham com o ensino da história local, que estratégias e que fontes, por exemplo, mobilizam para tanto.

Após analisadas as respostas foram assim categorizadas:

Categoria 1 - Metodologia com base no conhecimento prévio dos alunos e a utilização de recursos e fontes diversas, para aprendizado de nomes de ruas e geolocalização:

“Utilizo como metodologia primeiro uma conversa para compreender o que cada um entende como bairro e sempre utilizo os mapas do distrito, além do Google maps, em sala de aula, confecção de textos [...]cartazes e até os comprovantes de residências deles pra ensinar o CEP além do nome de ruas” (PROFESSORA JOSI).

Categoria 2 - Metodologia com base no conhecimento prévio do aluno para debater temas voltados às atividades da comunidade:

Para maioria dos temas, busco primeiramente, por meio de conversa, saber o que eles já conhecem sobre suas realidades, para seguirmos debatendo os temas com um olhar mais voltado as atividades de sua

comunidade. Há também a solicitação de pesquisas em fontes bibliográficas, internet e com familiares e pessoas de toda comunidade (PROFESSORA LEONICE).

Categoria 3 - Metodologia com base em rodas de conversas sobre costumes locais:

“Roda de conversa sobre costumes locais, na família, no bairro, assim como pesquisas a respeito da tradição de um povo (principalmente nas datas comemorativas)” (JULIANA).

Categoria 4 - Metodologia partindo do contexto de vivência para compreender a percepção e as relações dos:

“Abordo desde o primeiro dia de aula na apresentação explorando a oralidade e desenhos. E no decorrer das aulas abordamos os seguintes temas: Com quem moram, se tem algum colega na sala que mora perto, parentesco, qual a forma de locomoção para chegar a escola, desenho da casa deles dos vizinho da direita e da esquerda, que frutas tem por perto, desenho da rua em que moram e também da casa dos avós, os animais, falam sobre a igreja e a hora que a frequentam, o que é mais bonito perto da casa, o que falta para ficar melhor, as brincadeiras etc. É uma forma de conhecer e verificar de que forma eles enxergam a comunidade que estão inseridos” (PROFESSORA CARMEM).

Em suas metodologias, com exceção de uma professora, as respondentes afirmaram a necessidade de reconhecer, como ponto de partida, o conhecimento prévio dos estudantes, para identificar o que estes compreendem acerca de conceitos como “bairro” por exemplo, o que foi percebido na resposta da professora Josi, ou para compreender as percepções de discentes sobre a realidade na qual estão inseridos, como se pôde perceber na resposta da professora Leonice.

Esta necessidade de ter como “primeiro passo” a compreensão de conhecimentos prévios inerentes aos discentes em muito se relaciona com o que Freire (1996) ressalta, quando este autor destaca a que a leitura de mundo do educando deve ser respeitada, o que implica, em tê-la como ponto de partida para:

[...] a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa (FREIRE, 1996, p. 46).

Porém, mesmo que partam do conhecimento prévio de seus alunos e alunas e que, além disso, estejam valendo-se de aspectos e questões “locais”, percebe-se que em suas propostas metodológicas o foco não é especificamente o ensino de história, ou o estudo da história local, mas aspectos do local onde vivem os alunos e alunas, cada professora acaba fazendo sua seleção a respeito daquilo que se pretende ensinar, como notou-se nas palavras da professora Josi que afirmou utilizar fontes diversas para que seus alunos e alunas aprendam nomes das ruas do bairro onde moram.

Na descrição de sua metodologia, a professora Leonice que, como já citado anteriormente, trabalha com alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, destacou a necessidade de compreender aquilo que os estudantes já conhecem sobre a realidade onde estão inseridos, para que a partir desta percepção suas propostas de ensino se desenvolvam com “olhar” mais atento ao que a docente chama de “atividades da comunidade”.

Além disso, a docente afirmou que solicita aos alunos pesquisas em fontes bibliográficas e na internet, mas não descreveu como isso se faz, considerando que seus alunos são crianças que ainda estão em processo de alfabetização. A docente apontou também o contato com pessoas mais velhas (familiares ou não).

Nesse aspecto, a proposta metodológica da professora em questão corrobora com o que Bosi (1987) aponta, uma vez que, para esta autora, a criança mergulha suas raízes na história dos mais velhos. Dessa forma, propor uma atividade sobre história local, em sala de aula, é algo propício ao encontro do conhecimento e da memória daqueles que antecedem os alunos e alunas da professora Leonice. Assim, nas palavras da referida autora: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1987, p. 17).

A professora Juliana, que atua em turmas de segundo ano do Ensino Fundamental, por sua vez, afirmou propor “rodas de conversa” sobre costumes locais na família e no bairro, a proposição metodológica da docente se aproxima com unidades temáticas existentes na BNCC para o primeiro ano da etapa de ensino em questão.

A professora Carmem, que atua com alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental, apresentou um relato mais descritivo de sua metodologia, com vistas a identificar como os alunos compreendem a comunidade onde vivem, nota-se no relato da professora que suas escolhas focam em aspectos familiares, além disso, a docente fomenta a expressão das representações de seus alunos e alunas, acerca do lugar onde vivem, através de desenhos por eles produzidos, instiga os estudantes a observarem a paisagem do bairro e, além disso, fomenta olhares discentes sobre os problemas deste último, ao solicitar que seus alunos e alunas percebam as necessidades do bairro e melhorias que devem ser feitas nele.

Pode-se dizer que, de um modo geral, a partir das respostas das professoras, é notório que existe um esforço e preocupação com a garantia de que estudo de questões locais façam parte dos programas e planejamentos de ensino docentes. Além disso, a compreensão de que o “local” favorece aprendizagens mais significativas também, de certa forma, fica exposto quando se nota que há um olhar para o cotidiano e/ou para o meio em que alunos e alunas vivem, por exemplo.

Contudo, mesmo que existam intenções ou objetivos de ensino delimitados, de certo modo, por parte das docentes, nota-se que lhes falta uma maior compreensão daquilo que a BNCC propõe para cada ano de ensino.

Bem como, é perceptível a carência no que diz respeito à utilização de fontes diversas, é frequente nas respostas das docentes o recurso ao uso da oralidade, bem como, em alguns momentos é citado o contato com pessoas mais velhas (familiares ou não), mas ainda assim, faltam nas propostas metodológicas maior diversificação de fontes como fotografias, objetos antigos, documentos (como carteiras de trabalho, certidão de nascimento, por exemplo), ou seja, arquivos familiares, o que poderia dar as atividades maior concretude ao trabalho com história local.

Dessa forma, o trabalho com objetos e/ou fontes diversas pode fomentar a imaginação da criança para compreender como viviam aqueles e aquelas que habitaram o local em temporalidades anteriores, num exercício de alteridade e de interpretação, ao mesmo tempo, uma vez que: “Ao aprender a interpretar a evidência, as crianças aprendem a fazer uma série de sugestões válidas acerca de como as coisas foram feitas ou utilizados e, assim, concluir o que significavam para as pessoas que fizeram e usaram esses objetos” (COPPER, 2004, p. 59).

A utilização de objetos (leia-se aqui fontes diversas) para a promoção da aprendizagem da história é também percebida em Ramos (2004), uma vez que, para o autor, da mesma forma que aprendermos a ler palavras, necessitamos exercitar a práticas de ler objetos, percebendo

assim a história existente na materialidade das coisas, ultrapassando, nesse sentido, a interpretação da história que se faz através de livros.

Nas posturas metodológicas das docentes, nota-se que existe sim um certo cuidado com o trabalho de questões locais, o olhar docente compreende, de modo diverso, a importância do trabalho em questão o que, por sua vez, gera um esforço de desenvolver metodologias que sejam significativas, mesmo que haja necessidade de se compreender uma melhor diversificação e utilização de fontes para que a aprendizagem gere maior sentido aos discentes e proporcione uma bagagem de conhecimentos sobre questões locais mais duradoura, tendo em vista que, como muito já se disse, os depoimentos de alunos e alunas, anteriormente analisadas, mostram que pouco permaneceu desse tipo de aprendizagem, quando ela ocorreu.

Pode-se supor que falta às professoras que participaram da pesquisa, maior aprofundamento em relação à BNCC, mesmo que o questionário por elas respondido, não apresentasse nenhuma questão diretamente relacionada a isso. Assim, em suas respostas e modos de pensar o ensino de História percebe-se uma certa desconexão com o “caminho” proposto pelo referido documento, no que se refere ao ensino da disciplina que por vezes se expressa nas escolhas sobre aquilo que se ensina nos anos onde tais profissionais atuam.

Como já dito, anteriormente, o referido documental é digno de muitas críticas, algumas delas aqui já foram feitas, contudo não se pode negar que a BNCC propõe um modo de se fazer um ensino de História, partindo do reconhecimento do indivíduo, de sua inserção nos meios de convivência considerando uma ampliação de escalas que parte da família, comunidade, bairro, município etc. Além disso, no desenvolvimento de competências e habilidades específicas da disciplina História, o referido documental reconhece a importância da utilização de fontes diversas e orienta para a necessidade de estimular uma atitude historiadora:

A utilização de objetos materiais pode auxiliar o professor e os alunos a colocar em questão o significado das coisas do mundo, estimulando a produção do conhecimento histórico em âmbito escolar. Por meio dessa prática, docentes e discentes poderão desempenhar o papel de agentes do processo de ensino e aprendizagem, assumindo, ambos, uma “atitude historiadora” diante dos conteúdos propostos, no âmbito de um processo adequado ao Ensino Fundamental (BRASIL, 2018, p. 398).

Esta atitude de que trata a BNCC, como exposto no excerto acima, deve ser assumida não somente pelos discentes, mas pelos docentes também, entretanto há que se considerar o fato de que aqueles e aquelas que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, não são, em sua maioria, advindos de cursos de licenciatura em História, por exemplo, o que, por

consequente, não lhes garante o mesmo cabedal teórico metodológico de um professor ou professora de História.

Não se defende aqui que sejam todos os professores não licenciados na disciplina em questão, incapazes de atuarem com o ensino de História. Afinal, as professoras que responderam ao questionário demonstraram certos conhecimentos relacionados ao ensino da disciplina, entretanto se defende a necessidade da construção de um perfil de professor que esteja mais alinhado com aquilo que a BNCC propõe e, além disso, que compreenda conceitos e categorias próprias da disciplina História, para tanto, programas de formação continuada oferecidos pelas secretarias de educação poderiam em muito colaborar nesse sentido.

Considerar a importância da formação docente se faz importante não somente porque possibilita a qualificação profissional de professores e professoras, a questão vai além disso, pois os maiores beneficiados serão sempre os alunos e alunas, afinal, a BNCC também propõe o fomento à formação de um novo perfil de estudante.

Alunos e alunas devem ser estimulados a se tornarem protagonistas na construção do conhecimento e a se posicionarem no mundo em que vivem, reconhecendo-se como sujeitos ativos e participativos de processos de transformação da realidade na qual estão inseridos, pois o desenvolvimento de uma atitude historiadora em muito colabora para o fomento desse perfil docente, disso depende a ação consciente e planejada dos professores e professoras que também são protagonistas no ato de ensinar.

Ao analisar aquilo que os discentes compreendiam e guardavam ou não de experiências de estudo sobre história local, pôde-se, perceber que, para além da distância temporal em que tais experiências ocorreram ou não, as bagagens de aprendizagens nesse sentido mostraram-se poucas e, muitas vezes, sem muita relação com o ensino de história propriamente dito, ou talvez pouco exploradas pelos professores que se ocuparam em realizar tais experiências, o que reforça a ideia de que a história local é vista como um “degrau evolutivo”, que Lima e Muniz (2020) tanto criticam.

Entretanto, a que se considerar que as atividades propostas pelo professor-pesquisador com os alunos e alunas, público-alvo da pesquisa, atestaram que a história local pode e deve ser utilizada em anos finais do Ensino Fundamental, por exemplo, pois, para além das questões locais que podem ser trabalhadas, notou-se que a utilização de fontes de natureza diversa colaborou para que alunos e alunas aprendessem a realizar a leitura de tais fontes, fossem capazes de comparar, analisar, interpretar situações e contextos que lhes eram apresentados e, a partir disso tecer seus comentários, levantar hipóteses, construir argumentos, assumindo posturas mais questionadoras e críticas.

Ao considerar as concepções e escolhas metodológicas das professoras que participaram da pesquisa, nota-se a dificuldades e limitações, em termos de bases teórico-metodológicas relacionadas ao ensino da disciplina em questão, bem como, à não compreensão da BNCC como ferramenta que pode auxiliar no processo de elaboração de experiências de ensino de História, voltadas às questões locais, que sejam mais efetivas e propiciadoras de geração de sentido por parte dos discentes.

Analisar as percepções de alunos e alunas, de professores e professoras, sobre experiências de ensino e aprendizagem voltadas à questões locais, permitiu reafirmar que é possível retomar o trabalho com história local, em anos finais do Ensino Fundamental, não somente para reaver experiências pretéritas do gênero, mas para fortalecê-las e enriquecê-las, fomentando nos discentes postura mais investigativa, curiosidade histórica e o estímulo ao desenvolvimento de habilidades de análise e interpretação caros ao trabalho com fontes históricas diversas e à aprendizagem da disciplina em questão.

Assim, o professor-pesquisador, após perceber as diferentes nuances que marcaram o ensino de questões voltadas à história local, que envolvem não somente aqueles a quem este ensino foi dedicado, os estudantes, como também os sujeitos que são responsáveis pela proposição de experiências nesse sentido, ou seja, os docentes, que se chegou a necessidade de colaborar para a construção de experiências de ensino que pudessem ser mais significativas e enriquecidas metodologicamente, daí porque, em relação à dimensão propositiva de todo o trabalho de pesquisa efetivado, optou-se pela construção de um site que pudesse ser, primeiramente, um espaço de compartilhamento das experiências realizadas, que se mostrasse como uma caminho metodológico capaz de fomentar em docentes a capacidade de construir novos caminhos para o ensino da História, a partir da história local, ao mesmo tempo que servisse, de forma secundária, também a discentes do local estudado como uma fonte de pesquisa.

3. A DIMENSÃO PROPOSITIVA: COMPARTILHANDO A EXPERIÊNCIA

Quando da época em que o projeto de pesquisa, que mais tarde, levaria à produção da presente dissertação, foi elaborado, inúmeras foram as ideias ou possibilidades que o professor-pesquisador cogitava para a finalização de seu trabalho, no que se refere à dimensão propositiva deste último.

O fato é que, independentemente de qual fosse a escolha que culminaria com aquilo que seria produzido como fruto do trabalho desenvolvido, algumas motivações, desejos, pré-disposições e objetivos se mantiveram comuns para o docente em questão.

Dessa forma, considerando que o professor-pesquisador não dissocia de sua prática docente a condição de historiador e, conforme já exposto anteriormente, há uma carência de registros e produções historiográficas que se debruçam sobre o bairro Carananduba, defendeu-se a necessidade de pesquisar sobre a história do referido local, numa atitude de preservação de memórias e de divulgação de uma história pouco conhecida e discutida no âmbito de produções historiográficas que se ocupam com temáticas e pesquisas relacionadas à ilha de Mosqueiro.

Por outro lado, afirma-se que a escrita dessa história local não deve ser vista como motivada por anseios estritamente memorialísticos e ufanistas de um nativo do lugar. A intencionalidade era dar utilidade pedagógica a esta história, ou seja, partir do estudo do local para fomentar em discentes o desenvolvimento de habilidades e competências próprias da área de Ciências Humanas apregoadas na BNCC.

Além disso, e, fundamentalmente, aquilo que seria elaborado deveria atender às necessidades de docentes, que desejosos de utilizar a história local em suas estratégias de ensino, muitas vezes se veem limitados no que se refere a propostas pedagógicas, considerando que há grande quantidade de alternativas destinadas a diversos objetos do conhecimento da disciplina História, por exemplo, que tratam do ensino desta disciplina a partir de temáticas solidificadas da História Geral.

Outra percepção do professor-pesquisador, que deveria estar presente na dimensão propositiva da presente dissertação, seria a contribuição da História Urbana para o ensino de História. Dessa forma, toda a problematização acerca das representações de “cidade” e da apropriação de tal espaço, por exemplo, puderam ser utilizados nas reflexões e questionamentos levantados pelo professor-pesquisador, durante a pesquisa, que assim os fez percebendo que estudar a história do bairro Carananduba o levou ao encontro da História Urbana e às conexões que esta história pode estabelecer com a história local e com o ensino da disciplina.

Logo, a dimensão propositiva da presente dissertação deveria atender e/ou servir a professores e professoras (de História ou não) que atuam no Ensino Fundamental, a alunos e alunas do local que poderiam recorrer àquilo que foi produzido como fonte de estudo e pesquisa.

Convém ressaltar que outro anseio do professor-pesquisador, a ser contemplado com referida dimensão propositiva, seria promover a devolução de uma história a quem colaborou com sua escrita e garantir a posteridade de memórias de entrevistados, a divulgação de fontes históricas encontradas, bem como, oferecer aos que se interessarem, na comunidade ou fora dela, o acesso à tais informações, pois: “a temática do percurso histórico e das tradições de comunidades/localidades [...] é [...] objeto real de compreensão e de discursos que se constroem em uma dimensão cada vez mais democratizada e com maior participação da sociedade” (MENESES, 2019, p. 69).

Considerando todas as necessidades a serem contempladas na dimensão propositiva, foi que o professor-pesquisador optou pela construção de um site, onde tudo aquilo que foi encontrado durante a pesquisa e o que foi realizado pudesse ser armazenado, não com o intuito de criar um espaço memorialístico, mas como um ambiente de compartilhamento de experiências de pesquisa, de ensino e de aprendizagens.

Dessa forma, a opção em construir um site, assim se fez, pelo fato de ser este último, um espaço mais dinâmico, no sentido de permitir capacidade de maior armazenamento de informações de modos diversos (textuais, imagéticas, audiovisuais), bem como pelo alcance que tal ferramenta possui, podendo ser acessado por públicos dos mais variados locais. Além disso, a possibilidade de interação entre administrador e visitantes, o que pode gerar um espaço contínuo de compartilhamento e construção de conhecimentos.

Espera-se que o site sirva de apoio ao aprofundamento teórico e metodológico para professores da educação básica, como uma resposta às necessidades constatadas a partir da pesquisa realizada com discentes e docentes. Entretanto, atender a estes últimos se torna mais evidente no site, uma vez que o professor-pesquisador, acredita que oferecer aos professores e professoras mais ferramentas, estratégias e alternativas ao trabalho com a história local possa ser a resposta para que alunos e alunas vivenciem experiências de ensino da disciplina em questão mais contextualizadas, significativas e geradoras de sentido.

3.1. A ferramenta para construção do site e suas características

Para a produção do site optou-se pelo sistema de gerenciamento de conteúdo para web “WordPress”, atualmente, em sua categoria, “é uma das plataformas de criação de sites mais

famosas da internet, sendo utilizada por mais de um terço dos sites em todo o mundo” (HOSTGATOR, 2023).

Dessa forma, convém destacar as características do “WordPress” que se fazem presentes no site produzido que, por sua vez, corresponde à dimensão propositiva da presente dissertação.

Nesse sentido, o site oferece a possibilidade ao visitante de realizar uma experiência de fácil navegação por todo o conteúdo disponibilizado em páginas internas, dispostas e organizadas por categorias e/ou temas, utilizando computador ou celular para tanto, uma vez que o site apresenta uma estrutura responsiva, isto é:

Um site responsivo é aquele projetado para se adaptar a qualquer tipo de resolução, sem distorções. O design responsivo identifica a largura de cada dispositivo, o espaço disponível e como a página será apresentada. Ele também ajusta dimensões das imagens, das fontes e dos demais elementos para não ficarem desproporcionais (RESULTADOS DIGITAIS, 2023).

No site, há uma ferramenta de busca interna, o que garante ao visitante realizar pesquisa por palavras-chave, assim alcançando resultados que facilitam sua navegação. Além disso, em todas as páginas internas do site, o visitante tem a possibilidade de interagir, publicando comentários, os quais podem ser respondidos pelo administrador do site (o professor-pesquisador), garantindo a ambos um espaço de interação, uma vez que se espera que o usuário compartilhe informações, sugestões, críticas, endereços de sites, blogs, links para vídeos (documentários, por exemplo), relacionados à temática do site. O que colabora para o crescimento deste e fará dele um espaço colaborativo em constante aprimoramento.

Ainda é possível contabilizar acessos por temáticas e/ou assuntos discutidos, ou seja, quais páginas receberão maior ou menor visualização, o que permitirá ao administrador avaliar aquilo que foi produzido e, por sua vez, oferecer maiores informações sobre determinados assuntos, bem como adicionar novo temas e conteúdo ao site.

3.2. Descrevendo o site

O site foi idealizado com vistas a garantir que sua estrutura fosse composta por elementos que refletissem as principais etapas de pesquisa, de forma breve e objetiva. Além disso, que garantisse ao visitante, em especial a docentes do local ou não, a percepção do “passo-a-passo” do trabalho, não para ser visto como um modelo único a ser seguido em todas suas etapas de forma integral, mas para servir como uma possibilidade, um modo de “caminhar”

no ensino de História, a partir da história local, que pode inspirar a construção de outros modos distintos daquele que é apresentado no site.

Inicialmente, o site circunscreve-se a Carananduba, contudo como este espaço virtual criado será mantido para posteridade, deseja-se ampliar aquilo que nele será exposto e assim sejam refletidas também atividades futuras de pesquisa e de ensino que alcancem outros bairros da ilha de Mosqueiro.

3.2.1. Abas iniciais

A produção do site considerou a necessidade de manter em sua estrutura alguns elementos que, pelo professor-pesquisador, foram considerados essenciais. Assim, suas abas iniciais são apresentadas na seguinte ordem:

- “Sobre o site”: como o próprio nome diz, esta aba é destinada à apresentação do site, ou seja, neste espaço se esclarece que a criação do site corresponde à dimensão propositiva da presente dissertação. Além disso, na aba em questão, é informado ao visitante que aquilo que no site é disponibilizado e compartilhado reflete, em grande parte, às atividades realizadas em sala de aula e fora desta, bem como, nesta aba o visitante é informado sobre quem foi o público-alvo da pesquisa - alunos e alunas do Ensino Fundamental anos finais.
- “O autor”: Aba destinada a apresentação do professor-pesquisador, onde se faz breve comentário sobre sua trajetória profissional, acadêmica e sua relação com o local pesquisado e com a escola-campo. Fundamentalmente, deseja-se, informar ao visitante a importância de ser o professor-pesquisador um nativo do bairro que desenvolveu atividades de pesquisa sobre história local, afirmando sua posição e seus laços com o lugar onde mora, destacando assim as relações que este estabelece com Carananduba, uma vez que tal bairro é compreendido como local de gerações, um “lugar de memórias” e de histórias para quem se reconhece como um nativo do lugar. Além disso, nesta aba o professor-pesquisador destaca que o trabalho desenvolvido voltado ao ensino de História aglutina concepções teóricas da História Local, História Oral e História Urbana.
- “Carananduba”: Onde se apresenta o bairro em sua localização geográfica, sua toponímia, breves informações históricas e, além disso, são disponibilizadas nesta aba

informações demográficas do bairro (colhidas junto ao IBGE). Convém ressaltar que, como o bairro foi tomado como objeto de pesquisa, em quase todos os demais espaços do site são também encontradas informações sobre o referido local.

- “A escola”: Aba onde é feito um breve relato sobre o processo de implementação de escolas no bairro que culminou com a criação da escola onde a pesquisa se desenvolveu. Intenciona-se neste espaço, destinado a apresentar a escola-campo, também mostrar ao visitante que ao estudar a história de um bairro não se pode dissociar este estudo da história das instituições presentes no lugar, pois, como se percebeu durante a pesquisa realizada, a história da escola-campo faz parte da história de Carananduba. Dessa forma, realizar atividades de pesquisa partindo da história do local, pode colaborar para aproximação entre escola e comunidade, por exemplo, além de fomentar nos estudantes um exercício de empatia e alteridade, ao se depararem com as mais diversas situações de dificuldades que estudantes outrora enfrentaram no bairro, ao mesmo tempo em que tal exercício pode estimular discentes a valorizarem ainda mais suas próprias experiências de estudo e/ou vivências escolares, desenvolvendo uma percepção crítica sobre os problemas enfrentados pela comunidade, no que tange ao acesso à educação, no passado e atualmente.
- “BNCC e ensino de História”: Sessão que trata da utilização da história local, a partir daquilo que a BNCC apregoa. Nesse sentido, o acesso à esta aba, garante ao visitante, conhecer, de forma sistemática e resumida, pontos centrais da BNCC que tratam de história local, como também, à defesa feita pelo professor-pesquisador da importância de que sejam retomadas atividades de pesquisa, nos anos finais do Ensino Fundamental, que tenham como foco a história local. Pois, conforme já dito anteriormente, voltar-se para a história local pode colaborar para o desenvolvimento de competências específicas da área de Ciências Humanas, uma vez que, trabalhos como este exigem do professor e alunos o manuseio de fontes de natureza diversa, bem como, considera-se que, estando os discentes em um maior nível de maturidade cognitiva, propostas de trabalho com questões locais podem fomentar discussões e percepções de problemas da realidade de forma efetiva, promovendo a autopercepção da historicidade de si e dos sujeitos. Ao final desta aba, é disponibilizado um “link” para acesso a BNCC (Educação Infantil e Ensino Fundamental).

- “Produções Acadêmicas”: espaço destinado ao compartilhamento de dissertações, monografias e artigos cujas temáticas sejam relacionadas à história da ilha de Mosqueiro. Objetiva-se com esta aba, dar visibilidade a trabalhos acadêmicos produzidos por autores locais ou não. A Figura 15 apresenta as abas do site em questão:

Figura 15 - Abas do site



Fonte: www.ensinandohistorianolocal.com.br

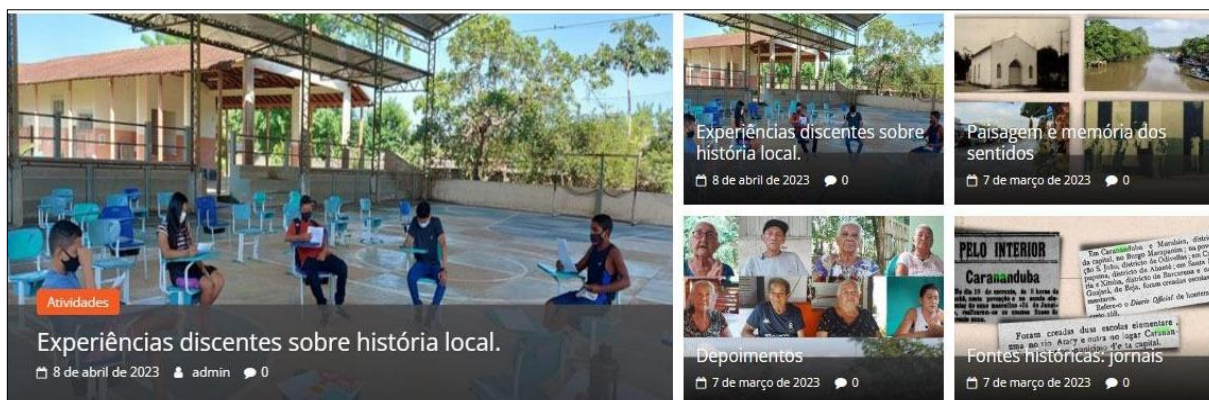
Conforme dito, a história do bairro Carananduba se faz presente em praticamente todos os espaços do site, daí porque ao destinar uma aba para apresentar o bairro, optou-se por um relato breve. Assim, a aba que trata de questões atinentes à escola-campo, também apresenta aspectos da história do lugar, tendo como foco, por exemplo, aspectos histórico-educacionais do bairro.

3.2.2. Compartilhando atividades

Mantendo a preocupação de ter no site mais espaços que expressam a história local pesquisada, contudo, a partir de aspectos pedagógicos, ou seja, relacionados diretamente ao ensino de História, têm-se a sequência didática realizada pelo professor, com as principais atividades, durante a fase da pesquisa destinada aos alunos e alunas público-alvo do trabalho pedagógico que fez parte das reflexões já apresentadas nesta dissertação.

Assim, tais atividades foram postas em “imagens dinâmicas” no corpo do site, abaixo das abas iniciais, ao clicar em qualquer uma delas o visitante é direcionado para outras páginas onde as atividades são apresentadas de forma individualizada. A Figura 16 apresenta a parte do site destinada à apresentação das atividades desenvolvidas:

Figura 16 - Layout de apresentação das atividades desenvolvidas



Fonte: www.ensinandohistorianolocal.com.br

As atividades foram organizadas na seguinte ordem:

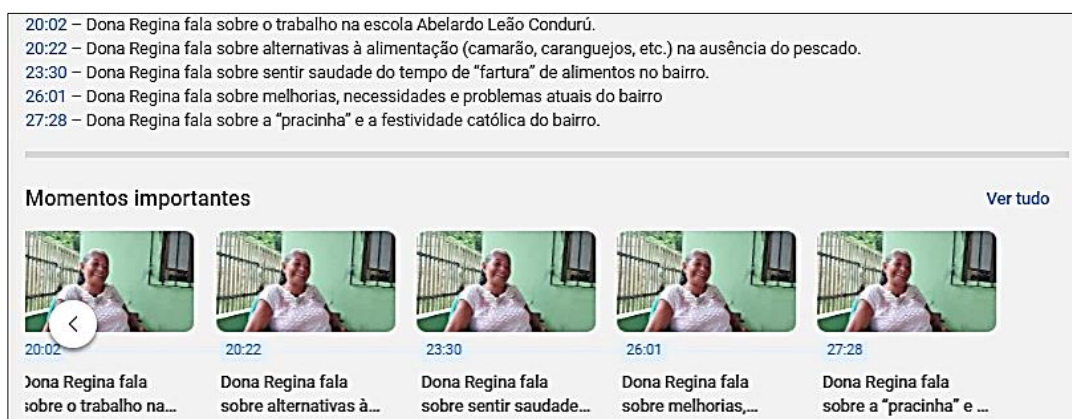
- “Experiências discentes sobre história local”: Neste espaço, o professor-pesquisador apresenta a atividade realizada para sondagem de conhecimentos prévios de alunos e alunas que participaram da pesquisa. A intencionalidade deste compartilhamento é falar a docentes, interessados no “passo-a-passo” do trabalho, que antes de se lançarem à realização de atividades diretamente ligadas ao estudo da história local, faz-se necessário compreender aquilo que seus discentes trazem consigo de “bagagens de aprendizagem”, ou seja, o que sabem e o que pensam a respeito da história local e se consideram importante ou não a estudar. Além disso, nesta página, o visitante terá acesso ao questionário, elaborado pelo professor-pesquisador, utilizado para realizar a sondagem dos conhecimentos prévios, bem como, ao quantitativo de respostas dadas e uma breve análise destas. Ao final, o professor-pesquisador, reafirma a necessidade de que cabe aos professores realizar atividades mais significativas e contextualizadas que possibilitem aos discentes se aproximarem e se reconhecerem na história do lugar que habitam e que estas atividades lhes ajudem à compreensão de contextos mais amplos e questões mais gerais, percebendo o local como ponte para analisar realidades maiores nas quais este último está inserido.
- “Paisagens e memórias do sentido”: contém breve texto que discute possibilidades de se estudar a história local, bem como, trata de questões ligadas às relações subjetivas que sujeitos estabelecem no ato de lembrar; trata do recurso à memória daquilo que foi

gravado pelos sentidos humanos e a apropriação de um determinado lugar por quem nele habita. Nesta aba, reflete-se sobre o espaço local como sendo um local de gerações, um “lugar de memórias”, também passível de sediar relações de poder. Dessa forma, compreende-se o sujeito como um caminhante ordinário que realiza uma leitura sobre o bairro e a partir disso compõe seu “texto” a respeito deste. O morador local é considerado não somente um habitante, mas também como sendo habitado pelo meio em que vive, logo, além de agente transformador do espaço é também sujeito que sofre com as transformações ocorridas neste espaço. Cabe lembrar que quando se fala do “morador local”, incluem-se nessa condição também alunos e alunas, ou seja, faz-se necessário permiti-los que se expresse também como sujeitos do local. Ao final da página, é possível ter acesso a um texto produzido pelo professor-pesquisador sobre o bairro e à descrição de como se deu a atividade de produção textual destinada aos discentes.

- “Fontes históricas - Jornais”: Contém texto comentando a importância da utilização de jornais em sala de aula, mais especificamente no ensino de História e no trabalho com a história local. Apresenta algumas orientações para docentes sobre o trabalho com jornais e, por fim, é possível ter acesso ao modelo de atividade realizada em sala de aula, bem como a comentário que explica a aplicação da atividade, além disso, contém “link” para acesso ao conjunto de trechos de jornais, encontrados no site da “hemeroteca digital”, que apresentam informações sobre o bairro Carananduba. A intencionalidade de dispor tais trechos, como uma espécie de coletânea, assim se justifica por acreditar que isto sirva aos professores de história que atuem na ilha de Mosqueiro, a pesquisadores, a discentes e a quem desejar e queira conhecer mais sobre a história do lugar em questão.
- “Depoimentos”: Trata de questões relacionadas à realização de entrevistas, com base na metodologia da História Oral, sugere a professores e professoras cuidados necessários nos momentos que antecedem a entrevista e durante esta, bem como, no tratamento das fontes. Além disso, nesta aba retoma-se a compreensão de que a memória é fruto das apreensões que o sujeito assim o faz pela “porta de entrada” de informações sensoriais que são os sentidos humanos. Destaca-se, assim, que cada pessoa estabelece uma relação subjetiva com aquilo que recorda e com o espaço onde vive. Ressalta-se a colaboração da realização de entrevistas no que se refere ao fomento da escuta e da empatia por parte

de alunos e alunas e a valorização das experiências dos mais velhos. É possível, nesta parte do site, ter acesso ao roteiro de entrevista elaborado por professor-pesquisador e discentes, ao modelo de carta de seção destinado aos entrevistados, bem como, aos “links” dos vídeos das entrevistas realizadas com moradores locais. Importante ressaltar que os vídeos das entrevistas contam, cada um deles, com minutagem, no espaço destinado à descrição dos vídeos, o que facilita navegar por trechos exatos das gravações. A Figura 17 mostra o modo como a minutagem é apresentada.

Figura 17 - Captura de tela (minutagem de entrevista)



Fonte: www.youtube.com. Acesso em: 19 abr. 2023.

A descrição das atividades realizadas teve por objetivo, assim como tudo aquilo que foi produzido e se encontra compartilhado no site, servir a professores, como modelo e/ou exemplo de estratégias para a realização de trabalhos em sala de aula ou fora desta, relacionados à história local.

Nesse sentido, conforme já dito, desejou-se fazer do compartilhamento de atividades, também o compartilhamento de informações sobre a história do bairro, o que se evidenciou nas possibilidades de acesso à jornais que tratam da história de Carananduba, aos depoimentos de moradores locais que expressam memórias sobre o lugar onde moram, bem como primou-se por compartilhar registros visuais antigos sobre o bairro, embora sejam poucos, esta condição se justifica por motivos já citados anteriormente.

Além disso, vale afirmar que com o compartilhamento das atividades, buscou-se suscitar em docentes a percepção de que os estudantes são capazes não somente de promover registros da memória e história do local onde vivem, mas fundamentalmente, de serem também “autores” desta história, o que se fez citando a atividade de produção textual discente, onde se valoriza os

modos de rememorar e de perceber dos sujeitos em relação ao bairro, sejam eles moradores mais velhos ou mais novos.

As atividades seguiram o “caminho” presente na BNCC. no que tange ao desenvolvimento de competências específicas da área de Ciências Humanas, além de considerar as competências específicas para o ensino da disciplina História já citadas anteriormente.

Dessa forma, intencionou-se, com as atividades compartilhadas, defender que se faz necessário estimular nos discentes a compreensão da historicidade de si e os sujeitos, bem como, objetivou-se destacar que alunos e alunas precisam ser estimulados a analisar o “mundo social” no qual vivem. Nesse sentido, o docente deve fomentar nos estudantes a capacidade de estabelecer comparações entre o passado e o presente do lugar que habitam, perceber rupturas e continuidades, interpretando a realidade vivida, construir hipóteses e críticas aos problemas enfrentados outrora e no presente.

Ao final de cada uma das páginas destinadas ao compartilhamento das atividades realizadas, o visitante tem a possibilidade de deixar comentários, fazer perguntas, compartilhar informações sobre as temáticas abordadas, citar trabalhos, experiências afins ou dar sugestões sobre as atividades. A Figura 18 apresenta o espaço reservado às postagens que o visitante poderá fazer.

Figura 18 - Espaço para postagens do visitante

Deixe uma resposta

O seu endereço de email não será publicado. Campos obrigatórios marcados com *

Comentário *

Nome *

Email *

A intencionalidade é permitir a interação entre visitante e professor-pesquisador, tornando o site não somente um espaço de divulgação do trabalho realizado, como também, um local onde seja possível compartilhar ideias, outras experiências, questionamentos, realizar debates e construir conhecimentos.

3.2.3. Do local ao macro: planos de aulas, exemplificando

Um dos problemas que o professor de História enfrenta, ao se lançar no trabalho com a história local é incorrer em localismo, ou seja, não conseguir extrapolar a dimensão do lugar estudado, a comunidade, bairro, a cidade, por exemplo.

Para tanto, faz-se necessário planejar a ação docente de modo a conceber os estudos sobre uma determinada localidade, como recurso valioso ao ensino da disciplina História, sem perder de vista os objetos do conhecimento que se pretende trabalhar, bem como, compreender a relação da história local com tais objetos e a relação destes com as habilidades específicas da área de Ciências Humanas, aliadas àquelas que correspondem ao conjunto de habilidades da disciplina História.

Dessa forma, tendo em vista exemplificar, a construção de plano de aula, valendo-se da história local e com o intuito de mostrar que, a partir desta perspectiva, tal trabalho pode ser realizado em anos diferentes do Ensino Fundamental e também no Ensino Médio, o professor-pesquisador disponibilizou no site, quatro planos de aulas, nos quais “o local” configura-se como base para as atividades propostas e descritas nos referidos instrumentos de planejamento.

Assim, os planos de aula são apresentados com o intuito de servir de exemplo à professores e professoras para que percebam como a utilização da história local pode ser feita, a fim de que sejam trabalhados objetos do conhecimento próprios da disciplina História.

De modo geral, nos planos de aula, o professor-pesquisador recorreu aos relatos dos entrevistados e a trechos de jornais que falavam do bairro no passado.

Mesmo que, durante tudo o que já foi dito anteriormente, a discussão e análise feitas na presente dissertação tenham se relacionado diretamente aos anos finais do Ensino Fundamental, vale ressaltar que, um plano de aula, foi elaborado e destinado ao primeiro ano do Ensino Médio.

Assim, este foi apresentado considerando que a escola-campo iniciou, no segundo semestre de 2022, a implementação do Novo Ensino Médio e no ano de 2023 os professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas elaboraram o projeto integrado de ensino tendo

por princípio metodológico o estudo da história local³⁸. Logo, o plano de aula foi pensado como uma atividade a ser feita durante o desenvolvimento do projeto em questão.

Convém ressaltar que alguns alunos e alunas do 1º ano do Ensino Médio, vieram da turma de nono ano do Ensino Fundamental, com os quais o professor-pesquisador trabalhava e para estes, acredita-se que as atividades com a história local podem revelar-se como continuidade daquilo que anteriormente foi desenvolvido quando ainda cursavam o Ensino Fundamental.

Além do referido plano de aula citado, foram disponibilizados no site mais três planos de aula um referente ao sexto ano, oitavo e outro destinado ao nono do Ensino Fundamental, ambos seguem a mesma estrutura de organização contida no plano destinado a alunos do Ensino Médio, considerando especificidades próprias de um público-alvo que se encontra ainda cursando o Ensino Fundamental.

Todo o site se propõe a ser um espaço em contínua construção, logo na área destinada ao compartilhamento de planos de aulas, muitos outros planos serão inseridos futuramente, uma vez que toda a pesquisa realizada serve ao professor-pesquisador como recurso à realização de um ensino de História que parta da história do bairro Carananduba. Além disso, espera-se que professores e professoras que acessem o site possam também compartilhar suas experiências de ensino que se valem da história dos “seus locais”. A Figura 19 apresenta área do site onde são disponibilizados os planos de aula elaborados pelo professor pesquisador.

Figura 19 - Área de compartilhamento de planos de aulas



Utilizando o local para estudar História.

O estudo da história de um bairro, por exemplo, só ganha maior sentido se este estudo servir como ponte para se compreender contextos mais amplos. Aqui você encontrará planos de aulas que exemplificam como a história local pode ser utilizada para o ensino de História.

Fonte: www.ensinandohistorianolocal.com.br

³⁸ Na elaboração deste projeto, que se encontra em fase inicial de execução, o professor-pesquisador pôde colaborar com sua base teórico-metodológica construída a partir dos estudos realizados como aluno do programa de pós-graduação em Ensino de História, bem como, socializar muito do que por ele foi construído no desenrolar de suas atividades de pesquisa. Logo, o referido projeto que a escola-campo passou a executar em muito pode contribuir para o crescimento do site e vice-versa.

3.2.4. Memórias do local

Compreende-se que o site não se resume, unicamente, à exposição de uma experiência produzida pelo professor-pesquisador, por isso, também, reservou-se, um espaço específico para o compartilhamento de histórias, memórias e recordações sobre o lugar.

Dessa forma, o visitante poderá deixar registrado em tal espaço, se assim desejar, alguma experiência, memória, fato ou recordação, por exemplo, de seu tempo de infância em Mosqueiro. Bem como, narrar um acontecimento que lhe foi transmitido por algum morador de mais idade.

A intencionalidade desta área é fomentar o compartilhamento de memórias sobre a ilha, que pode ser feito por quem mora ou morou no lugar em questão, ou por quem visitou Mosqueiro, por exemplo. Assim, permitir que diferentes formas de lembrar a paisagem possam ser expressas, ao mesmo tempo, que se constrói um espaço de livre interação entre os visitantes. A Figura 20 corresponde a área do site destinada ao compartilhamento de memórias relacionadas ao local em questão.

Figura 20 -- Área de compartilhamento de memórias locais



Fonte: www.ensinandohistorianolocal.com.br

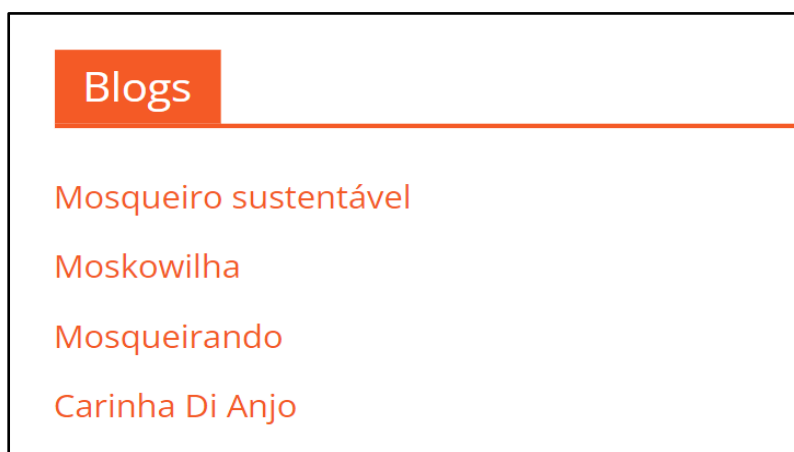
3.2.5. Um espaço de divulgação em construção

Foi reservado, no site, uma área para divulgação de blogs que se refiram à temática local, em especial, que falem da ilha de Mosqueiro.

Como o site é compreendido, pelo professor-pesquisador, em estado de contínua construção, até o presente momento, quatro blogs foram divulgados, estes são espaços criados

por professores ou moradores de Mosqueiro que se dedicam a pesquisar e compartilhar informações sobre a ilha. A Figura 21 apresenta a área do site na qual os “links” de acesso aos blogs são disponibilizados.

Figura 21 - Área do site destinado a divulgação de blogs.



Fonte: www.ensinandohistorianolocal.com.br

O intuito de poder oferecer ao visitante o acesso a outros “links”³⁹, que o levem a blogs externos ao site, assim se justifica pela necessidade de permitir ao primeiro a possibilidade de entrar em contato com outras formas, perspectivas e narrativas sobre a história do local e, além disso, como o site, inicialmente, se circunscreve à história do bairro Carananduba, fomentar a exploração de blogs, que falem de outros aspectos e bairros da ilha, pode favorecer ao visitante a construção de uma visão maior sobre Carananduba e sobre a ilha da qual este último faz parte.

3.2.6. O “Mural Local”

Apesar de o site possuir outras áreas destinadas à interação, esta parte foi criada exclusivamente para que o visitante possa compartilhar experiências de ensino, endereços de sites, sugestões de bibliografias voltadas a história local, ou ao ensino de História de modo geral, bem como, “links” de vídeos (documentários, matérias de jornais, registros audiovisuais sobre a ilha de Mosqueiro).

Uma espécie de canal aberto destinado ao visitante, onde será possível, também, debater sobre questões relacionadas ao ensino de História, a partir da história local, por exemplo, levantar questionamentos sobre a BNCC, tecer críticas, ou fazer sugestões relacionadas ao site.

³⁹ - Futuramente, deseja-se também criar um espaço para divulgação de blogs que tratem também do ensino de História a partir da história local.

Assim, deseja-se avaliar a colaboração que o site pode oferecer ao usuário, em especial a docentes da educação básica, bem como, “convidar” o visitante a colaborar com a contínua construção do site. A Figura 31 corresponde a parte do site que foi reservada para o mural local.

Figura 22 - O Mural local



Fonte: www.ensinandohistorianolocal.com.br

O site elaborado se encontra na sua versão mais recente, a intencionalidade em construí-lo se fez por considerá-lo como um espaço que estará em constante atualização. para que assim se consolide uma experiência de compartilhamento de conhecimentos sobre o ensino de História, a partir da história local, cada vez mais rica, participativa e colaborativa, que seja capaz de expressar realidades amazônicas, bem como de outros locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Optar por um ensino de História voltado para o local e, ao mesmo tempo, partindo deste para outros locais, revelou-se, para o professor-pesquisador, como uma tarefa complexa, exigente e minuciosa, pois tal opção carrega em si muitas demandas que necessitam ser contempladas.

Ensinar História a partir da história local é voltar-se para o público-alvo a quem se destina o ensino no tempo-presente, buscando o ontem sem perder de vista o hoje, enveredar-se no local habitado e, concomitantemente, assumir uma postura efetiva de estranhamento e esforçar-se para não ser tomado por uma história guardada em lugares de memórias, contada e cantada por pessoas próximas, que trazem em tudo as marcas de suas vivências locais, histórias de vida, de dores, amores e labores. Subjetividade perigosa, tentadora e necessária que deu sentido às experiências de ensino e de aprendizagens durante a pesquisa.

Quanto aos discentes envolvidos na “empreitada”, aqueles que estiveram presentes do começo ao fim, se no início do trabalho, encontravam-se “deslocados do local”, com o passar do tempo, aprenderam a se auto reconhecer como pertencentes de um espaço que não é somente físico, mas histórico.

Ao mesmo tempo em que demonstraram a percepção de que as transformações ocorridas no lugar, por eles habitado, os afetam direta e indiretamente, todavia, para além disso, compreenderam que não estão somente sujeitos aos processos de mudanças, mas que podem promovê-las, por menores que sejam, vivendo o local e no local com criticidade e visão de mundo.

Nesse sentido, os discentes foram estimulados a realizarem a leitura do bairro, decifrando-o em temporalidades distintas e através de seus registros escritos manifestaram particularidades dessas leituras, marcadas pela apreensão do sensível de que fala Corbin (1998), o que corroborou com o que apregoam CERTEAU (1998) e BARROS (2007), no que se refere a relação que o sujeito estabelece ao vivenciar o local em que habita.

No trabalho com jornais, mostraram-se capazes de “compreender” o uso de tal fonte, “analisar” o mosaico de informações nelas contidas, “identificar” elementos necessários à leitura que faziam, “comparar” informações presentes em diversas notas de jornais. Assim, conseguiram “interpretar” tais fontes e “construir” argumentos que justificavam suas afirmações e leituras sobre o bairro de ontem e de hoje.

Na etapa final de realização das atividades, evidenciou-se como o elemento humano pode oferecer importante recurso ao estudo da disciplina. Logo, as entrevistas proporcionaram

aos estudantes o fomento de atitudes empáticas em relação às pessoas idosas entrevistadas. Ao mesmo tempo, que os instigou a valorizar a memória dos mais velhos e reconhecê-los como elementos importantes de uma história local que foi conhecida pelos discentes.

Olhar atentamente para as lacunas deixadas no ensino de História dos alunos e alunas participantes da pesquisa, moveu o professor-pesquisador a determinar a quem se deveria destinar os esforços de produção de um recurso ou ferramenta que favorece o ensino de História a partir do estudo do local, ou seja, o alvo a ser “atingido”, ao final do trabalho, não eram os alunos, mas sim, aqueles que, responsáveis pelo ensino, necessitam melhor compreender como atuar com a história local, sem perder vista a História Geral.

Nesse sentido, a dimensão propositiva da dissertação, acredita-se, cumpre com aquilo que o professor-pesquisador esperava, pois configurou-se como um recurso para professores da educação básica que, preocupados com o ensino de História, buscam na história local, uma alternativa para propostas pedagógicas mais significativas.

Sobre a colaboração que o professor-pesquisador ansiava fazer para o registro da história de Carananduba, toda a pesquisa e a dimensão propositiva contemplam o desejo de um nativo, docente e morador que se reconhece habitado por um lugar de gerações, que busca há tempos a preservação e divulgação da história do lugar e de memórias de quem muito o conhece, pessoas comuns, que revelam riquíssimas formas de rememorar a paisagem habitada, modificada e “preservada” nos relatos saudosos de senhores e senhoras da comunidade.

Mas, para além do que pode ser conotativo, acredita-se que o trabalho realizado alcançou o que com ele foi proposto: um ensino de História mais significativo, o fomento a diferentes modos de ver e viver o local, a percepção de quão importante é preservar a história daquilo que se faz próximo ao sujeito e a utilização da História de um bairro, não como um “degrau evolutivo”, mas como ponte para alcançar outros lugares e temporalidades da História.

Considerando todas as dificuldades enfrentadas num contexto pandêmico que se arrastou vagarosamente, tudo o que foi coletado, registrado e produzido revela-se como um pouco de tudo aquilo que se poderia alcançar em condições de “normalidade”.

Assim, o trabalho concluído não se encontra encerrado, o que implica dizer que ao professor-pesquisador caberá revisitar o local e, assim fazê-lo, com mais discentes, para que novas experiências de ensino de História possam ser construídas, o que foi exposto na presente dissertação e na integralidade da dimensão propositiva foi apenas o começo de um processo de ensino que se vale da investigação, observação, interpretação, contextualização e construção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em Fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, v.10, n.17, p.55-67, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62/72>. Acesso em: 12 de janeiro de 2021

_____. Um quase objeto: algumas reflexões em torno da relação entre história e região. *In*: LEAL, Maria das Graças de; FARIAS, Sara Oliveira (Orgs.). **História Regional e Local III: reflexões e práticas nos campos da teoria, pesquisa e do ensino**. Salvador: ENUEDEB, 2015, p. 37-61.

_____. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história. *In*: GONÇALVES, Márcia de Almeida *et al.* **Qual o valor da História hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 21-39.

AMANAJÁS, Wilson. *In*: **Mosqueiro**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1976.

ASSMANN, Alda. **Locais Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BANDEIRA, Márcia Pinto. A cidade e paisagem carioca, o Rio de Janeiro colonial e contemporâneo: Uma proposta metodológica do uso da Paisagem no ensino de História. **Academia.edu.**, p. 1-30, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/37196755/A_cidade_e_paisagem_carioca_o_Rio_de_Janeiro_colonial_e_contempor%C3%A2neo_Uma_proposta_metodol%C3%B3gica_do_uso_da_Paisagem_no_ensino_de_Hist%C3%B3ria. Acesso em: 03 out. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. *In*: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular – História, Ensino Fundamental. 2018**. Disponível em: <https://www.alex.pro.br/BNCC%20Hist%C3%B3ria.pdf> Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. **Coleção de Leis do Império, 1827**. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 22 abr. 2022.

BRESCIANI, Estella. Cidade e história. *In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.) **Cidade: história e desafios***. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CAIMI, Flávia Eloísa. Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. *In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado***. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

CAINELLI, Marlene. Educação Histórica: Perspectivas de Aprendizagem da história no ensino fundamental. **Educar**, Curitiba, Especial, p. 57-72, 2006. Editora UFPR, Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/viewFile/5548/4061>. Acesso: 10 jun. 2021.

CARDOSO, Maria da Paz Araújo. **Ilha do Mosqueiro: Cenário de Lutas Amazônidas na trilha de sua sobrevivência**, Belém: UFPA, CSE, 2000.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CERTEAU, Michel de. Práticas de Espaço: Caminhadas pela cidade. *In: **A invenção do Cotidiano***. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

CONSTANTINO, N. S. de. (2002). Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. **Estudos Ibero-Americanos**, 28 (1), 183–194. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/23794>. Acesso em: 22 jan. 2022.

COOPER, H. O pensamento histórico das crianças. *In: BARCA, I. (Org.). Para uma educação histórica de qualidade. **Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica***. Universidade do Minho, 2004.

CORBIN, Alain. Do Limousin às culturas sensíveis. *In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural***. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. **Métis - história e cultura**, v. 2, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2002.

FURTADO, Ana Maria Medeiros. *In: **Impactos ambientais do desmatamento e expansão urbana na ilha de Mosqueiro (Belém - Pará - Brasil)***. Belém, UFPA, 1998?, p.7. Disponível em: <https://docplayer.com.br/17112920-Impactos-ambientais-do-desmatamento-e-expansao-urbana-na-ilha-do-mosqueiro-belem-para-brasil.html> Acesso em: 19 jan. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

GERMINARI, Geysa Dongley. *In: Arquivar a vida: uma possibilidade para o ensino de História. **Roteiro***, Joaçaba, v. 37, n. 1, p. 51-70, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4150445.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.

LEE, Peter. Por que aprender história? *In: Educar em Revista*. n. 42, p. 19-42, out/dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/25834/17271> Acesso em: 03 out. 2021.

LIMA, Jonata Souza de; MUNIZ, Érico Silva. História da Amazônia, História do Brasil? Uma análise sobre os conteúdos regionais na BNCC. *In: Revista Textura*. v. 22, n. 50, p. 265-288, abril, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340345530_Historia_da_Amazonia_Historia_do_Brasil_Uma_analise_sobre_os_conteudos_regionais_na_BNCC. Acesso em: 02 jan. 2022.

LUCA, Tânia Regina. “História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. *In*. PINSKY, Carla Bessanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 115-153.

LUSTOSA, Antônio de Almeida Dom. **À margem da visita pastoral**. Vol. 2, 1932.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo e. **História Oral na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MEDEIROS, Elizabeth Weber. Ensino de História: Fontes e linguagens para uma prática renovada. **Revista VIDIYA**, Santa Maria, v. 52, n. 2, 2007, p. 59-71. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/395>. Acesso em: 18 jun. 2022.

MEIRA FILHO, Augusto. **Mosqueiro, ilhas e vilas**. Belém: Grafisa, 1978.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Disponível. *In*: **Revista IEB**. n.34, 1992, p. 9-23 em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497/73267> Acesso em: 03 out. 2021.

MENEZES. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. **Conferência Magna. I Fórum Nacional de Patrimônio Cultural**. Brasília: Iphan, 2010.

MENESES, José Newton Coelho. Todo patrimônio é uma forma de história pública? *In*: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e voz, 2019.

MOLINA, A. H. Ensino de História e imagens: possibilidades de pesquisa. **Domínios da Imagem**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 15–29, 2014. DOI: 10.5433/2237-9126.2007v1n1p15. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19265>. Acesso em: 14 maio 2023.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *In*: Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 ago. 2020.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensino de História e Patrimônio Cultural: um percurso docente**. Jundia, SP: Paco, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com olhos no passado: a Cidade como palimpsesto. *In*: **Revista Esboços**, Universidade Federal de Santa Catarina. Vol. 11, n. 11, p. 25-30, 2004.

POSSAMAI, Zita Roseane. Cidades: escritas da memória, leituras da história. *In*: POSSAMAI, Zita Roseane. **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A história nos objetos. *In*: RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A Danação do Objeto**. O museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9 n. 19, p. 219-243, set. 89/fev. 90.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Rodrigo Luis dos. Ensino de História e a Imprensa: diálogos possíveis para o uso de jornais impressos na reflexão sócio-histórica e cultural em sala de aula. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 38, 2018, p. 96-108. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/41390>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O Ensino de História fora da sala de aula. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensino de História**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SEFFNER, Fernando. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividade em sala de aula. *In*: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA Nilton Mullet (Orgs.). **Jogos e ensino de história** [recurso eletrônico], Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018a.

SEFFNER. Aprender e ensinar história: como jogar isso. *In*: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA Nilton Mullet (Orgs.). **Jogos e ensino de história** [recurso eletrônico], Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018b.

SILVA JÚNIOR, Antônio Sérgio Saraiva. **Redes técnicas, turismo e desenvolvimento sócio-espacial na Ilha do Mosqueiro – Belém-PA**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007. Disponível em: <https://www.ppgeo.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2005/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20ANT%C3%94NIO%20S%C3%89RGIO.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2023,

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **História das Paisagens**. *In*: Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: teoria e método**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SILVA, Francisco Ribeiro da, História Local: Objectivos, métodos e fontes. **UP – Repositório Aberto**. Universidade do Porto, 1998. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SOUZA, Renata Durans Pessoa de. **A Área de expansão de Belém: um espaço de múltiplas vivências.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2016.

TAVARES, Daniel Rodrigues. **O ensino de história por meio da educação patrimonial na ilha de Mosqueiro.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2019.

TOLENTINO, Átila. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. *In:* TOLENTINO, Átila e BRAGA, Emanuel (Orgs.). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas.** Caderno Temático 5. João Pessoa: Iphan-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.

TOLENTINO. Educação Patrimonial Decolonial: Perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. **Revista Sillogés** – v. 1, n. 1, jan./jul. 2018.

SITES

www.hemeroteca.bn.br

A República: órgão do partido republicano. Edição 852. 1893, p. 2.

Diário do Pará. Edição 429. Secção: “Política”. 27/03/85, p. 3.

Diário do Pará. Edição 491. Secção: “Política”. 09/07/84, p. 3.

Diário do Pará. Edição 513. Secção: “Cidade”. 06/07/84, p. 7

Estado do Pará: propriedade de uma Associação Anonyma, 15/12/1915, p.4

Estado do Pará: propriedade de uma Associação Anônima, 18/07/1919, p.?

Diário do Pará, Edição 532. Secção: “Sociedade”, 28/07/1984, p. 5

Diário do Pará, Edição 565. Secção: “Sociedade”, 04/09/84, p. 5.

Diário do Pará. Edição 794. Secção: “Local”, 06/06/1985, p. 5

Diário do Pará. Edição 793. Secção: “Local”, 05/06/85, p. 5.

Diário do Pará, Edição 793. Secção: “Local”, 05/06/85, p. 5.

Diário do Pará, Edição 1446(2). Secção: “caderno D”. 04/06/87, p. 11.

Diário do Pará, Edição 1705(1). Secção: “Política local”, 22/03/1988, p. 4.

O liberal, Edição 22519. Secção: “opinião”, 15/12/1989, p. 4.

O liberal, Edição 734, 25/07/1951. p. 2.

O liberal, Edição 785. Secção: “Política”, 24/09/1951

O liberal, Edição 1687. Secção: “Política”, 30/03/1951, p. 4.

O liberal. Edição 2262. Secção: “Classificados”, 02/04/1989, p. 4.

O liberal, Edição 2239. Secção: “Cidades”, 19/05/1989, p. 4.

O liberal, Edição 22519. Secção: “Opinião”. 15/12/1989, p. 4.

Tudo sobre Wordpress. Hostgator. 2023. Disponível em: <https://www.hostgator.com.br/blog/wordpress-historia-funcionalidades/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

FARIAS, Flaubi. **10 motivos para você usar um site responsivo e suas principais vantagens.** Resultadosdigitais. 2020. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/site-responsivo/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

FONTES:

Arquivo Público do Estado do Pará (APEP). Intendente, 1897-1911 (Antônio José de Lemos). O município de Belém: 1897-1902 – Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém em 15 de novembro de 1902. Belém: Typographia Alfredo Augusto Silva, 1902. v.1, 459p.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo que FILHO (A) _____ participe como voluntário, do estudo que tem como responsável o Professor Roberto Souza Costa, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará, que pode ser contatado pelo e-mail: robertcosta27@gmail.com e através do contato telefônico (91) 988189943.

É de meu conhecimento que o estudo tem em vista realizar atividades, no espaço da escola e extraescolar (entrevistas com moradores do bairro), para a construção de um produto de ensino, com os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Abelardo Leão Condurú. A pesquisa faz parte de sua dissertação com o título: *“História local e ensino de história: as memórias da paisagem do bairro Carananduba, na ilha de Mosqueiro, Belém-Pa”*.

A participação de meu (minha) filho (a) consiste em realizar atividades propostas pelo professor, destinadas ao ensino de História, bem como se fazer presente em momentos de orientação e planejamento, além de, entrevistas com os moradores, construção de roteiro para estas, sobre a orientação do professor. Sei que tenho total liberdade para cancelar a participação de meu (minha) filho no presente estudo e compreendo o caráter voluntário dos participantes.

Assinatura do Responsável

Mosqueiro, _____ de _____ de 2021.

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO

CARO (A) ALUNO (A), AS PERGUNTAS A SEGUIR DEVEM SER RESPONDIDAS COM MUITA ATENÇÃO, SUAS RESPOSTAS SÃO MUITO IMPORTANTES, PARA O FUTURO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA QUE SE PRETENDE REALIZAR.

Nome: _____

Endereço: _____

01 - Qual sua idade? _____

02 - Você é natural de Mosqueiro? () SIM () NÃO

03 - Se respondeu NÃO, de onde você é? Com que idade você veio morar na Ilha?

04 – Você mora com:

() Pai

() mãe

() avó

() avô

() Outro _____

05 - Seu pai é natural de Mosqueiro? () SIM () NÃO

06 - Se respondeu NÃO, de onde ele veio? Em que ano chegou a Mosqueiro?

06- Sua mãe é natural de Mosqueiro? () SIM () NÃO

07 - Se respondeu NÃO, de onde ela veio? Em que ano chegou a Mosqueiro?

08 – Você mora com sua avó, ela é natural de Mosqueiro? () SIM () NÃO

07 – Se responde NÃO, de onde sua avó veio? Em que ano chegou a Mosqueiro?

09 - Você mora com seu avô, ele é natural de Mosqueiro? () SIM () NÃO

10– Se responde NÃO, de onde seu avô veio? Em que ano chegou a Mosqueiro?

11 - Você possui computador em casa? () SIM () NÃO

12- Você possui acesso à *Internet* em casa? () SIM () NÃO

13 - Qual (ais) o(s) principal (ais) meio(s) que você utiliza para se informar?

() Internet;

- Televisão;
- Revistas/Jornais;
- Livros;
- As aulas da escola;

14 - Você possui *Smartphone*?

- SIM NÃO

15 – Na sua casa quem possuiu *smartphone*?

- pai mãe avó avô outro_____.

16 – Você participou de algum movimento, manifestação ou protesto, no bairro, motivado por alguma necessidade de mudança ou preservação de espaços, prédios, ruas, áreas verdes, etc.?

- SIM NÃO

17 – Se você respondeu sim, comente sobre sua participação.

Assinatura do (a) aluno (a)

Mosqueiro, _____ de _____ de 2021

APÊNDICE C

TABELAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – RESPOSTAS DOS ALUNOS.

PERGUNTA 01 - “Nos anos iniciais do ensino fundamental, você recorda se estudou ou fez algum trabalho, atividade ou pesquisa sobre a rua de sua casa, sua comunidade, seu bairro ou sobre sua cidade? Se sua resposta for ‘sim’ relate como foi essa experiência?”

Respostas de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Aluno	Categoria	Nº de citação	Unidade de registro	Unidade de contexto
Maria	Atividade sobre meio ambiente e paisagem	01	“entender o que é meio ambiente e paisagem”	“foi no ar livre que levaram toda a turma para que nós pudéssemos entender o que é meio ambiente e paisagem”
João	Atividade sobre observação e representação do espaço.	01	“percurso da casa [...] até a escola”	“Foi apenas desenhar o percurso da casa onde eu moro até a escola”

PERGUNTA 02 - *Você julga importante estudar sobre a história do bairro Carananduba?*

() sim () não. Se você respondeu “sim”, justifique sua resposta.

Aluno	Categoria	Nº de Citação	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Carlos	Estudar a história do bairro para compreender as mudanças ocorridas.	02	“saber as mudanças que aconteceram”	“Sim, é importante para saber as mudanças que aconteceram ao longo dos anos e relacionar se essas mudanças foram boas ou não para todos”.
Lana ⁴⁰			“saber como era e como aconteceu a transformação”	“É importante eu saber como era e como aconteceu a transformação do bairro que eu vivo”.

⁴⁰ Considerou-se que a resposta da aluna apresentava conteúdo diverso e que poderia ser dividido e classificado em duas categorias.

Lana	Estudar a história local para conhecer suas origens.	04	“como surgiu o bairro”	<i>“Eu quero saber como surgiu o bairro Carananduba, por que colocaram esse nome no bairro”.</i>
Kayo			“saber como era nosso antigo bairro”	<i>“Sim, porque assim podemos saber como era o nosso antigo bairro, como nossa família vivia, como as coisas eram no passado”.</i>
João			“como era antigamente”	<i>“Sim, porque até no momento não achava interessante, mas agora vejo que esse assunto é interessante, ver como era antigamente.”</i>
Paloma			“estudar sobre o bairro para saber mais”	<i>“É importante estudar sobre a história do bairro para saber mais do bairro em que a pessoa mora”</i>
Cláudio	Estudar o passado do bairro para preservar a memória.		“no futuro [...] nossos filhos podem precisar”	<i>“Sim, porque no futuro nós teremos que lembrar, porque nossos filhos podem precisar da história do nosso bairro”.</i>

Respostas de aluno do 8º ano do Ensino Fundamental

PERGUNTA 01 - *“Nos anos iniciais do ensino fundamental, você recorda se estudou ou fez algum trabalho, atividade ou pesquisa sobre a rua de sua casa, sua comunidade, seu bairro ou sobre sua cidade? Se sua resposta for ‘sim’ relate como foi essa experiência?”*

Aluno	Categoria	Nº de Citação	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Mariana	Atividade sobre toponímia.	01	“Nome dos bairros”	<i>“No quinto ano, nós fizemos uma pesquisa para descobrir o nome de todos os bairros de Mosqueiro”.</i>
Amanda	Atividade sobre tratamento da água.	01	“água”	<i>“Eu tive que pesquisar sobre a água de onde a gente bebe, ou toma banho, faz comida. Para</i>

				<i>onde vai a água, se fica em possas, ou vai para esgoto. Se no nosso bairro tem lugar de fazer como, parquinho, piscina e se as ruas são asfaltadas”.</i>
Igor	Atividade sobre árvore genealógica.	01	“árvore genealógica”	<i>“Eu não lembro bem como foi, a única coisa que eu lembro é de ter feito uma árvore genealógica e foi bom, porque eu pude perguntar para meus familiares sobre a árvore”.</i>

Respostas de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental

PERGUNTA 01 - *“Nos anos iniciais do ensino fundamental, você recorda se estudou ou fez algum trabalho, atividade ou pesquisa sobre a rua de sua casa, sua comunidade, seu bairro ou sobre sua cidade? Se sua resposta for ‘sim’ relate como foi essa experiência?”*

Aluno (a)	Categoria	Nº de citação	Unidade de registro	Unidade de contexto
Sara	Atividade pesquisa sobre limpeza e manutenção do espaço do bairro	01	“quais famílias tinham cuidado com as ruas”	<i>“Sim, fiz uns trabalho sobre a diferença de famílias de nosso bairro. O trabalho perguntava o que você achava sobre seus vizinhos, quais famílias tinham cuidado com as ruas, sobre jogar lixo nas calçadas”</i>
Elizeu	Atividade sobre a cidade e família	01	“nossa cidade e nossa família”	<i>“Sim, uma vez o professor fez um trabalho sobre nossa cidade e nossa família”.</i>

PERGUNTA 02 - *Você julga importante estudar sobre a história do bairro Carananduba?*

() sim () não. Se você respondeu “sim”, justifique sua resposta.

Respostas negativas

Aluno	Categoria	Nº de Citação	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Suzy	Estudar história local não é importante.	03	“não”	“Eu não acho importante”
Júlia				“Não, porque nunca ouvi muito sobre onde eu moro”
Wander				“Eu acho que não, porque eu não acho importante estudar a história do meu bairro”
Sofia	Estudar história local pode ser importante para outra pessoa.	01	“para quem quiser saber é importante”	“Na verdade, para quem quiser saber é importante, mas para mim não”.
Mauro		01	“tem pessoas que pensam diferente”.	“Não acho importante estudar a história do bairro onde moro, mas tem pessoas que pensam diferente de mim”.
Sara	Estudar história local não é importante, mas é necessário.	01	“Não acho importante, mas...”	“Não acho importante, mas é necessário saber onde você mora para saber mesmo”.

Respostas afirmativas

Aluno	Categoria	Nº de Citação	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Fernanda	Estudar a história local para preservar a memória.	01	“nunca deixar a história morrer”	“É importante para todos saberem tudo o que já aconteceu com nosso bairro, saber como ele começou a existir, é importante sabermos as histórias para passar para outras pessoas e nunca deixar a história morrer”.

Arthur	Estudar história do local onde se mora é importante	02	“conhecer o lugar e a história”	<i>“Eu acho importante saber onde você mora, conhecer o lugar e a história dele”</i>
Márcia			“o bairro é importante”	<i>“Sim é importante, porque o bairro é importante para nós”.</i>
Ana	Estudar a história local para conhecer suas origens.	06	“Conhecer o [...] o que aconteceu”	<i>“É bom conhecer um pouco sobre o que aconteceu anos atrás no bairro em que moramos”</i>
Diana			“saber o que aconteceu antes”	<i>“Porque a gente precisa saber o que aconteceu antes lá e também é muito importante saber o que já aconteceu lá naquele lugar”</i>
Pedro			“descobrir como [...] criaram e o bairro”	<i>“Eu acho importante a história do meu bairro, porque eu sempre tive curiosidade de descobrir como descobriram e criaram o bairro onde moro”</i>
Paulo			“saber como começou a história desse bairro”	<i>“Sim, porque é muito importante saber como começou a história desse bairro, saber sobre a rua e o desenvolvimento, sobre essa história”</i>
Daniella			“sabermos mais sobre as pessoas”	<i>“É importante para sabermos mais sobre as pessoas que moraram lá, saber sobre quem construiu o bairro e saber mais sobre o nosso bairro”.</i>
Mauro			“você conhece coisas que não sabia”	<i>“Estudando a história do bairro você conhece coisas que não sabia, até mesmo coisas do seu passado, das pessoas que moraram lá antes de você, lugares que hoje são de um jeito, mas antes, eram de outro, além de ser muito legal conhecer coisas novas”.</i>
Silvia	Estudar história local pode ser útil	01	“pode ser útil para mim”	<i>“Estudando a história do meu bairro, talvez em algum momento pode ser útil para mim”.</i>

O que é paisagem?

Aluno	Categoria	Nº de Citação	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Katia	Paisagem formada por elementos da natureza	07	árvores, flores, igarapés, rios e ondas”	“Paisagem são arvores, flores, os igarapés, rios e ondas”.
Paloma			lugar bonito	“Paisagem é um lugar bonito cheio de árvores”.
Lana			pássaros, arvores, animais, praias”	“Paisagem é o que nós vemos, pássaros, árvores, animais, praia”.
Luis			é uma imagem com céus, flores e árvores”	“É uma imagem com céus, flores, árvores. Exemplo: quando estamos na praia e olhamos uma bela paisagem”.
Alan			pintura de uma árvore ou animais	“É uma miragem ou pode ser a pintura de uma árvore ou animais”.
Maria			é ar livre, a natureza	“A paisagem é o ar livre, a natureza, por exemplo, onde nós habitamos ou em volta de nós sempre encontramos paisagem”.
Carlos			o ar, as árvores, a água	“Paisagem é tudo o que nos vemos o ar, as árvores, a água”.
João	Paisagem como tudo que pode ser captado pelos sentidos.	04	aquilo que podemos ver, escutar e sentir.	“Paisagem é tudo aquilo que podemos, ver, escutar e sentir”.
Igor			“tudo o que eu posso ver”	“Paisagem eu acho que pode ser tudo o que eu posso ver”.
Fernanda			“está ao alcance da nossa visão”	“Paisagem é uma coisa que está ao alcance da nossa visão, na escola tem uma paisagem”.

O que é paisagem?

Aluno	Categoria	Nº de Citação	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Bruno	Paisagem como aquilo que a visão abarca	01	nossos olhos conseguem enxergar	<i>é tudo aquilo que nossos olhos conseguem enxergar.</i>
Mariana	Paisagem formada por elementos da natureza	05	“um local preservado”	<i>“Um local preservado e muito bonito de se ver, criado pela natureza”.</i>
Luis			uma vista natural	<i>“Uma vista natural com árvores, flores, praia, pássaros e etc”.</i>
Luiza			um local muito bonito	<i>“É quando você encontra um local muito bonito e esse local é chamado paisagem”.</i>
Juliana			produzida pela natureza	<i>“A paisagem é produzida pela natureza, por exemplo, o pôr-do-sol é uma paisagem muito linda, mas existem várias outras paisagens”.</i>
Amanda			Um local bonito	<i>“Paisagem é flor, árvore, um local bonito, um quadro pintado, paisagem é arte em um local”.</i>
Isaque	Paisagem formada por elementos naturais e por elementos construídos pelo homem.	02	uma casa, flor	<i>“Paisagem que pode ser uma casa, flor”.</i>
Deisiane			uma vista muito linda	<i>“É uma vista muito linda com casas, flores, árvores, etc”.</i>

TABELAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PERGUNTA 1 - “*Em seu planejamento, você reservou espaço para o estudo de questões locais, tais como estudo da comunidade, do bairro, cidade, etc.?*”.

Professor(a)	Categoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Professora Josi (5º ano)	Estudar sobre o bairro para identificar lugares de vivência.	“trabalhar questões do bairro [...] assim identificar lugares de vivência”	“ <i>Acho importante trabalhar as questões do bairro, principalmente em Mosqueiro, pois assim Identificamos diferentes lugares de vivência (casa, escola, praia, rua, bairro) com as diferenças e semelhanças entre cada um</i> ”.
Professora Leonice (1º ano)	Estudar sobre a história local para perpetuá-la	conhecer a história [...] a cultura local, perpetuando-a	“ <i>Conhecer mais sobre a história local, a vivência em sociedade, assim como valorizar a cultura local, perpetuando-a</i> ”.
Professora Carmem (3º ano)	Estudar história local para que o sujeito se reconheça como parte e agente transformador da	“o indivíduo [...] como parte de sua comunidade”	“ <i>Reconhecimento do indivíduo como parte de sua comunidade local, bem como, que suas ações podem e serão de grande impacto para a comunidade da qual faz parte</i> ”.
Professora Edenize (5º ano)	Estudar história local permite estabelecer	Relação entre o dia a dia e o que aprende	“ <i>Fazer relação entre o seu dia a dia e o que aprende na escola</i> ”.
Professora Juliana (2º ano)	relações entre o cotidiano do aluno e o conhecimento escolar.	é fundamental partir da realidade do educando.	“ <i>É fundamental partir da realidade do educando, pois sua própria história está entrelaçada com o local que vive</i> ”.

PERGUNTA 2 - “Se você respondeu ‘sim’, comente qual a importância de trabalhar questões relacionadas ao estudo do "local" com seus alunos e alunas?”.

Professor(a)	Categoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Professora Josineide	Metodologia com base no conhecimento prévio dos alunos e a utilização de recursos e fontes diversas, para aprendizado de nomes de ruas e geolocalização.	Compreender o que cada um entende como bairro.	<i>“Utilizo como metodologia primeiro uma conversa para compreender o que cada um entende como bairro e sempre utilizo os mapas do distrito, além do Google maps, em sala de aula, confecção de textos [...]cartazes e até os comprovantes de residências deles pra ensinar o CEP além do nome de ruas”.</i>
Professora Leonice	Metodologia com base no conhecimento prévio do aluno para debater temas voltados às atividades da comunidade.	Saber o que eles já conhecem sobre suas realidades	<i>Para maioria dos temas, busco primeiramente, por meio de conversa, saber o que eles já conhecem sobre suas realidades, para seguirmos debatendo os temas com um olhar mais voltado as atividades de sua comunidade. Há também a solicitação de pesquisas em fontes bibliográficas, internet e com familiares e pessoas de toda comunidade.</i>
Professora Juliana	Metodologia com base em rodas de conversas sobre costumes locais.	Costumes locais, família, no bairro	<i>“Roda de conversa sobre costumes locais, na família, no bairro, assim como pesquisas a respeito da tradição de um povo (principalmente nas datas comemorativas)”.</i>
Professora Carmem	Metodologia partindo do contexto de vivência para compreender a percepção e as relações dos alunos com o local.	Verificar que forma eles [alunos] enxergam a comunidade	<i>Abordo desde o primeiro dia de aula na apresentação explorando a oralidade e desenhos. E no decorrer das aulas abordamos os seguintes temas: Com quem moram, se tem algum colega na sala que mora perto, parentesco, qual a forma de locomoção para chegar a escola, desenho da casa deles dos vizinho da direita e da esquerda, que frutas tem por perto, desenho da rua em que moram e também da casa dos avós, os animais, falam sobre a igreja e a hora que a frequentam, o que é mais bonito perto da casa, o que falta para ficar melhor, as brincadeiras etc. É uma forma de conhecer e verificar de que forma eles enxergam a comunidade que estão inseridos.</i>

APÊNDICE D

Modelo de Carta de cessão

Ao final de todas as entrevistas realizadas os entrevistados assinavam o documento a seguir, autorizando o uso de suas imagens.

A finalidade do documento era explicada aos entrevistados a fim de que não restasse dúvida sobre o motivo da entrevista e a posterior utilização do material coletado.

CARTA DE CESSÃO

Eu _____, residente e domiciliado (a) em _____

_____, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz, captada através das mídias convencionais, como aplicativos de gravação de vídeos de smartphones, para a uso não comercial em trabalhos acadêmicos, documentários, ou outros meios de publicação da pesquisa, por prazo indeterminado. Além disso, afirmo que não concedo permissão para qualquer tipo de comercialização de minha imagem, sendo seu uso específico à dimensão propositiva do projeto de mestrado, intitulado “História local e ensino de história: as memórias da paisagem do bairro Carananduba, na ilha de Mosqueiro, Belém Pará”, bem como à construção de narrativa da dissertação resultante da pesquisa realizada com o referido projeto, à apresentação do trabalho em eventos acadêmicos

Assinatura do participante da pesquisa

Professor – pesquisador.

Mosqueiro, ____ de _____ de 2022.